

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

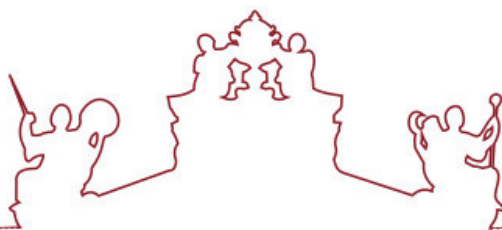
**Experiência da Adoção: Estudo Exploratório com Jovens
Adultos Portugueses**

Diana Gomes Freitas

Orientador(es) | Helderina Samutelela Pires

Évora 2025





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

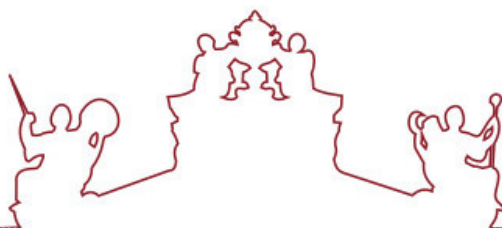
**Experiência da Adoção: Estudo Exploratório com Jovens
Adultos Portugueses**

Diana Gomes Freitas

Orientador(es) | Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2025





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Sofia Alexandra Tavares (Universidade de Évora)

Vogais | Dora Isabel Fialho Pereira (Universidade da Madeira) (Arguente)
Heldemerina Samutelela Pires (Universidade de Évora) (Orientador)

Agradecimentos

Sinto que foi ontem que recebi o tão esperado *e-mail* que me destinava os futuros 5 anos da minha vida. Aperceber-me que iria sair do conforto do meu seio familiar e da minha ilha, com uns simples 17 anos de idade, foi como levar um murro no estômago, admito. Olhando para trás gostaria de poder abraçar aquela menina assustada e dizer-lhe a verdade – Não será fácil, mas vai valer a pena.

Terminando agora o meu percurso académico e refletido sobre o mesmo, percebo que cresci, aprendi e vivi mais do que algum dia poderia imaginar. Tal não seria possível sem as pessoas incríveis que me acompanharam, guiaram e aconselharam sempre que foi preciso. Particularmente, desejo agradecer do fundo do meu coração...

À Prof.^a Doutora Heldemerina Pires, por ter sido a melhor orientadora que poderia ter pedido. Enquanto alunos, receamos não nos identificarmos com os nossos orientadores e não termos o acompanhamento esperado por parte dos mesmos. Pude respirar de alívio quando percebi que poderia contar com uma professora dedicada e disponível. Agradeço ainda por toda a ajuda, compreensão e apoio.

Aos participantes do meu estudo, que disponibilizaram o seu tempo para conversar comigo e partilharem histórias de vida, por vezes marcadas por traumas e outros assuntos sensíveis de serem partilhados com uma estranha. Agradeço também a todas as pessoas que espalharam e partilharam o meu estudo.

Aos meus colegas e amigos que me acompanharam e ajudaram sempre, mesmo quando eles próprios se encontravam em momentos desafiadores. Agradeço em particular à Edmara, à Linda, ao Alexandre, à Carolina, à Jéssica, ao Ricardo, à Joana e ao Tomás.

Ao Emanuel, meu psicólogo, que apareceu na vida num momento tão difícil, que me ajudou a levantar quando mais precisei e que nunca deixou de acreditar em mim e nas minhas capacidades. Ao Patrício e ao Dr. Sérgio que ao longo deste processo, me ajudaram a lidar com um diagnóstico de Perturbação Obsessiva-Compulsiva e me fizeram verdadeiramente compreender que psicólogos também são pessoas.

À minha família, mãe, pai, David, João, Carlos, Vera, Mateus, Maria João e Joana. Não há palavras que descrevam a minha gratidão por vos ter na minha vida. Vocês são a minha maior alegria e a minha maior fonte de apoio. Amo-vos.

A todos fica o meu Muito Obrigada!

Experiência da Adoção: Estudo exploratório com jovens adultos portugueses

Resumo

Este estudo explora a experiência de adoção a partir da perspetiva de jovens adultos portugueses, focando-se nas transformações, desafios, estratégias de adaptação familiar e desenvolvimento do sentimento de pertença ao longo desse processo. Participaram 9 sujeitos adotados tardiamente, 6 do género feminino e 3 do género masculino, com idades entre os 18 e os 25 anos. Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas e analisados com recurso à análise de conteúdo. De um modo geral, os resultados relevam a presença de sentimentos positivos, como amor e pertença, sobretudo quando os/as participantes experimentaram uma comunicação aberta e apoio no seio familiar. Surgiram também experiências de rejeição, abuso e dificuldades na integração familiar e social. A adoção foi, maioritariamente, percecionada como uma oportunidade de recomeço, com múltiplos benefícios. O estudo sublinha a importância do acompanhamento psicológico, da abertura na comunicação e da preparação familiar, recomendando mais estudos com amostras diversificadas e abordagens longitudinais.

Palavras-chave: Adoção tardia; Transformações; Desafios; Estratégias de adaptação familiar; Sentimento de pertença.

Adoption Experience: Exploratory study with portuguese young adults.

Abstract

This study explores the adoption experience from the perspective of portuguese young adults, focusing on the transformations, challenges, family adaptation strategies, and the development of a sense of belonging throughout the adoption process. Nine late adoptees participated: six females and three males, aged between 18 and 25. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed using content analysis. Overall, the results reveal the presence of positive feelings, such as love and belonging, especially when participants experienced open communication and support within their families. Experiences of rejection, abuse, and difficulties in family and social integration also emerged. Adoption was mostly perceived as an opportunity for a fresh start, with multiple benefits. The study emphasizes the importance of psychological support, open

communication, and family preparation, recommending further studies with diverse samples and longitudinal approaches.

Keywords: Late adoption; Transformations; Challenges; Family adaptation strategies; Sense of belonging.

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	v
1. Introdução e Enquadramento Teórico	1
1.1. Introdução	1
1.2. A Adoção.....	2
1.3. Motivações à Adoção	3
1.4. Modelos de Adoção.....	5
1.5. Processo de Adoção em Portugal	9
1.6. Benefícios da Adoção e da Não Institucionalização	10
1.7. Famílias Adotivas	12
1.8. A Experiência de Adoção do Adotado	13
1.9. A Experiência de Adoção da Família.....	16
1.10. A Devolução de Crianças e Adolescentes Adotados	19
2. Objetivos	21
3. Método	21
3.1. Participantes	21
3.2. Instrumento	22
3.3. Procedimentos de Recolha dos Dados.....	23
3.4. Procedimentos de Análise dos Dados	24
4. Apresentação dos Resultados.....	25
4.1. Tema A: Transformações verificadas com o Processo de Adoção	26
4.2. Tema B: Principais Desafios da Adoção.....	27
4.3. Tema C: Estratégias desenvolvidas para a Adaptação Familiar	29
4.4. Tema D: Sentimento de Pertença na Família Adotiva	30
4.5. Tema E: Benefícios da Adoção	31

4.6. Tema F: Perspetiva em relação à Adoção	33
5. Discussão dos Resultados	34
6. Conclusões	47
Referências Bibliográficas	52
Anexos	60
Anexo A – Guião da Entrevista.....	60
Anexo B – Consentimento Informado.....	64
Anexo C – Descrição dos Resultados	66
Anexo D – Perspetiva Global das Entrevistas	117

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caraterização dos/das participantes no estudo.....	21
Tabela 2. Resultados - Tema A: Transformações verificadas com o Processo de Adoção.....	26
Tabela 3. Resultados - Tema B: Principais desafios da adoção.....	27
Tabela 4. Resultados - Tema C: Estratégias desenvolvidas para a adaptação familiar..	29
Tabela 5. Resultados - Tema D: Sentimento de pertença na família adotiva.....	30
Tabela 6. Resultados – Tema E: Benefícios da adoção.....	31
Tabela 7. Resultados – Tema F: Perspetiva em relação à adoção.....	33

1. Introdução e Enquadramento Teórico

1.1. Introdução

A adoção é um fenómeno complexo que vai além do simples ato de inserir uma criança em uma família diferente da biológica. Trata-se de uma prática marcada por experiências passadas, interações, desafios e pela reconstrução da identidade tanto dos adotados quanto dos adotantes (Peixoto et al., 2019). A adoção tem sido percebida como uma outra opção à institucionalização, principalmente para crianças e adolescentes em situação de risco, incentivando a inserção deles em lares mais seguros e favoráveis ao seu desenvolvimento saudável (Alves & Hueb, 2022).

Conforme apontado por Anthony et al. (2019), os estudos científicos sobre adoção têm-se focado na vivência das famílias adotivas e nas perspetivas das instituições e profissionais envolvidos. A visão dos adotados, particularmente após a transição para a vida adulta, costuma ser desconsiderada. Essa brecha na literatura suscita questões relevantes sobre como esses jovens experienciam a adoção e quais as implicações no seu desenvolvimento pessoal e relacional (Silva & Vendruscolo, 2021).

Tendo em consideração esta lacuna, o objetivo deste estudo é investigar a experiência de adoção de jovens adultos portugueses que foram adotados tardiamente durante a infância. Assim, torna-se possível entender as transformações que ocorreram no processo de adoção, os desafios enfrentados durante e após a adoção, as táticas empregadas para a adaptação da criança à nova família e as particularidades relacionadas ao desenvolvimento do sentimento de pertença, aceitação e confiança por parte da criança adotada.

Ademais, as narrativas destes jovens adultos contribuem para a compreensão da formação de laços afetivos nas famílias de adoção, e permitem identificar possíveis obstáculos que, em algum momento, possam ter comprometido a total adaptação da criança adotada à sua nova configuração familiar (Brodzinsky et al., 2022). Estas informações são extremamente pertinentes para o aprimoramento das práticas e políticas de adoção no nosso país.

A dissertação está organizada em cinco seções, sendo a primeira a introdução e enquadramento teórico que fundamentam o estudo. De seguida, é apresentada a metodologia selecionada, descrevendo os objetivos principais e específicos,

caraterísticas dos/das participantes, o instrumento desenvolvido e utilizado, a recolha de dados e os procedimentos de análise de dados. Por fim, as conclusões gerais da dissertação são apresentadas, juntamente com algumas reflexões sobre as contribuições do estudo e propostas para futuras pesquisas.

1.2. A Adoção

A adoção é uma medida de proteção da criança ou adolescente, que passou por um rompimento de vínculos com os seus familiares de origem (Peixoto et al., 2019). Esta medida, permite também atender aos desejos de maternidade/paternidade de pessoas cuja gestação de filhos biológicos não é um desejo ou uma possibilidade (Peixoto et al., 2019). De acordo com Ladvocat (2020) e Monteiro e Oliveira, (2021), a adoção só é possível após uma rigorosa análise da situação da criança, onde se chega à conclusão de que não existem condições para que a criança volte a estar aos cuidados da sua família de origem.

Quando a adoção começou a ser praticada pela população Romana, antes da sua legalização, as famílias adotivas não tinham em consideração os interesses do adotado, nem davam prioridade ao desenvolvimento de laços afetivos entre o adotante e o adotado (Anjos & Iop, 2021). A adoção era considerada como uma forma de sucessão de bens, de continuidade familiar e, também, como uma forma de atender aos desejos de ordem religiosa e obter tranquilidade após a morte (Silva et al., 2019). Quando a adoção era realizada apenas como ato de caridade por famílias que já tinham filhos biológicos, era comum que os filhos adotivos fossem denominados como “filhos de criação” e não tivessem os mesmos direitos que os restantes filhos (Coqueiro & Nascimento, 2021).

A prática legal da adoção foi reconhecida pela primeira vez no Egito, no primeiro código de leis da História, conhecido como Código de Hamurabi (1728-1686AC) (Weber, 2001). Neste contexto socio-histórico, a adoção, altamente relacionada com as crenças religiosas, era realizada sobretudo por famílias que não tinham descendentes (Silva et al., 2019).

O conceito de adoção, as suas caraterísticas e objetivos têm vindo a sofrer transformações ao longo da história, influenciadas por um conjunto de aspetos sociais, jurídicos, psicológicos e culturais (Silva et al., 2019). Atualmente, a adoção foca-se sobretudo no bem-estar da criança ou jovem adotada/o, implicando uma avaliação pormenorizada e perlongada das condições financeiras, habitacionais, emocionais e

comportamentais da pessoa ou casal que pretende adotar, bem como das suas motivações e expectativas em relação à adoção (Silva et al., 2019; Coqueiro & Nascimento, 2021).

A família pode ser considerada como algo que ultrapassa os laços da consanguinidade e que se destaca pela partilha de sentimentos de amor, compreensão, pertença e cuidado entre os seus membros (Alves & Hueb, 2022). Assim, a adoção na contemporaneidade, é entendida como uma forma de desenvolver família ou aumentá-la, mas sobretudo como uma forma de proporcionar às crianças e adolescentes institucionalizadas/os um lugar seguro onde serão livres para experienciar afetos, frustrações, desejos e expectativas e de proporcionar um pai ou uma mãe às crianças e adolescentes que têm apenas uma figura parental (Alves & Hueb, 2022, Rinaldi, 2017).

A adoção pode ser realizada por uma única pessoa ou por casais. Uma pessoa solteira, casada, viúva ou em união de facto poderá adotar uma criança ou adolescente entre os 30 e os 60 anos. Poderá fazê-lo a partir dos 25 anos apenas se o adotado for filho/a do seu cônjuge. Casais, independentemente dos sexos, que sejam casados ou que vivam em união de facto há pelo menos 4 anos, poderão adotar entre os 25 e os 60 anos. É importante realçar que a adoção só poderá ocorrer se a diferença de idades entre o/a candidato/a à adoção e a criança ou adolescente adotada/o não for superior a 50 anos. Nos casos em que o adotante já tem 60 anos, este apenas poderá adotar se o adotado lhe tiver sido confiado antes de cumprir 61 anos ou se for seu enteado (PSP, 2024b).

1.3. Motivações à Adoção

Apesar da infertilidade ou impossibilidade de ter filhos biológicos ser uma das motivações à adoção mais mencionadas na literatura, existem distintas motivações que levam ao desejo de ser mãe ou pai através da adoção (Levinzon, 2020; Sampaio et al., 2020). Novas configurações familiares têm promovido e favorecido a adoção enquanto maneira de constituir família, mesmo quando não existem problemas de fertilidade. São exemplos, as famílias monoparentais e as famílias homoafetivas, que optam pela adoção como forma de construir uma família com filhos, mesmo podendo optar por outros métodos que lhes permitam ter filhos biológicos (Sampaio et al., 2020).

Santos e Lago (2020) e Sampaio et al. (2020), destacam na literatura um conjunto de outras motivações à adoção que podem surgir em simultâneo, nomeadamente, (1) desejo de escolher o sexo da criança, (2) ser pai ou mãe de uma

criança mais velha, que pode surgir devido à pouca disponibilidade para atender às necessidades de um recém-nascido ou devido às próprias inseguranças relativamente às suas competências para cuidar de um bebê, (3) ajudar uma criança ou jovem institucionalizado, (4) oferecer companhia a um filho único, (5) preencher ou substituir o lugar de um filho biológico falecido, (6) ter alguém para cuidar quando os filhos biológicos já são independentes e autônomos e (7) preencher a solidão.

Sampaio et al. (2020) referem que o projeto de constituição de família, tanto com filhos biológicos como com filhos adotivos, pode ter uma essência narcísica que deve ser entendida. No caso das famílias adotivas, o narcisismo dos pais espelha-se não só através das suas motivações para adotarem uma criança, mas também nas suas preferências que os leva a definir e a escolher certas características no filho adotivo (Sampaio et al., 2020).

A literatura (Ladvocat, 2020; Mahl et al., 2011) refere que a grande maioria dos adotantes tem preferência por bebês que sejam da mesma etnia (sobretudo bebês caucasianos) e do género feminino. O desejo por bebês está associado à crença de que o bebê não trará uma bagagem repleta de traumas e lembranças de uma vida passada, sendo mais fácil transmitir-lhe os valores familiares e integrá-lo no seio familiar (Ladvocat, 2020). O desejo por crianças da mesma etnia reflete as fantasias dos pais, de que o filho será o mais parecido possível com a família adotiva, não sendo evidente que é adotado (Mahl et al., 2011). Por outro lado, o desejo por meninas relaciona-se com a crença de que uma menina será mais contida e mais facilmente educada do que um menino (Ladvocat, 2020; Mahl et al., 2011).

As motivações à adoção e as preferências dos pais por crianças com determinadas características irão influenciar o desenvolvimento da qualidade e tipo de vínculo entre os pais adotivos e a criança/jovem adotada/o (Sampaio et al., 2020). Em muitos casos, quando se dá a adoção, o vínculo afetivo entre os pais e os filhos torna-se tão forte que permite neutralizar determinadas motivações, preferências ou fantasias inadequadas (Santos & Lago, 2020). Todavia, é essencial que sejam prevenidas possíveis frustrações dos pais após a adoção, perante o que possa ter sido idealizado a respeito da parentalidade e da filiação e a realidade com que se deparam (Santos & Lago, 2020).

Santos e Lago (2020), referem que os casais adotantes, cuja principal motivação à adoção passa pelas dificuldades de conceção, devem procurar realizar o luto da fertilidade previamente à conclusão da adoção, com o intuito de não prejudicar o futuro

relacionamento com o infante. Além disso, os casais também devem enfrentar a frustração de não encontrarem, no seu futuro filho, os seus traços hereditários (Ladvocat, 2020).

1.4. Modelos de Adoção

O ato de adoção de uma criança ou adolescente pode ser categorizado em distintos tipos ou modelos de adoção, de acordo com as características dos adotantes ou do próprio adotado. Tanto Levinzon (2020) como Baldessar e Castro (2020), destacam um conjunto de modelos de adoção que apresentam algumas particularidades, nomeadamente, adoção conjunta (por casais); adoção monoparental (por uma pessoa solteira); adoção unilateral (por um dos elementos do cônjuge); adoção homoparental (por cônjuges do mesmo sexo); adoção por pessoas mais velhas; adoção precoce (de crianças com menos de dois anos); adoção tardia (de crianças com mais de dois anos); adoção de crianças portadoras de deficiência; adoção inter-racial, adoção internacional e adoção *intuitu personae*.

A adoção conjunta refere-se à adoção de crianças ou adolescentes por duas pessoas, independentemente dos sexos, que se encontram legalmente casadas ou em união de facto há pelo menos 4 anos (PGDL, 2018). É indispensável que o vínculo entre o casal adotante esteja bem definido para que a adoção prossiga, uma vez que, tal como refere Nucci (2018) “a adoção tem a finalidade de formar uma família para o adotado, não sendo ela uma relação de dois amigos, que fazem a caridade de ‘adotar’ alguém necessitado”.

Ao contrário da adoção conjunta, na adoção monoparental apenas uma pessoa é a responsável legal da criança ou adolescente (Biasutti & Nascimento, 2021). Na adoção monoparental, o pai ou mãe exerce a sua parentalidade, sem os conflitos associados às divergências do casal em relação à educação do filho. Em contrapartida, o adotante não tem a possibilidade de dividir com um/a parceiro/a, as suas dúvidas e ansiedades inerentes ao processo de adoção e à criação de um infante (Levinzon, 2020). Levinzon (2020) acrescenta que neste modelo de adoção, é comum o adotante prestar tanta dedicação ao filho, que acaba por deixar de parte as suas necessidades amorosas e sexuais e até mesmo por desinvestir nas restantes relações sociais. Por esse motivo, é essencial que tanto os pais como os filhos tenham espaço para explorar a sua individualidade e privacidade, mesmo quando a família nuclear é composta apenas por duas pessoas.

Segundo Sauer e Ningelinki (2020), a adoção unilateral é entendida como um modelo de adoção em que um dos cônjuges adota o/a enteado/a, passando a exercer o papel de pai ou mãe da respetiva criança ou adolescente. Neste modelo de adoção, um dos genitores permanece com o seu vínculo parental inalterado, tendo como função apenas consentir com a adoção. A adoção unilateral é muito comum, especialmente em famílias monoparentais onde um dos progenitores faleceu ou não assume as suas funções parentais e o único responsável pela criança volta a casar ou unir-se com outro/a parceiro/a. Em muitos casos, o adotante é a única figura paternal ou maternal que a criança conheceu ao longo da sua vida (Sauer & Ningelinki, 2020).

A adoção homoparental consiste na adoção de uma criança ou de um adolescente por um cônjuge do mesmo sexo. Este modelo de adoção é um dos mais recentes em todo o mundo, tendo sido legalizado pela primeira vez em Espanha, no ano 2005 (Miola & Moura, 2010). Em Portugal a adoção por casais homossexuais é permitida desde 2016¹, contudo, continua a ser um modelo de adoção que ainda sofre grande preconceito pela população em geral. Como tal, é essencial que os pais ou as mães adotivos/as preparem a criança ou adolescente para estar segura/o em relação à sua estrutura familiar e ser capaz de lidar com o possível preconceito e pressão social que poderá sentir (Levinzon, 2020).

A discriminação de famílias homoparentais surge muitas vezes de crenças erradas e enraizadas, que surgem de uma sociedade desinformada e preconceituosa (Viana et al., 2022). Crenças de que uma criança apenas formará uma identidade saudável se for criada por pais heterossexuais, ou de que existe uma maior probabilidade de sofrer abusos sexuais pelos cuidadores, ou ainda de que a criança será influenciada pelos pais a se tornar homossexual (Levinzon, 2020). A literatura indica-nos que crianças adotadas por casais homossexuais apresentam um desenvolvimento semelhante às crianças adotadas por casais heterossexuais e que existe uma maior frequência de abusos sexuais por parte de pais heterossexuais. Além disso, a identidade sexual da criança ou adolescente dependerá de um conjunto complexo de fatores genéticos e ambientais (Levinzon, 2020).

A adoção por pessoas mais velhas, por norma está associada à adoção por pessoas com 50 anos ou mais que, por diversos motivos, decidem adotar uma criança ou adolescente. De acordo com Levinzon (2020), este modelo de adoção pode

¹ Lei n.º2/2016 - Eliminação das discriminações no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais relações jurídicas familiares.

apresentar algumas vantagens, nomeadamente, os pais terem uma maior estabilidade financeira, serem emocionalmente mais maduros, ou terem mais tempo disponível para o filho. Por outro lado, existem outros fatores que podem ser desencadeadores de problemas, como por exemplo, o facto de existir uma maior probabilidade de adoecimento ou falecimento dos pais antes da criança ser adulta. Levinzon (2020) acrescenta que esse tema deve ser discutido com naturalidade e que os pais devem tranquilizar o infante, garantindo-lhe que se tal acontecer este não ficará desamparado.

Entende-se por adoção precoce todas as adoções de crianças até aos dois anos de idade e por adoção tardia todas as adoções de crianças com idades superiores a dois anos. A esmagadora maioria dos candidatos à adoção tem preferência por adoções precoces, o que fomenta as longas filas de espera por parte dos adotantes que aguardam por crianças com tais características, bem como o sentimento de desesperança de crianças mais velhas e adolescentes que aguardam por uma família adotiva (Silva, et al., 2023).

O termo *adoção tardia* pode transmitir a ideia de que a adoção ocorreu “fora do tempo” e que “no tempo correto” seria somente a adoção de recém-nascidos. Por esse motivo, o conceito tem vindo a ser contestado por alguns teóricos que consideram a expressão *adoção de crianças mais velhas ou de adolescentes* mais correta e com menor probabilidade de ser induzida ao erro - ambos os termos serão utilizados na presente investigação (Pires & Sales, 2020; Levinzon, 2020).

De acordo com Baldessar e Castro (2020), na adoção tardia, os pais adotivos integram na sua família uma criança que, por norma, já fala e se alimenta sozinha, e que trás consigo uma história de vida difícil que deve ser compreendida e acolhida. Essa história de vida pode ser marcada por traumas de abandono, agressão, violência, negligência, sofrimento e tristeza que irão influenciar a sua adaptação e integração à nova família, casa, escola e rotina. Levinzon (2020), sugere que os pais ofereçam aos filhos um ambiente familiar estável e que permitam que se mantenham possíveis elos afetivos saudáveis entre a criança e a família biológica ou com as pessoas que faziam parte da instituição onde esteve acolhida.

Levinzon (2020) refere que nos modelos de adoção tardia, a adoção deve ser entendida como um novo nascimento, cujo “parto” é muitas vezes difícil e demorado, exigindo dos pais muito amor, esforço, paciência e dedicação. Pordeus e Viana (2020), acrescentam que na adoção de uma criança mais velha ou de um adolescente, é essencial que pais e filhos procurem dar um novo significado ao passado, sem precisar

de o apagar ou esquecer, com o objetivo de configurar uma nova história integradora. Por vezes, este é um processo longo onde as famílias adotivas devem beneficiar de acompanhamento psicológico especializado, que ajude os pais a prevenir turbulências e a tomar medidas adequadas e os filhos a lidar com os traumas do passado e a adaptar-se tranquilamente às mudanças inerentes à adoção (Levinzon, 2020).

A adoção de crianças portadoras de deficiência inclui a adoção de crianças com deficiências físicas e mentais, síndromes, doenças, infeções [por exemplo, infeção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV)], problemas motores, neurológicos e/ou ortopédicos, bem como possíveis sequelas de maus-tratos (Levinzon, 2020). É de extrema importância que os pais tenham conhecimento dos problemas de saúde do filho adotivo e se comprometam a prestar todos os cuidados e investimentos necessários à promoção da saúde e bem-estar da criança ou adolescente (Levinzon, 2020). Ao contrário dos pais biológicos de crianças portadoras de deficiência, os pais adotivos que optam por este modelo de adoção, escolheram ter um filho com tais características e, por esse motivo, prepararam-se antecipadamente para enfrentar as dificuldades e desafios acrescidos subjacentes ao cuidado destes infantes (Levinzon, 2020).

Lino e Marafon (2023) definem o modelo de adoção inter-racial, como aquele onde existem diferenças étnico-raciais entre pais e filhos adotivos. Embora existam correntes que não defendem a adoção inter-racial, pois consideram que a criança será afastada das suas raízes culturais, a literatura científica comprova que estas adoções demonstram ser tão bem-sucedidas quanto as adoções de crianças ou adolescentes com a mesma etnia que os pais (Levinzon, 2020). Todavia, este modelo de adoção apresenta os seus desafios particulares, associados à grande possibilidade de a criança vir a enfrentar expressões de discriminação social ou ela própria se sentir diferente da sua família e/ou comunidade. Na adoção inter-racial, é essencial que a família adotiva valorize a herança cultural de origem biológica da criança e lhe permita ter contacto com pessoas da sua própria etnia e acesso a brinquedos, livros e produtos artísticos que representem a sua raça (Lino & Marafon, 2023; Levinzon, 2020).

A adoção internacional, exige um processo de cooperação entre dois Estados, para que a criança ou adolescente se desloque do seu país de residência atual, para um outro país, com o objetivo de ser adotado por uma família residente no país de destino (PSP, 2024a). Portugal é país de acolhimento de crianças de outros países e é, simultaneamente, país de origem de crianças aptas à adoção internacional, quando a sua adoção a nível nacional não se mostra viável. Para a adoção internacional, os pais

adotivos passam por uma avaliação semelhante à avaliação para adoção nacional, mas que avalia adicionalmente a sua capacidade de lidar com diferenças culturais (PSP, 2024a). Reis e Filho (2023), acrescentam que apesar de existir uma grande avaliação dos pais e preparação para a chegada do filho adotivo, nas adoções internacionais é comum a criança ou adolescente sofrer um choque cultural inicial, que deve ser compreendido e amenizado pela família adotiva.

No modelo de adoção *intuitu personae*, também conhecido como adoção consensual ou adoção pronta, os pais adotivos são escolhidos minuciosamente pelos pais biológicos do infante. Esta forte intervenção dos pais biológicos, ocorre quando os mesmos identificam uma pessoa ou um casal, com quem já possuem vínculos de amizade, que consideram ter melhores condições financeiras, habitacionais e/ou emocionais para criar e proporcionar afeto, cuidados e um futuro melhor à criança em questão (Sauer & Ningelinki, 2020).

De acordo com Levinzon (2020), o modelo de adoção *intuitu personae* gera alguma controvérsia, pois é considerado por alguns como uma forma de acelerar o processo de adoção e “passar à frente” de candidatos à adoção que se encontram em fila de espera. Por outro lado, há quem considere que quando todos os cuidados éticos são tomados e os pais escolhidos mostram estar aptos à adoção, que este modelo de adoção é uma mais-valia, pois é uma forma de evitar que a criança viva situações de separação traumática e espera por uma família. Além disso, permite que os pais biológicos se sintam menos culpados por entregarem a criança e que os pais adotivos experienciem as emoções associadas à preparação para a chegada do bebé (Levinzon, 2020).

1.5. Processo de Adoção em Portugal

Para adotar uma criança ou adolescente em Portugal, a pessoa ou casal que se candidata à adoção, primeiramente, deverá deslocar-se ao serviço da Segurança Social da zona do país onde reside. De seguida, deve comparecer à sessão informativa do Plano de Formação para a Adoção para adquirir informações sobre os objetivos da adoção, sobre tudo aquilo que é necessário para poder realizar a adoção e sobre o processo de adoção, incluindo todos os documentos e formulários obrigatórios. Posteriormente, a pessoa ou casal deverá apresentar a sua candidatura à adoção e entregar todos os documentos pedidos nos serviços de adoção da Segurança Social (PSP, 2024b).

Quando a candidatura à adoção e os documentos inerentes à mesma são entregues na Segurança Social, os serviços iniciam um processo de avaliação que pode levar até 6 meses e que inclui uma avaliação psicossocial através de entrevistas, testes psicológicos e visitas domiciliárias, para confirmar se existem ou não as condições necessárias à adoção. Assim que a avaliação se dá por terminada, se a pessoa ou casal reunir as condições necessárias, é colocada/o numa lista de espera nacional até que exista uma criança ou adolescente com as características definidas pelo/s pretendente/s. Quando tal acontece, os técnicos sociais apresentam uma proposta de adoção à pessoa ou casal que se candidatou à adoção e é definido um período para que tome uma decisão (PSP, 2024b).

Os pretendentes à adoção que optam por aceitar a proposta, passam primeiro por um período de transição que tem como objetivo permitir que o/s adotante/s e o/s adotado/s se conheçam e passem algum tempo juntos. Neste período, os técnicos sociais avaliam se existem condições para que seja construída uma relação de afeto entre os envolvidos (PSP, 2024b). De seguida, a família adotiva entra num período de adaptação familiar “pré-adoção”, denominado estágio de convivência e com duração de 6 meses (Fernandes & Santos, 2019). Nesta etapa os pais adotivos e o/a filho/a poderão conviver e construir vínculos parento-filiais, enquanto são acompanhados por técnicos especializados como psicólogos e assistentes sociais (Fernandes & Santos, 2019). Este é um período sensível para a família, uma vez que ainda existe muita expectativa por parte dos pais sobre a criança idealizada, bem como por parte do/a filho/a que espera encontrar a família perfeita (Oliveira & Maux, 2021; Peixoto et al., 2019).

Assim que o estágio de convivência se dá por terminado e a avaliação efetuada pelos técnicos sociais indica que a integração do adotado na nova família ocorreu de uma forma adaptativa, é realizado um pedido a tribunal para que a criança ou adolescente seja reconhecida/o definitivamente como filha/o do/s adotante/s. A adoção torna-se definitiva assim que o tribunal fornecer uma resposta positiva ao pedido efetuado. Depois do tribunal emitir uma sentença de reconhecimento, a família poderá solicitar apoio e acompanhamento por parte dos serviços da Segurança Social, até a criança ou adolescente adotada/o completar 21 anos (PSP, 2024b).

1.6. Benefícios da Adoção e da Não Institucionalização

De acordo com Baptista et al. (2013a), é comum as instituições de acolhimento não serem capazes de satisfazer as necessidades individuais dos menores que lá vivem, o que tem um impacto negativo no desenvolvimento físico, neurobiológico,

cognitivo e emocional dos mesmos. Estas dificuldades ocorrem por diversos fatores como, (1) número de técnicos e educadores insuficiente para fazer face à grande proporção de crianças e/ou adolescentes institucionalizados e (2) frequentes mudanças de turno, que não permitem que as crianças e/ou adolescentes se adaptem a um grupo de cuidadores estável e, por sua vez, realizem em conjunto atividades de promoção do desenvolvimento saudável, adaptadas às suas necessidades, dificuldades e competências individuais (Baptista et al., 2013a, Gonçalves et al., 2021).

A integração de crianças e/ou adolescentes institucionalizados em famílias adotivas apresenta inúmeros benefícios no crescimento e desenvolvimento dos mesmos (Baptista et al., 2013b, Levinzon, 2020). As evidências científicas indicam que estas crianças e jovens tendem a experienciar um conjunto de mudanças positivas e significativas ao nível do desenvolvimento físico, cognitivo e sócio emocional, quando comparadas com crianças e jovens que permaneceram institucionalizados (Baptista et al., 2013b). Além disso, os estudos indicam que a integração no seio familiar, é um forte preditor de vinculações mais seguras e diminuição dos problemas de comportamento a longo prazo (Relvas & Alarcão, 2002; Baptista et al., 2013b).

Baptista et al. (2013b) referem que crianças e adolescentes institucionalizados tendem a apresentar valores mais baixos, em diferentes parâmetros do crescimento, quando comparados com crianças ou adolescentes da mesma idade que vivem com a família biológica. Por norma, estas crianças e adolescentes quando são adotados por famílias capazes de lhes proporcionar todos os cuidados que teriam sido privados anteriormente, evidenciam mudanças significativas ao nível do comprimento, peso e perímetro cefálico (medida indireta do crescimento do cérebro), poucos meses depois à integração em contexto familiar (Johnson, 2000).

Quando comparadas com crianças que sempre viveram com a família biológica, alguns estudos indicam que as crianças adotadas tendem a apresentar um ligeiro atraso, em termos de linguagem, memória e funções executivas (Van IJzendoorn et al., 2005; Pollak et al., 2010; Bauer et al., 2009). Por outro lado, quando comparadas com crianças que permaneceram institucionalizadas, o desenvolvimento cognitivo das crianças adotadas demonstra ganhos consideráveis alguns meses após a adoção, alcançando por vezes, uma completa recuperação após dois anos de convivência familiar (Baptista et al., 2013b).

Diversos estudos indicam que é comum crianças recentemente adotadas apresentarem um padrão de comportamentos associados às Perturbações do Espectro

do Autismo, que se desenvolvem devido às experiências prévias de separação, de abandono e de perda e/ou devido às condições de privação social experienciadas em contexto institucional (Kumsta et al., 2010). Este padrão pode incluir estereotípias, como a repetição automática dos movimentos e o balançar do corpo, preocupação exagerada por interesses particulares e dificuldades ao nível da reciprocidade social e da comunicação. Baptista et al. (2013b) indicam que a relação de vinculação segura que se vai construindo gradualmente entre a criança e a família adotiva, proporciona um desenvolvimento sócio emocional adaptativo e saudável e a diminuição e/ou eliminação deste padrão comportamental do tipo autístico.

De acordo com Baptista et al. (2013a), as mudanças positivas ao nível do desenvolvimento físico, cognitivo e sócio emocional das crianças após a adoção, são influenciadas por diversas variáveis como as experiências pré-natais, a qualidade dos cuidados prestados antes da adoção, a qualidade do ambiente familiar após a adoção e a própria constituição genética da criança. As características dos pais adotivos e o seu investimento no bem-estar da criança também exercem uma grande influência nas mudanças positivas observadas nos filhos (Palacios e Brodzinsky, 2010).

Zill & Bramlett (2014) referem que crianças e adolescentes adotadas/os têm uma grande probabilidade de integrar uma família cujos pais têm formação no ensino superior, rendimentos adequados e condições habitacionais estáveis, não consomem álcool ou drogas, nem tenham problemas psiquiátricos ou antecedentes criminais. Os mesmos autores acrescentam que pais adotivos tendem a ser extremamente vigilantes relativamente às necessidades da criança, procurando mais assistência e apoio a nível da educação e da saúde física e mental dos filhos.

1.7. Famílias Adotivas

As famílias adotivas surgem de pessoas individuais ou casais com ou sem filhos que desejam tornar-se pais pela primeira vez, ou aumentar a sua família através da adoção de crianças ou jovens em acolhimento residencial (Segurança Social, 2023). Todavia, nem todas as crianças que se encontram institucionalizadas, estão disponíveis para integrarem uma família adotiva.

As famílias adotivas, têm algumas especificidades devido à sua trajetória de consolidação. Naturalmente, a pessoa individual ou casal que pretende adotar, tem de passar por um processo longo e intenso de avaliação e determinações jurídicas até à adoção propriamente dita. Além disso, o facto de a criança adotada ter a sua própria

história de vida e chegar à família por um caminho diferente, faz surgir nos pais um repertório de ansiedades, receios e frustrações, que são experienciados de forma totalmente diferente pelas famílias que esperam a chegada de um/a filho/a biológico/a (Monteiro & Oliveira, 2021; Coqueiro & Nascimento, 2021).

De acordo com Monteiro e Oliveira (2021), o amor no seio da família adotiva pode demorar algum tempo a se constituir. Assim como o amor, os vínculos parentais, o respeito e a identidade familiar vão sendo estabelecidos com a resolução de conflitos do cotidiano e com a adaptação dos filhos à família adotiva e a adaptação dos pais aos filhos. Desta forma, o procedimento legal da adoção não deve ser entendido como uma afiliação inferior à biológica ou uma afiliação de último recurso, mas sim como uma outra forma de constituir família e estabelecer vínculos fortes de afeto, amor e compreensão (Monteiro & Oliveira, 2021).

É importante salientar que a experiência de adoção de cada família será particular e terá desafios distintos, sendo caracterizada por alguns como mais complexa e desafiante e por outros como mais simples e leve (Sawicki & Gimenez, 2021).

Existem diversos fatores que afetam a experiência de adoção da família adotiva e da própria criança ou adolescente adotada/o (Brodzinsky et al., 2022). Segundo Bronfenbrenner (2005), a experiência de adoção é influenciada (1) por fatores contextuais, como a sociedade e a cultura onde se deu a adoção (macrossistema); (2) pela comunidade que tem impacto nos pais e por sua vez nos filhos (exossistema); (3) pelos ambientes e contextos em que a criança está inserida (família, escola, grupos de pares) (microssistema); (4) pela qualidade da interação entre os microssistemas (mesossistema) e (5) pelas transformações do próprio adotado e dos contextos no decorrer do tempo (cronossistema).

1.8. A Experiência de Adoção do Adotado

Brodzinsky et al. (2022), afirmam que a família nuclear e a qualidade do vínculo familiar são os fatores que exercem mais influência na experiência de adoção da criança ou adolescente. De acordo com Pinderhughes e Brodzinsky (2019), os pais adotivos devem ser capazes de reconhecer as diferenças entre a criação de filhos adotivos e a criação de filhos biológicos, especialmente nos modelos de adoção inter-racial e internacional. Apenas dessa forma, os pais conseguirão proporcionar experiências eficazes de socialização étnico-racial e cultural, que proporcionarão a construção de um vínculo familiar mais forte e, conseqüentemente, uma melhor experiência de adoção ao/a filho/a (Lino & Marafon, 2023).

A forma como a criança ou adolescente adotada/o compreende o significado da adoção também terá influência na sua experiência de adoção (Brodzinsky et al., 2022; Meulen et al., 2019). Quando a criança é adotada ainda em bebê, esta não tem capacidade para compreender o significado e as implicações do que lhe aconteceu (Levinzon, 2020). O desenvolvimento cognitivo subjacente ao avanço na idade, tornam o adotado mais consciente das complexidades do seu estatuto familiar, e pode originar sentimentos de abandono, de perda e de inferioridade em comparação com os pares que vivem com a família biológica (Brodzinsky et al., 2022). Quando a criança adotada é mais velha e tem memórias do seu passado, a sua integração na família adotiva implica uma integração de tudo aquilo que foi vivido no passado, bem como das mudanças subjacentes à adoção. Em ambos os casos, é essencial que os pais adotivos estejam disponíveis para acolher, escutar e comunicar com a criança sobre a adoção e as suas particularidades, para que esta construa um significado positivo da adoção (Thomas & Scharp, 2020).

Por vezes, os filhos adotivos sentem que não “se encaixam” ou “pertencem” à família adotiva, por apresentarem características físicas e/ou temperamentais muito distintas dos restantes familiares (Brodzinsky et al., 2022). Fernandes e Santos (2019) afirmam que, para que o adotado experiencie uma adoção saudável, é essencial que a família adotiva se esforce para criar vínculos com o novo membro, proporcionando-lhe um sentimento de pertença no seio familiar desde a sua chegada à família.

O desenvolvimento de um sentimento de pertença bem consolidado, pode ser difícil e demorado, especialmente quando o adotado experienciou repetidas separações e interrupções na continuidade dos cuidados desde as fases mais precoces da sua vida (Rustin, 2018). A criação de vínculos afetivos por vezes não é suficiente para que a criança deixe de se sentir abandonada. É essencial que os vínculos afetivos evoluam para vínculos de filiação, tal sendo possível apenas quando a criança se sente verdadeiramente integrada na dinâmica familiar (Fernandes & Santos, 2019). O sentimento de pertença, aliado ao reconhecimento de si próprio como parte de uma família, é essencial não só para uma experiência de adoção adaptativa, mas também para o desenvolvimento de um sentido de identidade pessoal (Rustin, 2018).

Segundo Sawicki e Gimenez (2021), o desenvolvimento do sentimento de pertença, implica que os pais adotivos transmitam aos filhos que nutrem um grande respeito pelo seu passado e pelas pessoas que fizeram parte do mesmo, incluindo a família biológica. Além disso, a alteração do sobrenome do adotado para o mesmo

sobrenome dos pais adotivos, por norma, transmite à criança um sentido de vinculação e pertença ao núcleo familiar (Pilcher et al., 2023; Pilcher & Coffey, 2024). Isto acontece porque, os apelidos são culturalmente entendidos como um atributo importante para sinalizar a identidade familiar coletiva (Hanks & Parkin, 2016).

A família extensa ou alargada também exerce uma grande influência na integração da criança ou adolescente adotada/o na família adotiva (Biassutti & Nascimento, 2021). De acordo com Machado et al. (2015), quando a família extensa se esforça para incluir o adotado no seio familiar e legitimar o seu estatuto de sobrinho/a ou neto/a, está a reforçar significativamente os laços de parentesco simbólicos inerentes à adoção, está a contribuir para o sustento da filiação imaginário-afetiva entre pais e filhos e para que a criança desenvolva um sentimento de pertença que se estende a toda a família.

Independentemente do adotado sentir-se ou não parte integrante da família adotiva, este poderá apresentar o desejo de procurar a sua família de origem (Levinzon, 2020). Perante esta vontade dos filhos, é comum os pais adotivos ficarem preocupados com a possibilidade de serem substituídos ou de a relação entre ambos ficar comprometida (Pinho & Machado, 2022). Por esse motivo, alguns filhos omitem dos pais os seus desejos de conhecer a família biológica, chegando a desistir da procura ou a fazê-la sem o conhecimento da família adotiva (Machado et al., 2019; Thomas & Scharp, 2020). Quando os pais adotivos compreendem que este desejo não é reflexo de ingratidão ou má parentalidade e apoiam os seus filhos nesta procura, colocando de parte os seus medos e angústias, estão a contribuir para que os seus filhos tenham uma melhor experiência de adoção e construam uma identidade mais integrada (Levinzon, 2020; Grotevant, 2020).

A experiência de adoção do adotado será influenciada também pela sua adaptação à comunidade (Bronfenbrenner, 2005). Barratt (2012) refere que as crianças e adolescentes adotadas/os por vezes enfrentam múltiplas transições num curto espaço de tempo, incluindo a tentativa de se integrarem na nova família, rotina e casa e, ao mesmo tempo, a uma nova escola, com novos professores e colegas. Segundo Raaska (2012), crianças adotadas costumam experienciar dificuldades com o ajustamento social, especialmente nos casos de adoção internacional, pelo que a adaptação à escola pode ser algo muito desafiante.

Compreende-se então que a experiência de adoção de crianças e adolescentes será influenciada pelas características da própria criança ou adolescente, pelas

características dos pais adotivos, pelas pessoas com que convive regularmente, pelos contextos que fazem parte da sua vida quotidiana, pelo significado que o adotado atribui ao seu passado e à sua integração na família adotiva e pelo desenvolvimento ou não de vínculos de filiação e de um coeso sentimento de pertença (Brodzinsky et. al., 2022; Levinzon, 2020, Pilcher et al., 2023). A literatura (Howe et al., 2001) indica que é muito provável que a experiência de adoção seja positiva, quando as experiências e sentimentos do adotado são aceites e entendidos, e quando há apoio e amor incondicional por parte da família adotiva.

1.9. A Experiência de Adoção da Família

Relvas e Alarcão (2002) indicam que todas as famílias passam por um conjunto de mudanças que levam ao seu próprio crescimento e desenvolvimento. As autoras acrescentam que as famílias adotivas além de vivenciarem as mudanças espectáveis em todas as famílias, têm também de enfrentar um conjunto de problemáticas e desafios específicos que dificultam a vida familiar. Desta forma, a experiência de adoção pode ser entendida como uma crise do ciclo vital familiar, onde a família irá acolher um novo elemento com uma diferente herança genética e experiência de vida. Como tal, todas as famílias adotivas passam por um período de adaptação e mudança de papéis, carregado de dúvidas, receios, desejos e desafios (Relvas & Alarcão, 2002).

Cada adoção é única e apresenta desafios particulares e específicos, contudo, existem alguns desafios que parecem ser os mais comuns na generalidade das famílias adotivas (Miranda et al., 2020). Peixoto et al. (2019), referem que essas dificuldades podem estar relacionadas à carência de limites e/ou estímulos; à resistência para a interação e relacionamento com os pais e/ou restantes irmãos; à saúde física e/ou psicológica comprometida; à existência de comportamentos sexualizados; à relação com a família biológica da criança e ao afastamento de familiares e/ou amigos da família adotiva.

De acordo com Zill e Bramlett (2014), a teoria do apego indica que se o adotado não tiver desenvolvido um vínculo estável e seguro com um adulto, entre os seis meses de idade e os dois anos e meio, ou se esse vínculo tiver sido rompido, é muito provável que a formação de laços fortes entre a criança e os pais adotivos seja mais desafiante. Por esse motivo, é habitual que nos primeiros tempos de convivência com a família adotiva, estas crianças procurem testar o amor e a capacidade de permanência dos pais através de comportamentos regressivos diversos (por exemplo, chorar de forma excessiva e/ou urinar na cama) (Sampaio, Magalhães & Machado, 2020). Estes

comportamentos também representam um desafio extra para as famílias adotivas, uma vez que não vão de encontro com a faixa etária em que a criança se encontra. Além disso, podem ser considerados como um regresso ao estado imaginário de bebé, ou seja, como se a criança estivesse a vivenciar um segundo nascimento (Silva et al., 2023).

Zill e Bramlett (2014) referem que as crianças ou adolescentes adotadas/os, também poderão apresentar comportamentos delinquentes e/ou de risco numa fase posterior à adoção, o que pode prejudicar o compromisso dos pais adotivos com o/a filho/a. Esses comportamentos poderão estar relacionados com vandalismo, furtos, comportamentos destrutivos ou agressivos, consumo de substâncias ilícitas, evasão escolar, comportamentos sexuais de risco, entre outros. Por norma, tal ocorre quando o adotado foi vítima de abusos durante a infância, como negligência extrema, abusos sexuais, violência física e/ou violência psicológica. A probabilidade de a criança adotada desenvolver distúrbios comportamentais e de a família adotiva ter de enfrentar desafios mais complexos, é influenciada pela gravidade e duração dos abusos experienciados (Zill & Bramlett, 2014).

Segundo Pinderhughes e Brodzinsky (2019) a criação de um filho adotivo é, por norma, mais complexa e desafiante do que a criação de um filho biológico. Isto porque a adoção de uma criança, especialmente quando é mais velha, implica lidar com as suas experiências de separação passadas e com possíveis traumas, medos e dificuldades que se desenvolveram antes de fazer parte da família adotiva (Levinzon, 2020). Assim, para que a experiência de adoção seja adaptativa, é de extrema importância que os pais adotivos sejam devidamente preparados pelos profissionais que acompanham todo o processo de adoção, para as consequências dos traumas precoces nas crianças e o seu impacto na integração da mesma na família adotiva. Os pais adotivos devem também ser informados sobre estratégias de adaptação familiar que ajudem a enfrentar os desafios inerentes à adoção (Brodzinsky et al., 2022).

Paula et al. (2023) integram algumas das estratégias utilizadas pelos pais em duas categorias: *estratégias centradas em si* e *estratégias centradas no contexto*. Estas estratégias auxiliam não só na adaptação familiar dos filhos adotivos, como também no alcance de determinadas metas de socialização aspiradas pela família, nomeadamente, (1) que se desenvolvam a todos os níveis de uma forma saudável, tornando-se confiantes e independentes; (2) que sejam capazes de controlar impulsos negativos, como a agressividade, o egoísmo e o egocentrismo; (3) que sejam amados e consigam

desenvolver relações de intimidade emocional com outras pessoas; (4) que consigam atender às expectativas exigidas pela sociedade, associadas à capacidade de ser honesto e respeitar e seguir as leis; (5) que tenham bons comportamentos, não sejam conflituosos e sejam capazes de desempenhar alguns papéis esperados, especialmente em relação à família (Paula et al., 2023; Borges & Salomão, 2015).

As estratégias centradas em si têm por base os recursos do núcleo familiar e têm como principais modelos os pais, que educam, disciplinam e aconselham os filhos (Paula et al., 2023). Estas estratégias podem incluir, o reforço positivo sobre a adoção e a prestação de afetos, o respeito em relação à privacidade e às vontades dos filhos, o estabelecimento de regras e limites e a utilização de castigos e de força física (por exemplo, palmadas) (Paula et al., 2023; Peixoto et al., 2019).

O reforço positivo sobre a adoção é uma estratégia essencial, especialmente nos primeiros meses de convivência familiar. Por norma, a criança adotada sente-se muito insegura numa fase inicial da adoção, pelo que escutar que foi escolhida e que é amada e desejada pela família, proporciona o aumento da sua confiança (Peixoto et al., 2019). Além da insegurança, estas crianças podem experienciar sentimentos de ansiedade, raiva, angústia, medo, saudade, tristeza e dúvida. Por esse motivo, o acolhimento da criança na família deve ser pautado pela prestação de afetos, amor e carinho. Os pais adotivos devem também respeitar a privacidade ou vontades dos filhos, sobretudo no que concerne à discussão de temas como a adoção ou as experiências passadas dos mesmos (Paula et al., 2023).

Embora o reforço positivo sobre a adoção, a prestação de afetos e o respeito em relação à privacidade e às vontades dos filhos sejam três estratégias essenciais para a vinculação afetiva entre pais e filhos adotivos, é imperativo que também sejam estabelecidas regras e limites (Amorim & Skulny, 2021). A adaptação à nova família implica que os filhos adotivos sejam reeducados relativamente às normas e valores da família, isto porque a criança ou adolescente trás consigo aprendizagens e hábitos que poderão não se enquadrar no novo contexto (Peixoto et al., 2019).

A integração das novas regras e limites poderá exigir muita paciência, dedicação e persistência por parte dos pais (Amorim & Skulny, 2021). Por vezes, os pais adotivos acabam por recorrer a castigos e/ou força física para fazerem face à desobediência dos filhos. Na literatura (Weber et al., 2004), o uso de força física mostra-se uma prática frequente, influenciada por crenças culturais e/ou religiosas sobre disciplina infantil. Todavia, esta prática além de proporcionar dor física, poderá desenvolver na criança ou

adolescente sentimentos de culpa, vergonha, medo e ansiedade, pelo que é aconselhado que seja substituída por métodos disciplinares mais adequados (Peixoto et al., 2019).

As estratégias centradas no contexto têm por base os contextos externos ao núcleo familiar e pretendem oferecer boas oportunidades, propiciar experiências de qualidade, promover a saúde física e psicológica e oferecer educação às crianças ou adolescentes adotados (Paula et al., 2023). Estas estratégias podem incluir o apoio da família extensa e da rede social, a procura por atendimento médico especializado e acompanhamento psicológico familiar (Paula et al., 2023; Peixoto et al., 2019).

Por norma, o apoio da família extensa e da rede social tem um papel muito positivo na adaptação dos filhos à família adotiva (Paula et al., 2023). É comum, os pais procurarem nos seus parentes e amigos apoio no exercício da paternidade/maternidade, bem como conselhos dos mais velhos e com mais experiência parental (Peixoto et al., 2019). Além disso, a convivência com casais de amigos ou familiares que também tenham filhos, permite que a criança ou adolescente crie relações com outros adultos e/ou pares e obtenha ela própria apoio externo para os desafios e mudanças que está a experienciar (Bicca & Grzybowski, 2014).

A procura por atendimento médico especializado é imprescindível quando a criança ou adolescente adotado apresenta algum tipo de comprometimento físico e/ou psicológico (Peixoto et al., 2019). Quando se tratam de problemas de saúde física, esse atendimento consiste numa resposta mais rápida e imediata, por outro lado, quando se tratam de problemas de saúde psicológica os filhos usufruem de um acompanhamento mais sistemático e gradual, usualmente, psicoterapêutico (Peixoto et al., 2019). Os pais também poderão procurar acompanhamento psicológico familiar, de forma a obterem auxílio na resolução dos conflitos familiares e na construção de um ambiente mais favorável ao desenvolvimento (Paula et al., 2023; Miranda et al., 2020).

1.10. A Devolução de Crianças e Adolescentes Adotados

Perante os desafios da adoção, sentidos como insuperáveis por alguns pais adotivos, estes por vezes optam por efetuar a devolução da criança ou adolescente à instituição (Abrahão & Parrão, 2019). A devolução apenas pode acontecer durante o estágio de convivência, antes do tribunal emitir a sentença de reconhecimento, que reconhece a criança como sendo legalmente filha do adotante, com os mesmos direitos de um filho biológico. Este ato é permitido uma vez que, nem todas as experiências de

adoção são bem-sucedidas e manter a criança num contexto de rejeição, pode levar a futuros maus-tratos e abusos (Abrahão & Parrão, 2019).

Por norma, quando os pais adotivos optam por devolver a criança ou adolescente à instituição, a experiência de adoção dos mesmos foi marcada por níveis de angústia e sofrimento psíquico significativos (Batista et al., 2021). De acordo com Abrahão e Parrão (2019), tal acontece quando a realidade da experiência de adoção, não vai de encontro com as expectativas que os pais criaram em relação à criança e em relação ao quanto a adoção iria satisfazer os seus desejos. Por outro lado, a devolução do adotado também pode ocorrer por pedido do próprio ou por decisão dos técnicos sociais que ao avaliarem e acompanharem o caso, concluem que a adoção não garantirá o bem-estar e o melhor interesse da criança ou adolescente (Batista et al., 2021).

A devolução a pedido dos pais adotivos, pode ser considerada como uma saída fácil para os conflitos experienciados, que geralmente acarreta graves consequências de ordem psicológica na criança ou adolescente devolvida/o. A sua prática pode fazer a criança ou adolescente reviver o abandono e a rejeição do passado, aumentando a sua culpa e angústia (Abrahão & Parrão, 2019). Além disso, Moreira e Marinho (2019) referem que a devolução do/a menor à instituição, poderá impedir ou dificultar uma nova tentativa de colocação numa outra família adotiva. Tal poderá acontecer por resistência ou critério de exclusão dos restantes candidatos à adoção, ou pela rotulação do menor como sendo um pretendente à adoção que apresenta dificuldades de adaptação familiar, devido a distúrbios psicológicos temporários ou permanentes (Moreira & Marinho, 2019).

Face ao que anteriormente foi exposto, a presente investigação tem como objetivo compreender a experiência de adoção na perspetiva de jovens adultos portugueses que vivenciaram esse processo. O tema que se pretende investigar, resulta do facto de a adoção ser uma prática que na grande maioria das vezes é positiva e oferece um conjunto de novas possibilidades a uma criança ou adolescente com experiências passadas difíceis, contudo, pode ser também uma experiência desestabilizadora e traumática onde são revividos comportamentos negligentes e abusivos, bem como sentimentos de abandono no caso das devoluções (Brodzinsky, Gunnar & Palacios, 2022). De uma forma geral, a elaboração deste estudo prende-se com a necessidade de aprofundar a experiência da adoção na perspetiva dos próprios adotados, através da análise das suas vivências subjetivas e memórias da infância relacionadas com o processo pré e pós-adoção.

2. Objetivos

Este trabalho tem como principal objetivo compreender a experiência de adoção na perspectiva de jovens adultos portugueses que vivenciaram esse processo. Desta forma, foram formulados os seguintes objetivos específicos: (1) identificar as percepções das transformações verificadas na vida do adotado com o processo de adoção, (2) analisar os principais desafios experienciados ao longo do processo de adoção e numa fase posterior ao mesmo, (3) detetar as estratégias, métodos e ações colocados/as em prática pela família adotiva a fim de promover uma adaptação familiar positiva para todos os membros envolvidos e (4) esclarecer a importância do sentimento de pertença na família adotiva, bem como a forma como este se desenvolve e os fatores que influenciam esse desenvolvimento.

3. Método

3.1. Participantes

A tabela 1 apresenta a caracterização sociodemográfica dos/das participantes nesta investigação. O estudo contou com a participação de 9 jovens adultos de nacionalidade portuguesa, 6 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com idades entre os 18 e os 25 anos. Apenas 1 participante possui dupla nacionalidade e não teve passagem por qualquer instituição de acolhimento. Todos/Todas os/as participantes vivenciaram um processo de adoção tardia, ocorrido entre os 7 e os 11 anos de idade. Dentro da respetiva amostra, 2 participantes experimentaram modelos de adoção monoparental, enquanto os restantes experimentaram modelos de adoção conjunta. Adicionalmente, 1 participante passou por uma adoção internacional e inter-racial e 1 outro participante por uma adoção homoparental. Atualmente, apenas 4 participantes mantêm contacto com a respetiva família biológica.

Tabela 1. Caracterização dos/das participantes no estudo

Sujeito	Género	Idade atual	Idade da adoção	Nacionalidade	Institucionalização	Modelo de Adoção	Contacto com a família biológica
P.1	F	25	7	Portuguesa	Sim	Conjunta	Sim
P.2	M	25	7	Portuguesa	Sim	Conjunta	Não
P.3	F	18	11	Portuguesa	Sim	Conjunta	Não

P.4	F	18	8	Portuguesa/ Santomense	Não	Monoparental/ Internacional/ Inter-racial	Sim
P.5	M	19	9	Portuguesa	Sim	Conjunta	Não
P.6	F	20	7	Portuguesa	Sim	Conjunta	Não
P.7	F	18	7	Portuguesa	Sim	Conjunta	Não
P.8	F	24	9	Portuguesa	Sim	Conjunta	Sim
P.9	M	24	8	Portuguesa	Sim	Monoparental/ Homoparental	Sim

3.2. Instrumento

Sendo este um estudo de carácter exploratório, foi utilizada uma abordagem qualitativa, com recurso à entrevista semiestruturada. A entrevista semi-estruturada é uma técnica de recolha de dados, na qual o investigador se conduz por um guião de questões, que não compõe necessariamente um questionário (Castro & Oliveira, 2022). De acordo com Manzini (2004) a entrevista semi-estruturada utiliza as perguntas do guião como forma de organizar e alcançar os objetivos da investigação. Além disso, este modelo de entrevista dá espaço para que sejam efetuadas perguntas momentâneas, que possibilitam a obtenção de informações de forma mais espontânea, não condicionadas por um conjunto predefinido de opções de resposta (Castro & Oliveira, 2022; Manzini, 2004). Assim, as entrevistas semi-estruturadas permitem que o/a entrevistado/a comunique livremente as suas ideias e experiências relacionadas com o tema proposto pelo investigador, contribuindo ativamente para a construção do conteúdo da investigação (Castro & Oliveira, 2022).

Após ser definida a metodologia de investigação, executou-se a construção de um guião, que serviu de suporte à entrevista. As perguntas do guião foram formuladas a partir da revisão de literatura efetuada, em particular nos estudos de Anthony et al. (2019), Brodzinsky et al. (2022), Hawkins et al. (2007), Howe et al. (2001) e Wydra et al. (2012).

O guião construído, foi organizado em 2 fases distintas. O primeira fase inclui a iniciação e legitimação da entrevista. Para tal, foca-se na explicação e justificação da investigação, bem como no incentivo à colaboração dos/as participantes. Esta fase integra também a caracterização sociodemográfica dos/das entrevistados/as, com o

intuito de os/as identificar, relativamente às variáveis: género, idade atual, idade da adoção, nacionalidade, institucionalização (se o/a participante foi ou não institucionalizado/a em criança) e contacto com a família biológica (se o/a participante tem ou não contacto).

A segunda fase inclui as questões que investigam a experiência de adoção, organizadas em 3 temas distintos. O primeiro tema (Tema A), procura identificar as perceções das transformações verificadas na vida do/a adotado/a com a adoção. O segundo tema (Tema B), foca-se na identificação dos principais desafios experienciados ao longo do processo da adoção e numa fase posterior ao mesmo. O tema seguinte (Tema C) pretende identificar estratégias, métodos e ações colocadas em prática pela família adotiva a fim de promover uma adaptação familiar saudável e positiva para todos os membros envolvidos. Por fim, o quarto tema (Tema D) procura esclarecer a importância do sentimento de pertença na família adotiva, bem como a forma como este se desenvolve e os fatores que influenciam esse desenvolvimento. O guião utilizado encontra-se em anexo – Anexo A: Guião da Entrevista.

3.3. Procedimentos de Recolha dos Dados

Os/As participantes no estudo foram selecionados através do processo de bola de neve. Segundo Baldin e Munhoz (2011) a técnica bola de neve é muito utilizada em experiências sociais e consiste na angariação de mais participantes a partir dos/das participantes iniciais até que seja atingido o número correspondente à dimensão da amostra. Foram considerados os seguintes critérios de inclusão no estudo: (1) jovens-adultos portugueses que tenham à data da entrevista entre 18 e 25 anos e que (2) tenham sido adotados/as entre os 7 e os 11 anos de idade (adoção tardia).

Numa fase prévia à execução das entrevistas, foi efetuado um estudo piloto com recurso à primeira versão do guião da entrevista. Tal, teve como principal objetivo avaliar se as questões construídas eram efetivamente claras e pertinentes, mas também possibilitar uma melhor compreensão do instrumento e do *setting*/ambiente da entrevista (Resende, 2016). Este estudo piloto foi aplicado a dois jovens adotados que não preenchiam todos os critérios definidos para a amostra desejada, no que concerne a variável idade atual e idade da adoção.

As entrevistas do estudo piloto, tal como as entrevistas efetuadas no âmbito deste estudo exploratório, foram realizadas com recurso a um *software* de videoconferência (*Zoom*). Uma vez finalizadas, reformularam-se semanticamente

algumas das questões do guião e removeram-se outras, tendo em conta o *feedback* e considerações dos/das participantes. Desta forma, a versão final do guião ficou concluída e foram agendadas as entrevistas com os/as 9 participantes. Todos receberam por e-mail, um *link* para a plataforma *Zoom*, que lhes permitia acederem à entrevista no dia e hora previamente definidos.

Numa fase inicial das entrevistas, os/as participantes foram lembrados dos objetivos do estudo e foram contextualizados relativamente ao procedimento da entrevista. Além disso, foi-lhes apresentado o consentimento informado – Anexo B: Consentimento Informado, para que compreendessem o procedimento da investigação e autorizassem a gravação do áudio da entrevista que seria posteriormente transcrita. Os/As participantes foram ainda convidados/as a receber os resultados do estudo após a conclusão do mesmo, se assim o desejassem.

Ao longo da realização das entrevistas, foram utilizadas técnicas de escuta ativa por parte da entrevistadora. Tais técnicas mostraram-se essenciais para a investigação, uma vez que facilitaram a abertura emocional dos/das participantes, permitiram a recolha de dados mais ricos e detalhados, bem como a identificação de temas que mereciam ser aprofundados com questões adicionais. Embora as entrevistas não tenham sido realizadas presencialmente, o desenvolvimento de uma relação de confiança e partilha entre entrevistadora e entrevistado/a não ficou comprometido. A realização de entrevistas à distância revelou-se vantajosa, pois permitiu o contacto com participantes de todo o país e possibilitou uma maior flexibilidade no agendamento. As entrevistas foram conduzidas individualmente, entre os meses de março e maio de 2024, apresentando uma duração variável entre 30 e 75 minutos.

3.4. Procedimentos de Análise dos Dados

Sendo esta investigação de carácter qualitativo e exploratório, a etapa seguinte debruçou-se sobre a análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2004), Sousa e Santos (2020), a análise de conteúdo submete os dados de investigação, a um procedimento detalhado, sistemático e rigoroso de categorização, que permite a obtenção de respostas válidas e fiáveis no âmbito de estudos qualitativos.

Assim, à medida que as entrevistas foram sendo realizadas, efetuou-se a transcrição das mesmas para um suporte físico, para que fossem mais facilmente analisadas. As respetivas transcrições enquadram-se no tipo não naturalistas, uma vez que foram omitidos determinados elementos linguísticos como gaguez, pausas,

interjeições e vocalizações involuntárias, que pudessem comprometer a fluidez e a análise do texto (Oliver et al., 2005).

No decorrer das transcrições, foi desenvolvido um sistema de codificação, visando o anonimato dos/das participantes, bem como dos seus familiares, amigos e conhecidos. Desta forma, todos/todas os/as entrevistados/as foram identificados/as como participantes (P), seguindo-se um número compreendido entre 1 a 9, que representa a ordem em que as entrevistas foram executadas. Por conseguinte, a entrevista codificada como P1, diz respeito aos dados recolhidos da primeira participante a ser entrevistada. Note-se também que os nomes de outras pessoas mencionados ao longo do discurso, foram codificados com a inicial desse mesmo nome [por exemplo, Rita (R)].

De seguida, foi efetuada uma análise global das entrevistas através da atribuição de unidades de significado às diversas verbalizações dos/das participantes. Essa mesma análise encontra-se em anexo – A Anexo D: Perspetiva Global das Entrevistas. Posteriormente, foram formuladas categorias, subcategorias e subcategorias secundárias a partir da leitura das entrevistas. Essas categorias foram revistas e debatidas ao longo de quatro reuniões, com o auxílio da orientadora, a fim de verificar a sua adequação. Esta etapa conduziu à modificação de algumas categorias que foram ajustadas, combinadas ou descartadas de acordo com a análise realizada.

O sistema de categorização foi desenvolvido através do agrupamento de unidades de significado que formam conjuntos coerentes do ponto de vista semântico. Por conseguinte, foram estabelecidas Unidades de Registo (UR), bem como Unidades de Contagem (UC). Bardin (2004) e Bento (2016) descrevem as UR como padrões de ideias, palavras, pensamentos, ações ou expressões identificáveis nos dados recolhidos, que sustentam a criação de categorias. Por outro lado, os autores descrevem as UC como a frequência em que as UR são mencionadas pelos/pelas participantes.

4. Apresentação dos Resultados

Concluído o processo de análise de conteúdo, na presente secção, são apresentados os resultados obtidos de acordo com os procedimentos previamente explicitados. A sua apresentação seguirá a mesma ordem dos temas e objetivos apresentados anteriormente. É de salientar, que ao longo da análise dos resultados 2 novos temas surgiram a partir das verbalizações dos/das participantes, pelo que foram

explorados e integrados no respetivo trabalho, nomeadamente - Tema E: Benefícios da adoção e Tema F: Perspetiva em relação à adoção.

Devido à extensão da informação recolhida optou-se por apresentar a análise detalhada dos resultados em anexo – Anexo C: Descrição dos Resultados.

4.1. Tema A: Transformações verificadas com o Processo de Adoção

O tema A procura identificar as perceções das transformações verificadas na vida do adotado. Desta forma, emergiram 4 categorias ilustradas na tabela 2 – “Identidade”, “Estágio de Convivência”, “Acompanhamento Psicológico” e “Sentimentos”.

Tabela 2. Resultados - Tema A: Transformações verificadas com o Processo de Adoção

Categoria	Subcategoria
Identidade	Comparação com filhos biológicos
	Valorização
Estágio de Convivência	Existência
	Ausência
Acompanhamento Psicológico	Existência
	Ausência
Sentimentos	Positivos
	Negativos
	Ambíguos

A categoria 1 – Identidade, remete para os aspetos que ao longo do processo de adoção afetaram a forma como os/as participantes passaram a perceber e a viver a sua individualidade. Os resultados mostram-se muito semelhantes, no que concerne ao sentimento de “Igualdade” (UR=5) e “Desigualdade” (UR=4) em relação aos filhos biológicos.

A categoria 2 – Estágio de convivência, encontra-se relacionada com o impacto do estágio de convivência na adaptação mútua entre adotantes e adotado. A

subcategoria secundária “Tempo passado com os pais adotivos” é de grande relevância (UR=8), uma vez que não foi apontada por apenas um participante.

A categoria 3 – Acompanhamento psicológico, alude à presença ou ausência de acompanhamento psicológico durante e após o processo de adoção, assim como ao papel que este desempenha nesse percurso. A subcategoria “Existência” (UR= 6) mostra-se mais expressiva que a subcategoria “Ausência” (UR=3).

Por fim, a categoria 4 – Sentimentos, diz respeito aos sentimentos experienciados pelo adotado durante o processo de adoção. Nesta última categoria, importa mencionar que o sentimento de felicidade (UR=8), bem como os sentimentos de medo e ansiedade (UR=7) destacam-se enquanto subcategorias secundárias, pelo facto de terem sido verbalizados por um número significativo de participantes.

4.2. Tema B: Principais Desafios da Adoção

O tema B pretende identificar os principais desafios da adoção experienciados pelos/pelas participantes. Na tabela 3, estão expostas as 3 categorias desenvolvidas a partir do respetivo tema – “Complexidade do Processo de Adoção”, “Aspetos técnicos, institucionais e legais” e “Dificuldades de adaptação ao novo ambiente”.

Tabela 3. Resultados - Tema B: Principais desafios da adoção

Categoria	Subcategoria
Complexidade do processo de adoção	Elevados gastos financeiros
	Tempo
	Falta de esclarecimento sobre o processo
Aspetos técnicos, institucionais e legais	Processo de seleção da criança adotada
	Técnicos responsáveis pelo processo
	Processo de avaliação da família adotiva
	Impossibilidade de contacto com a família biológica
	Inexistência de estágio de convivência
	Inexistência/ Interrupção do acompanhamento psicológico

	Dificuldades na adaptação ao quarto
	Dificuldades na adaptação à escola
	Dificuldades na adaptação à comunidade
	Dificuldades na compreensão/adaptação dos papéis familiares
Dificuldades de adaptação ao novo ambiente	Lidar com os maus-tratos familiares
	Lidar com a quantidade de mudanças
	Falar sobre a adoção
	Conviver com sentimentos negativos em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada
	Conviver com sentimentos negativos em relação aos membros da comunidade

A categoria 5 – Complexidade do processo de adoção, emerge dos aspetos complexos que dificultam o processo de adoção. Desses aspetos, a subcategoria “Tempo” (UR=7) foi a mais apontada pelos/pelas participantes.

A categoria 6 – Aspetos técnicos, institucionais e legais, aponta os aspetos técnicos, institucionais e legais, que os/as participantes gostariam de alterar, a fim de tornar o processo de adoção mais simples, humanizado e acessível.

A categoria 7 – Dificuldades de adaptação ao novo ambiente, incorpora as principais dificuldades do adotado na adaptação ao novo ambiente contextual, funcional, familiar, escolar e comunitário. De acordo com os resultados, a subcategoria “Dificuldades de adaptação à escola” é enfatizada pelos/pelas participantes (UC=5). Além disso, na subcategoria “Conviver com sentimentos negativos em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada”, que alude para o desenvolvimento de mágoas, ressentimentos ou outras dores emocionais durante a convivência com a família adotiva, destacam-se as subcategorias secundárias “Medo e Ansiedade” (UR=5) e “Rejeição/Exclusão” (UR=5). Ambas incluem verbalizações de um número igualmente significativo de participantes. Por outro lado, na subcategoria “Conviver com sentimentos negativos em relação aos membros da comunidade”, relacionada com a vivência de experiências emocionais negativas, durante a convivência com os membros da comunidade, realça-se a subcategoria secundária “*Bullying*” (UC=4). É a mais

saliente, não só pelo número de participantes que a referiram, mas também pela quantidade de vezes que foi mencionada (UC=23).

4.3. Tema C: Estratégias desenvolvidas para a Adaptação Familiar

O tema C, ilustrado na tabela 4, pretende identificar estratégias, métodos e ações colocadas em prática pela família adotiva a fim de promover uma adaptação familiar saudável e positiva para todos os membros envolvidos. Desta forma, surgiram 2 categorias – “Adaptação do filho adotivo” e “Estratégias para a superação das dificuldades dos pais adotivos”.

Tabela 4. Resultados - Tema C: Estratégias desenvolvidas para a adaptação familiar

Categoria	Subcategoria
Adaptação do filho adotivo	Preparação para a chegada do filho adotivo
	Comportamentos/atitude da família adotiva (nuclear e alargada) após a chegada do filho
	Respostas parentais positivas perante as dificuldades de adaptação do filho
	Falar sobre a adoção Integração na comunidade
Estratégias para a superação das dificuldades dos pais adotivos	Apoio mútuo entre os pais adotivos
	Apoio da família alargada
	Apoio dos amigos dos pais adotivos
	Apoio da equipa de adoção
	Procura de acompanhamento psicológico para os pais adotivos

A categoria 8 – Adaptação do filho adotivo, reúne uma série de ações, atitudes e práticas utilizadas pela família adotiva, com o intuito de auxiliar a integração emocional, afetiva e relacional do filho adotivo no novo núcleo familiar. É relevante sublinhar que a subcategoria secundária “Adaptação da casa ao filho adotivo” (UR=9) foi mencionada por todos/todas os/as participantes. As subcategorias “Aquisição de roupas/brinquedos para o filho adotivo” (UR=7), “Comunicação aberta e assertiva”

(UR=8) e “Presença e auxílio dos pais adotivos nos momentos mais difíceis” (UR=7), “Comunicação aberta em relação à adoção” (UR=7) e “Incentivo dos pais para a integração do filho em grupos sociais/comunitários” (UR=6), são também relevantes por terem sido mencionadas por mais de metade dos/das participantes.

Por sua vez, a categoria 9 – Estratégias para a superação das dificuldades dos pais adotivos inclui as principais estratégias colocadas em prática pelos pais adotivos dos/das participantes, com o intuito deles próprios superarem os principais desafios associados ao processo de adoção. O “Apoio da família alargada” (UR=9), corresponde à subcategoria mais relevante, tendo sido apontada por todos/todas os/as participantes.

4.4. Tema D: Sentimento de Pertença na Família Adotiva

Na tabela 5 encontra-se representado o tema D, que procura esclarecer a importância do sentimento de pertença na família adotiva, bem como a forma como este se desenvolve e os fatores que influenciam esse desenvolvimento. Desta forma, foram criadas 4 categorias – “Percepções da integração familiar”, “Vivências no contexto familiar”, “Presença de apoio familiar” e “Ausência de apoio familiar”.

Tabela 5. Resultados - Tema D: Sentimento de pertença na família adotiva

Categoria	Subcategoria
Percepções da integração familiar	Integração afetiva
	Comparação à família adotiva
Vivências no contexto familiar	Momentos positivos
	Momentos negativos
Presença de apoio familiar	Apoio afetivo
	Apoio instrumental
Ausência de apoio familiar	Apoio afetivo
	Desejo de receber mais apoio por parte dos pais

A categoria 10 – Percepções da integração familiar, refere-se à forma como os/as participantes percebem a sua integração e inclusão na família adotiva (nuclear e/ou alargada) e à forma como identificam semelhanças ou diferenças em relação à mesma.

A subcategoria secundária “Integração afetiva positiva” (UR=8) destaca-se, uma vez que não foi apontada por apenas 1 participante.

A categoria 11 – Vivências no contexto familiar está associada ao conjunto de experiências, interações e emoções que os/as participantes vivenciaram no seio da sua família adotiva. Nesta categoria, a subcategoria secundária “Abundância de memórias positivas” (UR=8) é a mais relevante, no que concerne aos momentos positivos. Relativamente aos momentos negativos, destaca-se a subcategoria secundária “Ruptura da relação com a família adotiva” (UR=3).

A categoria 12 – Presença de Apoio Familiar, remete para o suporte, conforto e orientação oferecidos pelos membros da família adotiva à criança/adolescente adotado. É de apontar que o “Apoio afetivo contínuo” (UR=8) apresenta-se como a subcategoria secundária mais mencionada pelos/pelas participantes. Por outro lado, a categoria 13 – Ausência de apoio familiar, está relacionada com a inexistência de suporte emocional, financeiro, prático ou social por parte da família adotiva. Entre ambas, a categoria “Presença de Apoio Familiar”, foi notoriamente mais expressiva, que a categoria “Ausência de apoio familiar”.

4.5. Tema E: Benefícios da Adoção

Embora o tema “Benefícios da adoção” não tenha sido previamente definido como um dos eixos de análise, ele surgiu de forma significativa ao longo das entrevistas realizadas. Os discursos dos/das participantes revelaram benefícios e percepções positivas em relação à adoção e, por esse motivo, optou-se por incluir este tema na análise final. O mesmo é apresentado na tabela 6, com as suas respetivas categorias – “Impacto/Importância do acompanhamento psicológico”, “Desenvolvimento pessoal e emocional”, “Relações interpessoais e ambiente social”, “Estilo de vida” e “Sentimentos de bem-estar”.

Tabela 6. Resultados – Tema E: Benefícios da adoção

Categoria	Subcategoria
Impacto/Importância do acompanhamento psicológico	Impacto positivo
	Consciência da importância do acompanhamento para outras crianças
Desenvolvimento pessoal e emocional	Aumento da privacidade e autonomia
	Aumento da atenção direcionada a si

	Aumento do sentimento de felicidade Redução dos próprios comportamentos violentos
Relações interpessoais e ambiente social	Melhoria na comunicação e interação com os outros Mudança de região Diminuição do número de coabitantes na mesma casa
Estilo de vida	Aquisição de um quarto/pertences próprios Alterações da rotina diária
Sentimentos de bem-estar	Bem-estar em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada Bem-estar em relação aos membros da comunidade

A categoria 13 – Impacto/Importância do acompanhamento psicológico, alude para o impacto e vantagens que o acompanhamento psicológico poderá ter na vida das crianças/adolescentes que vivenciam processos de adoção. A maioria dos/das participantes referiu o “Impacto positivo” (UR=6) desse acompanhamento.

A categoria 14 – Desenvolvimento pessoal e emocional, correspondente ao processo de crescimento interno e amadurecimento psicológico que alguns/algumas participantes vivenciaram com a adoção.

A categoria 15 – Relações interpessoais e ambiente social, refere-se às mudanças positivas que a adoção trouxe tanto na forma como os/as participantes se relacionavam com as pessoas ao seu redor quanto no contexto social em que essas relações ocorrem.

A categoria 16 – Estilo de vida, remete para o aumento do bem-estar e melhoria da qualidade de vida após a adoção. Dentro desta categoria, a subcategoria “Aquisição de um quarto/pertences próprios” (UR=5) destaca-se como a mais referida pelos/pelas participantes.

A categoria 17 – Sentimentos de bem-estar, reúne as emoções positivas que os/as participantes experimentaram nos primeiros tempos de convivência com a família adotiva e membros da nova comunidade. No que concerne aos sentimentos em relação à família adotiva, sublinha-se que a subcategoria secundária “Amor” inclui as perspectivas de todos/todas os/as participantes (UR=9) e apresenta o maior número de verbalizações em todo o estudo (UC=105). A subcategoria “Confiança” mostra-se (UR=8) também muito relevante.

4.6. Tema F: Perspetiva em relação à Adoção

À semelhança do tema E, o tema F “Perspetiva em relação à adoção”, surgiu a partir da análise dos discursos dos/das participantes, não tendo sido previamente definido como um dos eixos de análise. Ao longo das entrevistas, emergiram de forma consistente reflexões e considerações relacionadas com a perspetiva e opinião dos/das participantes em relação à adoção enquanto experiência vivida. Dado o seu relevo e frequência, optou-se por integrar este tema na análise final. Desta forma, na tabela 7 encontram-se as suas 3 categorias - “Recomeços e oportunidades”, “História de vida” e “Possibilidade de adotar no futuro”.

Tabela 7. Resultados – Tema F: Perspetiva em relação à adoção

Categoria	Subcategoria
Recomeços e oportunidades	Filhos
	Pais
História de vida	Aceitação e compreensão da própria adoção
	Rejeição e incompreensão da própria adoção
	Interesse em saber mais sobre a própria história de vida
	Desinteresse em saber mais sobre a própria história de vida
Possibilidade de adotar no futuro	Interesse em adotar
	Desinteresse em adotar

A categoria 18 – Recomeços e oportunidades, reflete a visão da adoção como ponto de viragem e possibilidade de uma nova vida.

A categoria 19 – História de vida, aborda a forma como os/as participantes integram a adoção na sua narrativa pessoal. Nesta categoria, mais participantes demonstraram “Aceitação e compreensão da própria adoção”, do que “Rejeição e incompreensão da própria adoção”, uma vez que o “Desinteresse em retornar à instituição” (UR=6) e o “Desinteresse no contacto com a família biológica” (UR=5) foram apontados por mais de metade dos/das participantes.

Por fim, a categoria 20 – Possibilidade de adotar no futuro, evidencia a existência ou inexistência de abertura, de alguns/algumas participantes, à ideia de futuramente virem a adotar uma criança ou adolescente.

5. Discussão dos Resultados

Face ao exposto e, tendo em conta os resultados obtidos, é necessário verificar de que forma estes resultados poderão, ou não, comprovar os dos estudos realizados anteriormente por outros autores sobre a temática. Assim, apresenta-se a discussão dos resultados que coloca em diálogo os diferentes autores e, os resultados do presente estudo.

Primeiramente, exploram-se as percepções das transformações verificadas na vida do adotado com a adoção, sendo que uma dessas transformações ocorre ao nível da identidade (Peixoto et al., 2019). No presente estudo, aproximadamente metade dos/as participantes indicou sentir-se semelhante ou igual a um filho nascido e criado pelos seus pais biológicos. Por outro lado, os/as restantes participantes revelaram sentimentos de inferioridade ou desigualdade, relacionados com a percepção de um tratamento diferenciado por parte dos pais, tios e/ou avós da família adotiva. Estes resultados vão ao encontro das conclusões de Brodzinsky et al. (2022), que referem que filhos adotivos, sobretudo em famílias com filhos biológicos, enfrentam frequentemente desafios identitários relacionados com comparações internas, percepções de tratamento desigual e com a forma como as suas histórias são narradas e validadas no seio familiar. Importa ainda referir que, os/as participantes que expressaram sentirem-se iguais aos filhos biológicos também verbalizaram um forte sentimento de pertença na família adotiva, em consonância com os achados de Segal et al. (2015).

O Estágio de Convivência foi igualmente percebido como uma fase de transformação na vida de um número considerável de participantes, uma vez que, até

então, ainda não tinham tido qualquer contacto com os pais adotivos. Esta etapa do processo de adoção encontra-se fortemente marcada na memória dos/das participantes, sobretudo pelo tempo partilhado com os pais adotivos em visitas, passeios e/ou fins de semana. Além disso, metade dos/das participantes que vivenciaram o estágio de convivência descrevem-no como um momento de construção e desenvolvimento de uma ligação afetiva entre pais e filhos, tal como apontam Fernandes e Santos (2019). O único participante que não experienciou o estágio de convivência referiu que a ausência desta fase teve um impacto negativo na sua adaptação à nova família e ao novo ambiente, o que está também em consonância com a literatura (Fernandes & Santos, 2019).

O processo de adoção marcou, para a maioria dos/das participantes, o início do seu acompanhamento psicológico. Entre os que referiram essa experiência, cerca de metade considerou o apoio terapêutico uma necessidade para promover uma adaptação saudável e gradual à nova família e ambiente. Por outro lado, os restantes percecionaram-no como dispensável, uma vez que consideraram o apoio da família adotiva suficiente para essa integração. Esta percepção reforça o que Brodzinsky et al. (2022) descrevem na literatura: muitos adotados ultrapassam traumas vividos anteriormente sem apoio psicológico, beneficiando sobretudo de fatores como relações familiares estáveis e seguras e acolhimento emocional no novo lar.

Sendo o processo de adoção de tamanho impacto emocional para o adotado, é expectável que essas mesmas emoções sofram também diversas transformações ao longo do tempo. No que respeita aos sentimentos positivos, a felicidade foi a emoção mais frequentemente referida pelos/pelas participantes, tal como identificado por Barroso e Barbosa-Ducharme (2019), que assinalaram sentimentos de alegria, segurança, alívio e gratidão em adolescentes que partilharam as suas histórias de adoção. Nesta investigação, mostrou-se também relevante a sensação de satisfação de necessidades, especialmente associada ao sentimento de segurança e à percepção de cuidado. Por outro lado, sentimentos como gratidão, amor e novidade, embora presentes, não foram amplamente expressos durante o processo de adoção. Em contraste, emoções negativas como o medo e a ansiedade foram fortemente mencionadas pelos/pelas participantes, revelando-se as mais experienciadas ao longo do processo de adoção. Estes resultados corroboram com os estudos de Baldessar e Castro (2020) e de Alves e Hueb (2022), que demonstraram que, no contexto da adoção tardia, o amor idealizado pelas crianças e adolescentes é frequentemente atravessado

pelo medo de rejeição, o receio da devolução e a insegurança quanto à legitimidade do afeto recebido. Outros sentimentos como o cansaço, a vergonha, a desconfiança e o estigma social também foram referidos, embora com menor destaque.

Em segundo lugar, analisam-se os principais desafios da adoção experienciados pelos/pelas participantes. Levinzon (2020) salienta que a adoção é um processo demorado, emocionalmente exigente e financeiramente oneroso para os envolvidos. Os resultados do presente estudo confirmam essa percepção, sendo a demora do processo, o desafio mais frequentemente mencionado relativamente à complexidade do mesmo. Para além disso, os elevados custos financeiros, também explorados por Paine et al. (2023), e a falta de esclarecimento sobre o processo foram igualmente apontados como obstáculos no processo de adoção. Este último aspeto suscita uma reflexão sobre a forma como as crianças e adolescentes são informados de que irão integrar uma nova família. Brodzinsky (2011) verificou que crianças adotadas, especialmente as mais novas, podem não compreender plenamente o significado da adoção. Esta incompreensão pode estar associada a explicações pouco adequadas à sua idade ou, em alguns casos, à ausência total de comunicação sobre o que significa ser adotado. Esta lacuna comunicacional pode comprometer a compreensão do processo de adoção por parte da criança, dificultando a separação da instituição e a integração na nova família.

Dentro dos principais desafios relacionados com os aspetos técnicos, institucionais e legais da adoção, nenhum se destacou de forma consideravelmente superior aos restantes. No entanto, a inexistência ou interrupção do acompanhamento psicológico foi o desafio mais frequentemente mencionado pelos/pelas participantes. Estes resultados corroboram os achados de Purrington et al. (2024), que evidenciam que o acompanhamento psicoterapêutico de crianças e adolescentes durante e após a adoção contribui para a redução de sintomas de ansiedade e de comportamentos desregulados, promovendo, simultaneamente, um maior sentido de segurança emocional e um melhor ajuste ao novo contexto e realidade de vida. As vantagens do acompanhamento psicológico apontadas pelos autores foram também referidas pela maioria dos/das participantes que usufruíram desse apoio, os quais destacaram o impacto positivo que teve na sua adaptação à nova família. Verifica-se ainda que, mesmo entre os/as participantes que consideraram esse acompanhamento desnecessário para si próprios, há uma consciência clara da sua importância para outras crianças que passam por processos de adoção.

Tal como referem Barratt (2012) e Raaska (2012), uma das transições mais difíceis que as crianças e adolescentes adotados podem enfrentar está relacionada com a mudança de escola, professores, colegas e até do próprio sistema de ensino. Os resultados do presente estudo vão ao encontro da literatura, uma vez que, entre as dificuldades de adaptação ao novo ambiente, destacaram-se aquelas relacionadas com a escola. Além disso, a compreensão/adaptação dos papéis familiares também se mostrou ser um desafio para grande parte dos/das participantes. À semelhança do que apontam Amorim e Skulny (2021), surgiram dificuldades na assimilação de conceitos como “pai”, “mãe”, “irmão” ou “filho”, bem como na compreensão das dinâmicas de autoridade, afeto e responsabilidade inerentes ao contexto da nova família.

Sendo a adoção considerada uma resposta legítima aos maus-tratos ou à negligência, com o objetivo de promover a proteção e garantir segurança jurídica e afetiva a crianças e adolescentes em situação de risco, não é desejável, nem aceitável que estes sejam integrados em famílias adotivas marcadas por violência física e/ou emocional (Palacios et al., 2019). Contudo, alguns/algumas participantes relataram de forma significativa experiências de abuso emocional, físico e/ou verbal por parte de determinados membros da família adotiva. Nos textos científicos, os maus-tratos no contexto da adoção surgem sobretudo em investigações sobre devoluções, sendo raramente explorado o impacto prolongado desses abusos em crianças e adolescentes que, muitas vezes, já viveram experiências traumáticas semelhantes no passado e que, ao serem expostos a novos episódios de violência, revivem traumas que deveriam ser curados e não reforçados (Abrahão & Parrão, 2019). Este cenário aponta para a necessidade de maior acompanhamento pós-adoção e de critérios mais rigorosos de avaliação e preparação das famílias adotivas, tal como mencionado por alguns/algumas participantes ao longo das entrevistas.

Lidar com a quantidade de mudanças também se revelou um desafio para aproximadamente metade dos/das participantes desta investigação. Levinzon (2020) refere que a mudança de ambiente físico, a alteração nas relações e a modificação de rotinas podem desencadear sentimentos de confusão e sobrecarga nos filhos adotivos — aspetos facilmente identificados em alguns/algumas participantes do presente estudo. Além disso, verificou-se que alguns deles experienciaram dificuldades na aceitação da separação da instituição de acolhimento, sobretudo nos casos em que a chegada e convivência com a família adotiva foram marcadas por maus-tratos e/ou carência de afeto, compreensão e atenção. Amorim & Skulny (2021) indicam que este

último desafio é particularmente comum em crianças mais velhas, como é o caso dos/das participantes deste estudo, que desenvolveram fortes vínculos com os cuidadores da instituição de acolhimento.

É importante destacar que a comunicação fechada sobre a adoção foi apontada como um dos principais desafios pelos/pelas participantes cujas famílias adotivas tratavam o tema como um *tabu*. Estes/Estas participantes expressaram, ainda, o desejo de poder falar abertamente sobre a adoção com a família adotiva. De acordo com Thomas e Sharpt (2020), os resultados sugerem que, em famílias adotivas onde a comunicação sobre a adoção é difícil ou inexistente, os filhos adotivos tendem a demonstrar maior vontade de abordar o tema e são mais propensos a procurar informações por conta própria, mesmo sem o conhecimento ou a aprovação da família adotiva. Por outro lado, e em consonância com os dados do presente estudo, nas famílias adotivas onde a comunicação é aberta e livre de *tabus*, os filhos adotivos muitas vezes verbalizam uma falta de necessidade em abordar a temática, pelo que a adoção tende a ser mencionada com pouca frequência ou mesmo raramente.

Explorando ainda os principais desafios da adoção experienciados pelos/pelas participantes, um número significativo deles verbalizou sentimentos negativos relativamente à convivência com a família adotiva. O sentimento de rejeição ou exclusão destacou-se pela frequência com que foi mencionado. Machado et al. (2019) indicam que esse sentimento pode emergir quando os pais adotivos têm dificuldade em integrar a história ou a identidade da criança, mantendo expectativas idealizadas ou quando algum membro da família nuclear ou alargada não aceita plenamente a criança ou a trata de forma diferente. Corroborando esta informação, os resultados deste estudo revelam que tal sentimento surgiu na maioria dos/das participantes, em consequência de um afastamento percebido em relação à família adotiva, da impaciência e incompreensão por parte dos pais, e da vivência de solidão, bem como de carência de afeto e suporte emocional. Os resultados também se alinham com os textos científicos de Baldessar & Castro (2020), ao evidenciarem que o medo da rejeição ou devolução, a ansiedade e a pressão para agradar a família adotiva se destacam como sentimentos recorrentes em crianças adotadas tardiamente, especialmente aquelas que já vivenciaram experiências traumáticas anteriores. A estranheza em relação às novas pessoas e ao novo ambiente, bem como o sentimento de tristeza, foram também verbalizados, ainda que com menor intensidade. Como seria de esperar, os resultados

indicam que ambos os sentimentos estão associados à incompreensão da adoção e à dificuldade em aceitar a separação da instituição de acolhimento.

Destaca-se ainda que o *bullying* por parte dos membros da comunidade foi experienciado por quase metade dos/das participantes deste estudo, sendo sentido como um grande desafio na adaptação pós-adoção. De acordo com Raaska et al. (2012), a condição de adotado pode aumentar a vulnerabilidade a experiências de exclusão, ridicularização ou agressão no ambiente escolar, agravando os desafios emocionais e sociais dessas crianças, especialmente nos casos de adoção internacional. Contudo, ressalta-se a existência de uma lacuna na literatura sobre esta temática, especialmente no que diz respeito ao *bullying* sofrido por crianças adotadas no seu próprio país e às consequências desse fenômeno para a sua integração comunitária e desenvolvimento futuro.

Numa terceira etapa, examinam-se as estratégias, métodos e ações mais significativas, colocadas em prática pela família adotiva com o objetivo de promover uma adaptação familiar saudável e positiva para todos os membros envolvidos. No que diz respeito à adaptação do filho adotivo, os resultados deixam claro que a preparação para a sua chegada teve um grande impacto nos/nas participantes. A adaptação da casa ao filho adotivo, por meio da preparação de um quarto próprio e de espaços de lazer destinados a ele, foi um dos aspetos mais mencionados. Adicionalmente, a aquisição de roupas e brinquedos previamente à sua chegada também demonstrou grande relevância nos resultados obtidos. Tanto Levinzon (2020) quanto Coqueiro e Nascimento (2021) confirmam, que oferecer um espaço próprio, incluindo a preparação do quarto e a personalização do ambiente, bem como adquirir brinquedos, roupas e outros objetos essenciais, pode ter um impacto significativo na vida da criança ou adolescente adotado, facilitando a sua adaptação inicial. Importa destacar que a maioria dos/das participantes identificou a possibilidade de ter um quarto e/ou pertences próprios como um dos principais benefícios da adoção.

Os/As participantes partilharam também uma série de comportamentos e atitudes adotados pela própria família após a sua chegada, que impactaram positivamente a sua integração no novo contexto familiar. Destacam-se, entre eles, a preservação dos laços sociais prévios à adoção, o tempo passado em família e a transmissão de disciplina e educação. Os resultados obtidos mostram-se consistentes com a literatura: Coqueiro e Nascimento (2021) indicam que a manutenção de vínculos afetivos anteriores, como amigos da instituição, educadores de referência ou irmãos

institucionalizados, pode funcionar como um elemento de segurança emocional durante a transição para a nova família. Os mesmos autores referem ainda que o tempo de convivência direta e as interações significativas no quotidiano entre pais e filhos adotivos constituem ferramentas essenciais para a construção de confiança e segurança e, consequentemente, para a adaptação emocional da criança. Paula et al. (2023), por sua vez, confirmam que a transmissão de valores, a definição de limites e a consistência educativa favorecem o desenvolvimento emocional e comportamental da criança adotada, contribuindo também para o seu sentimento de pertença e integração familiar.

No que diz respeito às respostas parentais positivas perante as dificuldades de adaptação do filho, os/as participantes deram grande ênfase à capacidade dos pais em comunicar de forma aberta e assertiva. Em consonância com estes achados, Coqueiro e Nascimento (2021), bem como Miranda et al. (2020), sublinham que a escuta ativa e o diálogo assertivo são fundamentais para que a criança consiga expressar medos, dúvidas e sentimentos relacionados com a adoção. Essa abertura favorece a compreensão e o apoio por parte dos pais adotivos (igualmente fundamentais) e, consequentemente, o desenvolvimento de relações familiares saudáveis. Pertinentemente, um número significativo de participantes sublinhou a importância da presença e auxílio dos pais adotivos nos momentos mais difíceis. Além disso, os resultados indicam que a compreensão das dificuldades dos filhos, o apoio na superação dos medos e a procura de apoio psicológico mostraram-se também essenciais para que os/as participantes fossem capazes de enfrentar e superar os desafios experienciados.

A comunicação aberta entre pais e filhos adotivos acerca da adoção destaca-se como uma das estratégias, ações e atitudes mais relevantes adotadas pelas famílias para promover a adaptação saudável da criança ao novo contexto familiar. Os resultados obtidos estão em consonância com a literatura, nomeadamente com Thomas e Sharpt (2020), que defendem que uma abordagem comunicativa aberta e transparente contribui para a criação de um ambiente familiar pautado na confiança e autenticidade, facilita a integração da criança no novo lar e promove o desenvolvimento de uma identidade sólida, bem como de relações familiares saudáveis.

Relativamente à ambientação e inserção na comunidade, os resultados indicam que o incentivo dos pais à integração dos filhos em grupos sociais e comunitários foi percecionado pela maioria dos/das participantes como uma mais-valia. Embora a literatura científica aborde pontualmente esta temática, continua a verificar-se uma

escassez de investigação centrada nos fatores que facilitam a inserção comunitária de crianças adotadas. Destaca-se, no entanto, o estudo de Paniagua et al. (2022), que confirma que a participação em grupos escolares e atividades extracurriculares pode constituir-se como um fator facilitador do ajustamento emocional e social destes jovens.

Entre as estratégias mobilizadas para a superação das dificuldades enfrentadas pelos pais adotivos no processo de adaptação pós-adoção, destaca-se o apoio da família alargada como a mais frequentemente referida pelos/pelas participantes do estudo. O apoio mútuo entre os pais adotivos, o apoio dos seus amigos e a procura de acompanhamento psicológico para os mesmos também se revelaram estratégias relevantes, ainda que com menor expressividade nos resultados. Verifica-se então uma conexão entre os resultados obtidos e os achados de Paula et al. (2023), bem como de Peixoto et al. (2019). Estes autores indicam que o suporte da família extensa e da rede social, assim como a procura por acompanhamento psicológico familiar, não só facilitam a adaptação dos filhos adotivos, como também contribuem para a estabilidade emocional dos pais.

Seguindo para a fase seguinte, analisam-se os resultados relacionados com a importância do sentimento de pertença na família adotiva, bem como com a forma como este se desenvolve e os fatores que influenciam esse desenvolvimento. Verifica-se que a grande maioria dos/das participantes experienciam um sentimento de pertença e integração afetiva positivo em relação à sua família adotiva, seja ela nuclear e/ou alargada. Tal como apontam Fernandes e Santos (2019), os resultados evidenciam uma clara ligação entre o sentimento de pertença positivo e a utilização, por parte da família, de estratégias de adaptação familiar, tais como uma comunicação aberta e assertiva (incluindo a abordagem da temática da adoção), a presença e o apoio dos pais adotivos nos momentos mais difíceis, e a compreensão das dificuldades enfrentadas pelo filho adotivo durante o processo de adaptação familiar e dos possíveis comportamentos aversivos que possam surgir.

Associadas ao sentimento de pertença positivo, destacam-se pela sua relevância nos resultados, algumas vivências no contexto familiar, como a abundância de recordações de momentos felizes passados em família, a realização de reuniões familiares ou com amigos, bem como a demonstração de confiança e orgulho no filho adotivo por parte da respetiva família. Tanto Paula et al. (2023), como Coqueiro e Nascimento (2021) salientam a importância da construção de vínculos afetivos através de experiências positivas partilhadas, incluindo momentos familiares agradáveis e o

apoio contínuo dos pais. Os autores abordam a importância das práticas familiares quotidianas, como a convivência próxima, a participação em tradições familiares e as demonstrações afetivas, no fortalecimento da identidade familiar, do sentimento de pertença e do ajustamento psicológico do filho adotivo.

Os resultados da presente investigação apontam igualmente para a relevância do apoio familiar na integração afetiva do filho na família adotiva. O apoio afetivo contínuo, entendido como um suporte emocional consistente e duradouro ao longo de todas as fases da vida, foi o tipo de apoio mais enfatizado pelos/pelas participantes. No entanto, outras formas de suporte, como o aconselhamento familiar, o apoio vocacional e o apoio relativamente à possibilidade de contacto com a família biológica, também se revelaram importantes no desenvolvimento do sentimento de pertença por parte do filho adotivo. Na literatura científica, autores como Rustin (2018) já evidenciaram que o sentimento de pertença pode ser fortalecido através do suporte emocional consistente, incluindo o aconselhamento familiar perante dúvidas, decisões ou desafios enfrentados pelo filho adotivo. Por outro lado, Pinho e Machado (2022) destacam a importância do direito de acesso às origens por parte dos filhos adotivos. Segundo esses autores, o suporte emocional da família adotiva relativamente à possibilidade de contacto com a família biológica fortalece o sentimento de pertença na família adotiva, bem como a confiança e a cumplicidade entre pais e filhos.

No que respeita ao sentimento de pertença negativo, os resultados indicam que uma integração afetiva negativa na família adotiva, seja nuclear e/ou alargada, está frequentemente associada à ocorrência de maus-tratos familiares, como abusos emocionais, físicos e/ou verbais, refletindo-se num sentimento de rejeição ou exclusão dentro do contexto familiar.

Embora poucos/poucas participantes tenham verbalizado explicitamente não se sentirem verdadeiramente parte da família adotiva, é relevante destacar que relataram vivências negativas no contexto familiar, como a ausência de apoio emocional e validação, a falta de empatia e acolhimento por parte dos pais adotivos, bem como a imposição de restrições à liberdade social. Observa-se, ainda, uma associação entre esse sentimento de não pertença e a posterior ruptura da relação com a família adotiva. Estudos como os de Batista et al. (2021) e Abrahão e Parrão (2019) indicam que experiências negativas adversas, como maus-tratos, negligência, incompreensão e carência de suporte emocional no seio da família adotiva, aumentam o risco de desvinculação entre pais e filhos, podendo culminar na devolução da criança ou

adolescente. No presente estudo, embora esses/essas participantes não tenham sido devolvidos/as, permaneceram na família adotiva enquanto continuavam a vivenciar abusos e outras dificuldades, até que, eventualmente, romperam o vínculo com a família adotiva como um todo ou apenas com os membros responsáveis pelos traumas vividos.

Uma vez analisados os resultados relacionados com os principais objetivos desta investigação, exploram-se, de seguida, os dados obtidos relativamente aos benefícios da adoção e às perspetivas dos/das participantes em relação à adoção. Embora estes temas não tivessem sido previamente definidos como eixos de análise, emergiram frequentemente ao longo das entrevistas realizadas, razão pela qual serão igualmente considerados e discutidos.

Os resultados indicam que os benefícios mais significativos ao nível do desenvolvimento pessoal e emocional das crianças adotadas foram o aumento da privacidade e da autonomia, bem como o aumento da atenção direcionada a si. Tais benefícios parecem contribuir diretamente para as mudanças positivas nos domínios físico, cognitivo e sócio emocional em crianças adotadas, conforme salientado na literatura por Baptista et al. (2013b). Além disso, autores como Relvas e Alarcão (2002) e Baptista et al. (2013b) destacam a redução de problemas de comportamento a longo prazo como uma das principais vantagens associadas à adoção. Embora os dados da presente investigação não revelem resultados tão expressivos nesse domínio, é pertinente referir que a diminuição de comportamentos violentos foi também identificada como um dos benefícios resultantes da adoção.

Os/As participantes revelaram também melhorias nas suas relações interpessoais e no ambiente social após a integração na família adotiva. Destaca-se a mudança de região, considerada positiva por alguns, por possibilitar “começar de novo”, reconstruir vínculos seguros sem interferências do passado e evitar gatilhos associados ao ambiente anterior. Estes resultados reforçam a perspetiva de Reis e Filho (2023), que, embora se foquem nos processos e desafios da adoção internacional e da mudança geográfica, reconhecem que essa transição pode oferecer à criança a oportunidade de um novo começo num contexto distinto, mais acolhedor e estruturado, favorecendo o desenvolvimento de uma nova identidade. Os/As participantes também destacaram melhorias na comunicação e na interação com os outros. Coqueiro e Nascimento (2021) confirmam que o estabelecimento de vínculos consistentes e de um sentimento de pertença constitui um fator facilitador direto da comunicação e da interação interpessoal em crianças adotadas.

De acordo com os resultados, a adoção trouxe benefícios e melhorias no estilo de vida dos/das participantes. Além da aquisição de um quarto e/ou de pertences próprios, mencionados anteriormente, alguns/algumas participantes consideraram positivas as alterações ocorridas na rotina diária após a adoção. Pereira (2021) exemplifica que a chegada da criança exige uma reorganização da rotina, com maior atenção à alimentação, higiene, tempo com os pais e atividades conjuntas. Embora tais mudanças possam representar desafios iniciais tanto para a criança quanto para a família adotiva, a longo prazo constituem uma vantagem, uma vez que promovem estabilidade e bem-estar.

Entre os benefícios da adoção partilhados pelos/pelas participantes, destacam-se os sentimentos de bem-estar em relação à família adotiva, tanto no núcleo familiar quanto na família alargada, expresso por todos os entrevistados. Note-se que, embora o sentimento de amor não tenha sido experienciado de forma considerável ao longo do processo de adoção, importa realçar que, após a conclusão deste e numa fase posterior à integração definitiva na família adotiva, foi o sentimento mais referido pelos participantes ao longo das entrevistas. O mesmo foi manifestado através de verbalizações relacionadas com o acolhimento, afeto, esforço e apego demonstrados pelos pais adotivos e/ou outros membros da família. Associados diretamente a esse amor, os/as participantes enfatizaram também sentimentos de confiança em relação à família adotiva, bem como sensações de novidade e felicidade.

De acordo com Baldessar e Castro (2020), é comum que o amor seja sentido e reconhecido pelos filhos adotivos, mesmo que, inicialmente, esteja permeado por receios. Os autores acrescentam que, ao longo do processo de adaptação, os filhos relatam o crescimento gradual de sentimentos de segurança, confiança e afeto, que acabam por substituir as ansiedades iniciais. Embora o amor seja apresentado como um indicador de integração emocional bem-sucedida na nova família e tenha sido mencionado por todos/todas os/as participantes, importa destacar que nem todos vivenciaram experiências de adoção positivas a longo prazo. Alguns relataram sentir esse amor apenas numa fase inicial, enquanto outros o experienciaram apenas por parte de determinados membros da família.

Ainda que alguns/algumas participantes tenham enfrentado dificuldades na integração na comunidade, incluindo episódios de *bullying* associados à adoção, outros/outras destacaram sentimentos de compreensão e felicidade, considerando esses sentimentos e experiências sociais positivas como benefícios da adoção. Baptista

et al. (2013a/b) sublinham que a adaptação pós-adoção depende sobretudo de fatores ligados ao ambiente familiar, contudo, enfatizam também a importância do ambiente social e comunitário, uma vez que uma boa rede de apoio na comunidade, experiências escolares positivas e o convívio social são elementos essenciais para uma adaptação completa e saudável.

Por fim, no que respeita às perspetivas dos/das participantes relativamente à adoção, verifica-se que esta é maioritariamente percebida como uma oportunidade para que crianças e adolescentes institucionalizados possam recomeçar, curar feridas passadas, estabelecer novas relações familiares e sociais e experienciar uma nova vida. Além disso, embora com menor relevo, os resultados indicam que a adoção também foi perspectivada como uma oportunidade de parentalidade e de constituição familiar para os pais adotivos. Alves e Hueb (2022) e Rinaldi (2017) sublinham ambas as perspetivas, apontando que a adoção pode ser entendida tanto como uma forma de proporcionar às crianças e adolescentes institucionalizados um lugar seguro, acolhedor e propício à superação de traumas e de rupturas anteriores, como como uma possibilidade de desenvolver ou ampliar a família.

A perspetiva que os/as participantes apresentam atualmente em relação à adoção está diretamente relacionada com a forma como internalizaram a sua própria história de vida e a experiência adotiva. Segundo Albuquerque et al. (2019), crianças e adolescentes mais velhos podem aceitar ou rejeitar a adoção com base nas suas vivências anteriores, o que influencia a forma como percebem a adoção enquanto medida de proteção. Esta percepção poderá, por sua vez, refletir-se na sua vontade e disponibilidade emocional para adotar uma criança no futuro.

Os resultados indicam que a maioria dos participantes, após a adoção, nunca sentiu interesse em retornar à instituição, nem em estabelecer contacto com a família biológica, o que revela uma aceitação, satisfação e compreensão do seu percurso adotivo. Todavia, mesmo não desejando entrar em contacto com a família biológica, alguns/algumas participantes manifestaram a vontade de conhecer mais sobre a sua história de vida. Em contrapartida, os/as participantes que manifestaram o desejo de ter permanecido institucionalizados, em vez de viver com a família adotiva, demonstraram sentimentos de rejeição, insatisfação e incompreensão relativamente à sua adoção. Importa destacar que, regra geral, os/as participantes que receberam apoio incondicional da família adotiva relativamente ao eventual contacto com a família

biológica não demonstraram interesse em procurá-la. Por outro lado, aqueles/aquelas que sentiram falta desse suporte manifestaram esse desejo com maior frequência.

Os achados relativos a esta última temática são corroborados por diversos investigadores. Por exemplo, Fernandes e Santos (2019) indicam que, à medida que o sentimento de pertença se desenvolve, através da integração do passado da criança na nova dinâmica familiar, estas tendem a não demonstrar desejo de retornar à instituição de acolhimento nem à família biológica. Os mesmos autores confirmam ainda que, quando existe uma comunicação aberta e até apoio ao eventual contacto, o desejo de procurar a família biológica tende a diminuir drasticamente por parte dos filhos adotivos. Brodzinsky (2006) acrescenta que, independentemente da existência de um desejo de contactar a família biológica, é comum que os filhos adotivos manifestem interesse em conhecer a sua história e as suas origens.

Resta referir que nem todos/todas os/as participantes manifestaram de forma explícita o seu interesse ou desinteresse relativamente à possibilidade de adotar uma criança no futuro. Contudo, a partir das respostas obtidas, é possível verificar que o interesse em adotar parece estar associado a experiências de adoção positivas, marcadas pela superação dos principais desafios em contexto familiar, com o recurso a estratégias parentais eficazes que favoreceram a adaptação e o desenvolvimento gradual de um sentido de pertença na família adotiva. Por outro lado, o desinteresse em adotar tende a estar relacionado com experiências de adoção negativas, caracterizadas por desafios que não foram compreendidos ou resolvidos adequadamente, pela ausência ou escassa utilização de estratégias de adaptação familiar e pela fragilidade ou inexistência de um sentimento de pertença coeso. Segundo Neil et al. (2023), pessoas adotadas em criança podem considerar a adoção como uma forma de constituir a sua própria família, sendo que as suas experiências pessoais de adoção influenciam essa decisão, bem como as motivações subjacentes. É comum, nestes casos, surgir o desejo de quebrar ciclos de abuso ou negligência, encarando a parentalidade como uma oportunidade de transformação de padrões familiares.

6. Conclusões

O presente estudo explorou a experiência de adoção tardia a partir da perspectiva de jovens adultos portugueses que vivenciaram este processo. Para tal, baseou-se numa extensa revisão teórica que abrange os princípios da adoção, os modelos de adoção, as motivações para a adoção, a adoção em Portugal, as vantagens da adoção e da não institucionalização, as características das famílias adotivas, a experiência pessoal dos adotados e as implicações de possíveis retornos ou devoluções às instituições.

Os resultados obtidos permitiram alcançar uma compreensão mais aprofundada das temáticas propostas nesta investigação, nomeadamente das transformações ocorridas na vida do adotado com a adoção, dos desafios experienciados durante e após o processo, das estratégias mobilizadas pela família adotiva para promover uma adaptação familiar positiva para todos os membros envolvidos e do desenvolvimento do sentimento de pertença no seio da família adotiva. Adicionalmente, emergiram resultados relevantes relativamente aos benefícios percebidos da adoção e às perspetivas dos/as participantes sobre a mesma. Os achados obtidos oferecem contributos significativos para a literatura científica e para as práticas profissionais no âmbito dos processos de adoção e de acompanhamento pós-adotivo.

Esta investigação deixou claro, que o processo de adoção é sentido como um período marcante e transformador na vida dos participantes, implicando mudanças significativas ao nível da identidade, dos vínculos afetivos e das próprias rotinas, que passam a incluir tempo passado com os pais adotivos através de visitas e passeios durante o estágio de convivência.

Os resultados sugerem que o processo de adoção é fortemente marcado por sentimentos positivos, como a felicidade e a satisfação de necessidades, mas também por emoções negativas, nomeadamente o medo e a ansiedade. As experiências partilhadas demonstraram que, embora a adoção proporcione oportunidades significativas de desenvolvimento pessoal, ela exige, simultaneamente, um processo complexo de reconstrução emocional e relacional. Por este motivo, os/as participantes que beneficiaram de acompanhamento psicológico durante e após o processo referiram tê-lo vivenciado como uma necessidade, uma vez que este os/as auxiliou na gestão dos

próprios sentimentos, expectativas e ansiedades, bem como na integração ao novo contexto familiar e social.

Os participantes enfrentaram desafios consideráveis durante e após o processo de adoção, destacando-se: a morosidade e complexidade do processo legal; a falta de esclarecimento sobre o processo; a ausência ou interrupção do acompanhamento psicológico; dificuldades na adaptação escolar e episódios de *bullying*; a separação da instituição de acolhimento; a adaptação à mudança de ambiente, rotinas e estrutura familiar; a sobrecarga de novas informações; a resistência familiar em lidar com a história de vida da criança e em falar abertamente sobre a adoção; além de situações de convivência familiar marcadas por abusos emocionais, físicos e/ou verbais, acompanhadas por sentimentos negativos, como medo, ansiedade e percepção de rejeição ou exclusão.

Os principais desafios experienciados pelos/pelas participantes evidenciam a necessidade de reforçar o acompanhamento psicológico ao longo de todas as fases do processo adotivo, incluindo o período pós-adoção, marcado por profundas mudanças. Destaca-se ainda que, durante esse acompanhamento, é essencial que as crianças adotadas sejam devidamente informadas e esclarecidas sobre o processo de adoção, de modo a compreenderem verdadeiramente que serão integradas, de forma definitiva, numa nova família. No contexto escolar, é fundamental priorizar a sensibilização de professores e demais profissionais para a integração de crianças recentemente adotadas, que podem apresentar maiores dificuldades de adaptação e, conseqüentemente beneficiar de um acompanhamento mais personalizado numa fase inicial. Considerando a reduzida dimensão da amostra e a elevada incidência de relatos de maus-tratos, reforça-se também a importância de uma avaliação mais rigorosa das famílias adotivas, nomeadamente no que diz respeito às suas capacidades e disponibilidades emocionais e afetivas, essenciais para o desenvolvimento físico e psicológico da criança. Relativamente à morosidade e complexidade do processo legal, revela-se prioritária a contratação de mais profissionais responsáveis pelo processo adotivo, como técnicos da segurança social, incluindo psicólogos, de forma a torná-lo mais célere e eficaz.

No que respeita às estratégias de adaptação familiar, observa-se que as famílias adotivas que implementaram ações práticas de preparação para a chegada da criança, como a organização de um quarto próprio e a aquisição de roupas e brinquedos, favoreceram a adaptação e o bem-estar dos filhos. A manutenção de vínculos afetivos

anteriores, o tempo de qualidade passado em família, a transmissão de disciplina e educação, bem como o apoio na superação de medos, mostraram ser atitudes cruciais da família adotiva para o fortalecimento dos laços parento-filiais numa fase posterior à chegada do filho. Além disso, famílias que comunicam de forma aberta e assertiva, inclusive sobre a adoção e a história de vida da criança, que demonstram compreensão e auxiliam o filho diante das suas dificuldades, procuram apoio psicológico e incentivam a integração em grupos sociais e comunitários, promovem eficazmente a integração emocional, afetiva e relacional do filho adotivo no novo núcleo familiar e social. Por outro lado, o apoio da família alargada e dos amigos, o suporte mútuo entre os pais adotivos e a procura de acompanhamento psicológico revelam-se estratégias essenciais para a superação das dificuldades enfrentadas pelos pais no contexto da adoção.

A maioria dos participantes experienciou um sentimento de pertença positivo em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada, especialmente quando relatavam uma abundância de memórias familiares positivas, como reuniões com familiares e amigos e reconheciam a confiança e o orgulho demonstrados pela família adotiva. Esse sentimento de pertença revelou-se diretamente associado a estratégias parentais centradas na comunicação aberta, escuta ativa e validação da história de vida do adotado, bem como ao apoio afetivo contínuo, aconselhamento familiar, apoio vocacional e suporte no que respeita à possibilidade de contacto com a família biológica. O sentimento de pertença emergiu, assim, como um elemento central na integração familiar e no desenvolvimento de uma identidade sólida e segura.

Em contextos marcados por episódios de rejeição e abuso, ausência de empatia e acolhimento parental, restrição da liberdade social, falta de apoio emocional, impossibilidade de diálogo sobre a adoção e inexistência de suporte relativamente ao contacto com a família biológica, observou-se um enfraquecimento dos laços familiares e, em alguns casos, a ruptura com a família adotiva. Estes casos evidenciam a importância de práticas parentais empáticas e da manutenção de apoio institucional e psicossocial contínuo, mesmo após a formalização da adoção.

Entre os benefícios da adoção mais referidos pelos participantes destacam-se: o acompanhamento psicológico; o desenvolvimento pessoal e emocional, promovido pelo aumento da privacidade, da autonomia e da atenção direcionada a si; a melhoria na comunicação e na interação com os outros; a possibilidade de "recomeçar" numa nova região, num ambiente mais protetor e estruturado e as melhorias ao nível do estilo de vida, incluindo a organização das rotinas e a aquisição de um quarto e pertences

próprios. Além disso, embora se destaquem sentimentos de felicidade e compreensão em relação aos membros da comunidade, sobressaem de forma mais acentuada os sentimentos de bem-estar associados à família adotiva, como o amor, a confiança, a novidade, a felicidade e a gratidão. Compreende-se, assim, que o surgimento e desenvolvimento do amor pela família adotiva foi o principal benefício da adoção vivenciado pelos participantes.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a maioria dos/das participantes revelou uma visão positiva sobre a adoção, reconhecendo-a como um instrumento de transformação, proteção e uma oportunidade para redefinir a sua trajetória pessoal e familiar. Muitos afirmaram que a adoção lhes proporcionou um sentido de pertença, dignidade e a possibilidade de sonhar com um futuro melhor, razão pela qual nunca demonstraram interesse em retornar à instituição, nem em contactar a família biológica. Estes/Estas participantes também parecem estar mais abertos/as à possibilidade de, no futuro, adotarem uma criança.

Por outro lado, verifica-se que filhos adotivos que não compreendem ou rejeitam a sua adoção dificilmente desenvolvem um verdadeiro sentido de pertença na família adotiva. Nesses casos, é comum manifestarem o desejo de ter permanecido institucionalizados e de não viver com a família adotiva, bem como o interesse em contactar a família biológica e o desinteresse em adotar uma criança no futuro.

Por fim, destacam-se algumas limitações da presente investigação que devem ser consideradas. Embora tenham sido obtidos dados ricos e relevantes, a representatividade não foi assegurada, devido ao número reduzido de participantes. A dimensão limitada da amostra resultou da escassez de sujeitos elegíveis e disponíveis para participar no estudo (Lakens, 2022).

O facto de a presente investigação ter incluído maioritariamente participantes do sexo feminino poderá igualmente ser considerado uma limitação. Verifica-se que as mulheres tendem a demonstrar uma maior disponibilidade para partilhar as suas experiências de adoção. Becker (2022) salienta que as mulheres, por norma, estão mais predispostas a participar em investigações qualitativas em geral, o que poderá estar relacionado com fatores de natureza cultural, social e metodológica.

Os relatos dos/as participantes baseiam-se, sobretudo, em memórias passadas, o que pode implicar distorções, omissões ou reconstruções subjetivas da experiência de adoção. Nesse sentido, teria sido uma mais-valia incluir também os pontos de vista

dos pais adotivos, de familiares alargados ou de profissionais envolvidos no processo, de forma a obter relatos mais consistentes da experiência real de adoção e, assim, complementar e aprofundar a análise.

Tendo em consideração as limitações identificadas, sugerem-se estudos futuros que procurem superá-las e/ou aprofundar os resultados obtidos na presente investigação. Investigações subsequentes poderão incluir uma amostra mais ampla, com uma distribuição equilibrada entre participantes do sexo feminino e masculino. Seria também relevante integrar as perspetivas de pais adotivos, irmãos (biológicos ou adotivos), familiares alargados, cuidadores institucionais e técnicos envolvidos no processo de adoção, com o objetivo de enriquecer a compreensão destes percursos a partir de múltiplas perspetivas. Adicionalmente, recomenda-se a exploração da adoção em configurações familiares específicas, como famílias adotivas monoparentais, homoparentais ou inter-raciais, de modo a identificar os desafios e estratégias particulares desses contextos. Por fim, destaca-se a importância da realização de estudos longitudinais, que acompanhem os adotados ao longo do tempo, desde a fase pré-adoção, passando pelo estágio de convivência, até ao pós-adoção, incluindo as fases iniciais de convivência familiar, a passagem pela adolescência e a entrada na vida adulta, com vista a uma compreensão mais aprofundada dos impactos da adoção a longo prazo.

Referências Bibliográficas

- Abrahão, E., & Parrão, J. (2019). A devolução de crianças e adolescentes no processo de adoção: a família idealizada. *Encontro de Iniciação Científica*, 15(15), 1-10.
- Albuquerque, L., Souza, A., & Oliveira, J. (2019). Representações sociais elaboradas por postulantes sobre adoção convencional e adoção tardia. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 15-33.
- Alves, J., & Hueb, M. (2022). Um estudo de caso sobre adoção de uma criança mais velha. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 23(1), 71-86.
- Amorim, A., & Skulny, R. (2021). Compreendendo os filhos adotivos. In K. Miranda, V. Paiva, E. Ciriaco, C. Longhi (Eds.), *Parentalidade Adotiva: Estudos, Diálogos e Reflexões* (pp. 111-125). Brasil Publishing.
- Anjos, D., & Iop, M. (2021). Famílias e adoções: um estudo bibliográfico. *Research, Society and Development*, 10(14), 1-12.
- Baldessar, J., & Castro, A. (2020). Representações sociais da adoção tardia: o amor vinculado ao medo. *O Social em Questão*, (47), 271-296.
- Baldin, N., & Munhoz, E. (2011). Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). *REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 27, p.46-60
- Baptista, J., Soares, I., & Henriques, M. (2013a). Recuperação desenvolvimental após a adoção: Características da criança e da família adotiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 396-404.
- Baptista, J., Soares, I., & Henriques, M. (2013b). O impacto da adoção no desenvolvimento da criança. *Psicologia*, 27(2), 63-79.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barratt, S. (2012). Adopted children and education: The experiences of a specialist CAMHS team. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 17(1), 141-150.

- Barroso, R., & Barbosa-Ducharme, M. (2019). Adoption-related feelings, loss, and curiosity about origins in adopted adolescents. *Clinical child psychology and Psychiatry*, 24(4), 876-891.
- Batista, A., Carvalho, B., Alvarenga, H., Carvalho, R., & Bedani, A. (2021). Devolução e Crianças Adotadas: A Ruptura da Família Idealizada como Fator de Risco. *Revista Ciências Jurídicas e Sociais-UNG-Ser*, 11(2), 61-74.
- Bauer, P., Hanson, J., Pierson, R., Davidson, R., & Pollak, S. (2009). Cerebellar volume and cognitive functioning in children who experienced early deprivation. *Biological Psychiatry*, 66, 1100-1106.
- Bento, A. (2016). Análise de conteúdo na investigação qualitativa. *Et al. - Revista da Associação Académica da Universidade da Madeira*, (83), 22-23.
- Biasutti, C., & Nascimento, C. (2021). O processo de adoção na família monoparental. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 31(1), 47-57.
- Bicca, A., & Grzybowski, L. (2014). Adoção tardia: percepções dos adotantes em relação aos períodos iniciais de adaptação. *Contextos Clínicos*, 7(2), 155-167.
- Borges, L., & Salomão, N. (2015). Concepções de desenvolvimento infantil e metas de socialização maternas em contexto não urbano. *Estudos de Psicologia*, 20(2), 114-125.
- Brodzinsky, D. (2006). Family structural openness and communication openness as predictors in the adjustment of adopted children. *Adoption quarterly*, 9(4), 1-18.
- Brodzinsky, D. (2011). Children's understanding of adoption: Developmental and clinical implications. *Professional psychology: research and practice*, 42(2), 200-207.
- Brodzinsky, D., Gunnar, M., & Palacios, J. (2022). Adoption and trauma: Risks, recovery, and the lived experience of adoption. *Child abuse & neglect*, 130, 1-13.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human. Bioecological perspectives on human development*. Sage.
- Coqueiro, P., & Nascimento, T. (2021) A constituição da identidade da família adotiva. *Parentalidade Adotiva: Estudos, Diálogos e Reflexões*, 1, 101-112.

- Fernandes, M., & Santos, D. (2019). Sentidos atribuídos por pais adotivos acerca da adoção tardia e da construção de vínculos parento-filiais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 67-88.
- Gonçalves, F., Pretto, C., Alfing, C., Benetti, S., Rosa, M., Goi, C., & Mello, C. (2021). O trabalho em uma instituição de acolhimento à crianças e adolescentes: relato de experiência, *Brazilian Journal of Health Review* 4(4), 18139-18150.
- Grotevant, H. (2020). *The Routledge handbook of adoption*. Routledge.
- Hanks, P., & Parkin, H. (2016). Family names. In C. Hough (Ed.) *The Oxford Handbook of Names and Naming* (pp. 214–36). Oxford University Press.
- Howe, D., Shemmings, D., & Feast, J. (2001). Age at placement and adult adopted people's experience of being adopted. *Child & Family Social Work*, 6(4), 337-349.
- Kumsta, R., Kreppner, J., Rutter, M., Beckett, C., Castle, J., Stevens, S., & Sonuga-Barke, E. (2010). Deprivation-specific psychological patterns. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 75(1), 48-78.
- Ladvocat, (2020). Da Família de Origem à Família Adotiva. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, 9(1), 85-98.
- Lakens, D. (2022). Sample size justification. *Collabra: Psychology*, 8(1), 1-28.
- Levinzon, G. (2020). *Tornando-se pais: A adoção em todos os seus passos*. (2ª Edição). Editora Blucher.
- Lino, M., & Marafon, G. (2023). Reflexões sobre o impacto do racismo nas adoções inter-raciais. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as*, 16, 620-651.
- Machado, R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. (2015). Parentalidade adotiva: Contextualizando a escolha. *Psico*, 46(4), 442-451.
- Machado, R., Féres-Carneiro, T., Magalhães, A., & Mello, R. (2019). O mito de origem em famílias adotivas. *Psicologia USP*, 30, 1-10.

- Mahl, F., Jaeger, F., Patias, N., & Dias, A. (2011). Expectativas e percepções sobre maternidade e filho ideal em mulheres que esperam pela adoção do primogênito. *Perspectiva*, 35(132), 93-106.
- Meulen, G., Smeets, D., & Juffer, F. (2019). The relation between adult adoptees' feelings about relinquishment, adoption, and life satisfaction. *Adoption and Fostering*, 43, 192–209.
- Miola, T., & Moura, V. (2010). Relações homoafetivas frente ao direito. *ETIC-Encontro de Iniciação Científica*, 6(6), 21-76.
- Miranda, P., Fiorott, J., Giacomozzi, A., & Bousfield, A. (2020). Estratégias de acompanhamento psicológico da parentalidade adotiva: notas sobre experiências grupais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(67), 85-97.
- Monteiro, T., & Oliveira, A. (2021). A Experiência e o Significado do Processo de Adoção sob a Óptica da Família Adotiva. *Psicologia: reflexões e ações*, 1, 21-42.
- Moreira, R., & Marinho, F. (2019). A responsabilidade civil pelos danos inerentes a desistência da adoção de crianças e adolescentes. *Revista Jurídica em Pauta*, 1(2), 91-110.
- Neil, E., Rimmer, J., & Sirbu, I. (2023). How do adopted adults see the significance of adoption and being a parent in their life stories? A narrative analysis of 40 life story interviews with male and female adoptees. *Children and Youth Services Review*, 155, 1-12.
- Nucci, G., (2018). *Estatuto da criança e do adolescente comentado: em busca da Constituição Federal das crianças e dos adolescentes*. (4ª Edição). Editora Forense.
- Oliveira, L., & Maux, A. (2021). O estágio de convivência em casos de adoção: uma compreensão fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 27(3), 306-315.
- Oliver, D., Serovich, J., & Mason, T. (2005). Constraints and opportunities with interview transcription: Towards reflection in qualitative research. *Social forces*, 84(2), 1273-1289

- Paine, A., Fahey, K., Thompson, R., & Shelton, K. (2023). Adoptive parents' finances and employment status: a 5-year longitudinal study. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 32(7), 1305-1316.
- Palacios, J., & Brodzinsky, D. (2010). Adoption research: Trends, topics, outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, 34(3), 270-284.
- Paniagua, C., García-Moya, I., & Moreno, C. (2022). Adopted adolescents at school: Social support and adjustment. *Youth & Society*, 54(3), 419-441.
- Paula, A., Couto, L., Rosa, E., & Merçon-Vargas, E. (2023). Metas e práticas de socialização parental que impactam a adaptação das crianças nas famílias adotivas. *Psico*, 54(2), 1-14.
- Peixoto, A., Giacomozzi, A., Bousfield, A., Berri, B., & Fiorott, J. (2019). Desafios e estratégias implementadas na adoção de crianças maiores e adolescentes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 89-108.
- Pereira, V. (2021). *Parentalidade adotiva: estudos, diálogos e reflexões*. (1ª Edição). Brazil Publishing.
- Pilcher, J., & Coffey, A. (2024). Names in adoption law and policy: representations of family, rights and identities. *Families, Relationships and Societies*, 13(1), 105-120.
- Pilcher, J., Flaherty, J., Deakin-Smith, H., Coffey, A., & Makis, E. (2023). Surnames in Adoption: (Re) creating Identities of Belonging. *Genealogy*, 7(4), 92-109.
- Pinderhughes, E. & Brodzinsky, D. (2019). *Handbook of parenting. Volume 1: Children and parenting*. Routledge.
- Pinho, P., & Machado, R. (2022). Direito de acesso às origens no contexto da adoção: Uma perspectiva psicológica sobre a mediação do judiciário. *Direito em Movimento*, 20(1), 120-142.
- Pires, A., & Sales, M. (2020). "Filho não se escolhe, filho se acolhe": A experiência de pais e mães na adoção de crianças maiores e de adolescentes. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 5(10), 312-334.

- Pollak, S., Nelson, C., Schlaak, M., Roeber, B., Wewerka, S., Wiik, K., Frenn, K., Loman, M., & Gunnar, M. (2010). Neurodevelopmental effects of early deprivation in postinstitutionalized children. *Child Development*, 81, 224-236.
- Pordeus, M., & Viana, R. (2020). A Estrutura do Vínculo Familiar na Adoção Tardia. *Cadernos de Comunicação*, 24(2), 1-18.
- Portal de Serviços Públicos (PSP). (2024a). *Obter informações sobre a adoção internacional*. <https://eportugal.gov.pt/servicos/obter-informacoes-sobre-a-adocao-internacional>
- Portal de Serviços Públicos (PSP). (2024b). *Adotar uma criança*. <https://eportugal.gov.pt/servicos/adotar-uma-crianca>
- Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa (PGDL). (2018). *Adoção conjunta. Adoção Singular. Critérios*. https://www.pgdlisboa.pt/jurel/jur_mostra_doc.php?nid=5454&codarea=58
- Purrington, J., Goodall, S., & Lynch, J. (2024). Family-based psychological interventions for domestically adoptive families: A systematic review. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 33(5), 1239-1256.
- Raaska, H., Lapinleimu, H., Sinkkonen, J., Salmivalli, C., Matomäki, J., Mäkipää, S., & Elovainio, M. (2012). Experiences of school bullying among internationally adopted children: Results from the Finnish Adoption (FINADO) Study. *Child Psychiatry & Human Development*, 43, 592-611.
- Reis, M., & Filho, G. (2023). Adoção Internacional. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 9(9), 1741-1752.
- Relvas, A., & Alarcão, M. (2002). *Novas Formas de Família*. Quarteto Editora.
- Rinaldi, A. (2017). Adoção unilateral: função parental e afetividade em questão. *Acervo*, 30(1), 223-239.
- Rustin, M. (2018). Where do I belong? Dilemmas for children and adolescents who have been adopted or brought up in long-term foster care. *Creating New Families* (pp.107-125). Routledge.

- Sampaio, D., Magalhães, A., & Machado, R. (2020). Motivações para adoção tardia: entre o filho imaginado e a realidade. *Psicologia em estudo*, 25, 1-15.
- Santos, A., & Lago, V. (2020). A percepção de psicólogos peritos sobre o processo de habilitação para adoção. *Revista Universo Psi*, 1(1), 125-149.
- Sauer, P., & Ningelinki, A. (2020). A adoção no Brasil: óbices a um ato de amor. *Academia de Direito*, 2, 318-344.
- Sawicki, B., & Gimenez, C. (2021). O direito de pertencer. *Resolução Autocomposita de Conflitos: Limites e Possibilidades na Sociedade Contemporânea* (pp.15-38). Editora Fi.
- Segal, N., Li, N., Graham, J., & Miller, S. (2015). Do parents favor their adoptive or biological children? Predictions from kin selection and compensatory models. *Evolution and Human Behavior*, 36(5), 379-388.
- Segurança Social (SS). (2023). Como adotar. <https://www.seg-social.pt/como-adotar>
- Silva, C., Marco, T., & Schlosser, A. (2019). Processo de adoção e adoção tardia: definição, aspectos históricos e fenômenos associados. *Anuário Pesquisa e Extensão UNOESC Videira*, 4, 1-10.
- Silva, G., Leandro, A., Quirino, L., & Porto, A. (2023). Adoção tardia: percepção dos psicólogos sobre os desafios do processo de adoção de crianças maiores. *Research, Society and Development*, 12(7), 1-13.
- Sousa, J., & Santos, S. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, 10(2), 1396-1416.
- Thomas, L., & Sharpt, K. (2020). Communication about adoption in families. In G. Wrobel, E. Helder, & E. Marr (Eds.), *The Routledge Handbook of Adoption* (pp.253-265). Routledge.
- Van IJzendoorn, M., Juffer, F., & Klein Poelhuis, C. (2005). Adoption and cognitive development: A meta-analytic comparison of adopted and nonadopted children's IQ and school performance. *Psychological Bulletin*, 131, 301-316.

- Viana, F., Leite, C., Torres, C., Martins, V., Barbosa, G., Diniz, J., & Ramos, F. (2022). Compreensões e repercussões sob o prisma da homoparentalidade adotiva: uma revisão sistemática da literatura. *Revista de Casos e Consultoria*, 13(1), 1-19.
- Weber, D. (2001). *Pais e filhos por adoção no Brasil; características, expectativas e sentimentos*. Ed. Afiliada.
- Weber, L., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 227-237.
- Zill, N., & Bramlett, M. (2014). Health and well-being of children adopted from foster care. *Children and Youth Services Review*, 40, 29-40.

Anexos

Anexo A – Guião da Entrevista

Tabela 1. *Guião da Entrevista: 1ª Fase*

1ª Fase		
Objetivo Principal	Objetivos Específicos	Informações a Transmitir/Questões
Legitimação da entrevista;	- Justificar o tema e a entrevista; - Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a;	1) Apresentação da entrevistadora. 2) Informar o/a entrevistado/a sobre: a. Tema; b. Objetivos do estudo; c. Responsáveis; d. Metodologia; e. Apresentação/divulgação dos dados. 3) Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar. 4) Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da entrevista. 5) Assegurar a confidencialidade e o anonimato. 6) Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista. 7) Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.
Caracterização sociodemográfica do/a entrevistado/a;	- Identificar o/a entrevistado/a;	1) Dados do Questionário Sociodemográfico - Caracterização do/a entrevistado/a: a. Nome; b. Género; c. Idade atual;

		d. Idade da adoção; e. Nacionalidade; f. Foi/Não foi institucionalizado/a; g. Contacto com a família biológica;
--	--	--

Tabela 2. *Guião da Entrevista: 2ª Fase*

2ª Fase		
Tema	Objetivos Específicos	Questões
Tema A: Transformações verificadas com o Processo de Adoção	- Identificar as perceções das transformações verificadas na vida do adotado com o processo de adoção;	1) O que é para ti ser um/a filho/a adotivo/a? 2) Como descreverias o teu processo de adoção? 3) Passaste por um período de adaptação familiar (estágio de convivência), antes da adoção propriamente dita? Como foi para ti esse período? 4) Em algum momento do processo de adoção foste acompanhado por algum psicólogo? Se sim, qual a tua opinião relativa a esse acompanhamento? 5) Quais foram as principais mudanças que ocorreram na tua vida, após a adoção?
Tema B: Principais desafios da adoção;	- Analisar os principais desafios experienciados ao longo do processo de adoção e numa fase posterior ao mesmo;	6) De todas as mudanças, quais foram as mais difíceis para ti? 7) Se pudesses alterar alguma coisa no teu processo de adoção, o que alterarias? 8) Como descreverias as primeiras semanas de convivência com a tua família adotiva, após a adoção?

		9) Como é que te sentiste em relação à tua família adotiva nos primeiros momentos de convivência familiar, após a adoção? 10) Como é que te sentiste em relação aos restantes membros da tua família (por exemplo: tios, avós, primos, etc.) nos primeiros momentos de convivência familiar, após a adoção? 11) Como é que te sentiste em relação aos membros da comunidade (por exemplo: escola e grupos sociais como escuteiros, catequese, desporto, etc.) durante o primeiro ano da tua adoção?
Tema C: Estratégias de adaptação familiar;	- Detetar as estratégias, métodos e ações colocados/as em prática pela família adotiva a fim de promover uma adaptação familiar positiva para todos os membros envolvidos;	12) De que forma a tua família adotiva se preparou para a tua chegada? Ou Como descreverias a tua chegada e recessão à tua família adotiva? 13) És capaz de mencionar alguns comportamentos/atitude da tua família para que te sentisses integrado no seio familiar? 14) Ao longo do primeiro ano de adoção, como descreverias a atitude/comportamento dos teus pais perante as tuas dificuldades, receios, inseguranças? 15) Como é que a tua família adotiva procurou superar as dificuldades adjacentes ao primeiro ano após a adoção? 16) Como é que na tua família se fala sobre a tua história de adoção?

Tema D: Sentimento de pertença na família adotiva;	- Esclarecer a importância do sentimento de pertença na família adotiva; - Compreender a forma como o sentimento de pertença se desenvolve e os fatores que influenciam esse desenvolvimento;	17) Alguma vez sentiste que eras diferente e/ou que não pertencias à tua família adotiva? Como? Porquê? 18) Como te sentes enquanto membro da tua família adotiva? 19) Consegues recordar o momento em que sentiste que fazias verdadeiramente parte da tua família adotiva ou um dos momentos em que tiveste esse sentimento? Ou Alguma vez sentiste-te parte da tua família adotiva? Ou Consegues descrever uma situação onde tenhas sentido que não fazias verdadeiramente parte da tua família adotiva? (fazer esta questão apenas se na questão 18 o/a participante disser que não se sente parte da família) 20) Sentes que a tua família adotiva te apoia? De que forma? 21) Após a adoção, houve algum momento onde sentisses vontade de voltar para a instituição? Porquê? Quais foram os motivos? Ou Após a adoção, houve algum momento onde sentisses vontade de procurar/conhecer/viver com os teus pais/família biológica? Porquê? Quais foram os motivos?
--	--	--

Anexo B – Consentimento Informado



Consentimento Informado

Agradece-se a sua participação neste Projeto de Investigação cujo principal objetivo é compreender a experiência de adoção na perspetiva de adolescentes portugueses. Ao longo desta investigação procurar-se-á:

- (1) Identificar quais foram os principais desafios experienciados ao longo do processo da adoção e do primeiro ano após a adoção;
- (2) Averiguar quais foram as estratégias de adaptação familiar que foram mais significativas;
- (3) Explorar a importância do sentimento de pertença na família adotiva.

Em conformidade com o Código de Ética da Universidade de Évora (Diário da República, 2.^a série, n.º 30, de 12 de fevereiro de 2021) assegura-se que, caso se sinta desconfortável durante o processo, tem o direito de abandonar o estudo a qualquer momento, sem qualquer repercussão. Como consequência, os seus dados serão eliminados.

Na eventualidade da sua participação, assegura-se que serão mantidos o anonimato e a confidencialidade dos seus dados, pois consagra-se como obrigação e dever o sigilo profissional. A sua participação não terá qualquer tipo de custo ou compensação financeira. Acresce que a informação recolhida não será individualmente analisada, mas sim trabalhada conjuntamente com a dos outros participantes.

Assim:

Compreendo que tenho o direito de colocar, agora, no desenvolvimento do estudo, e após a sua conclusão qualquer questão sobre o mesmo e os métodos utilizados;

Percebo as condições e procedimentos, vantagens e riscos em participar neste estudo;

Asseguraram-me que os processos que dizem respeito ao estudo serão guardados de forma confidencial e que nenhuma informação que coloque em causa a

minha privacidade e identidade será publicada ou comunicada;

Compreendo as instruções fornecidas pela investigadora do estudo e que a minha participação não terá qualquer custo ou compensação financeira;

Compreendo e autorizo que seja efetuada a gravação do áudio da entrevista, bem como a sua posterior transcrição, desde que a gravação em questão seja eliminada aquando do término da investigação.

Depois de devidamente informado(a), autorizo a minha participação/participação do/a meu/minha educando/a neste estudo;

Assinatura do Responsável Legal / Encarregado de Educação:

Assinatura do/a Participante

Assinatura da Investigadora

Évora, _____ de _____ de _____

Anexo C – Descrição dos Resultados

Tema A: Transformações verificadas com o Processo de Adoção

Iniciando a análise dos resultados referentes ao tema A que procura identificar as percepções das transformações verificadas na vida do adotado, emergiram 4 categorias – “Identidade”, “Estágio de Convivência”, “Acompanhamento Psicológico” e “Sentimentos”.

Categoria 1: Identidade

A tabela 3 apresenta a categoria “Identidade”, que reúne as verbalizações dos/das participantes sobre aspetos que ao longo do processo de adoção afetaram a forma como passaram a perceber e a viver a sua individualidade. Esta categoria é composta por 2 subcategorias – “Comparação com filhos biológicos” e “Valorização”.

Tabela 3. Categoria 1: Identidade

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Identidade	Comparação com filhos biológicos	Igualdade	5	18
		Desigualdade	4	11
	Valorização	Autovalorização	1	1
		Autodesvalorização	1	2

A subcategoria “Comparação com filhos biológicos” refere-se à comparação realizada pelos próprios adotados em relação a filhos biológicos. Esta subcategoria alberga as subcategorias secundárias “Igualdade” e “Desigualdade”. A subcategoria secundária “Igualdade” é composta por verbalizações de 5 participantes (UC=18), relacionadas com o sentimento de igualdade e com a existência de semelhanças entre filhos adotivos e filhos biológicos. Destacam-se as seguintes verbalizações:

P.4: *“Eu acho que é a mesma coisa. Eu não sei, mas acho que é a mesma sensação de ser uma filha biológica.”*

P.6: *“Para mim é isso, sou filha do coração, não vim de dentro dela, mas sou filha igual.”*

Por sua vez, a subcategoria secundária “Desigualdade”, está associada ao sentimento de desigualdade e à existência de diferenças e desvantagens, entre filhos adotivos e filhos biológicos. Esta subcategoria secundária alberga as verbalizações de 4 participantes (UC=12), como por exemplo:

P.2: *“Nós (crianças adotadas) ainda tivemos menos do que ao que eles (crianças que crescem com a família biológica) tiveram. Por exemplo, eu não tive infância, não a vivi como deveria ter vivido e eles tiveram”;*

P.7: *“Filha de sangue é uma coisa, agora filha adotiva não é o mesmo, foi adotada por isso nunca será vista realmente como filha.”*

A subcategoria “valorização” inclui também 2 subcategorias secundárias e está relacionada com o reconhecimento do seu próprio valor e poder de decisão. A subcategoria secundária “autovalorização”, inclui a verbalização de 1 participante que reconhece a sua singularidade (UC=1):

P.2: *“Para mim, ser um filho adotivo é ser uma pessoa especial.”*

A subcategoria secundária “autodesvalorização” está relacionada com o sentimento de inferioridade e/ou incapacidade e conta também com as verbalizações de apenas 1 participante, (UC=2):

P.1: *“Para mim ser um filho adotivo é não poder escolher... basicamente não tens voz própria.”*

Categoria 2: Estágio de Convivência

A tabela 4 apresenta a categoria “Estágio de convivência” que agrupa as percepções dos/das participantes relacionadas com o impacto do estágio de convivência na adaptação mútua entre adotantes e adotado. Esta categoria é constituída por 2 subcategorias – “Existência” e “Ausência”.

Tabela 4. *Categoria 2: Estágio de Convivência*

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Estágio de convivência	Existência	Tempo passado com os pais adotivos	8	16
		Ligação afetiva entre pais e filhos	4	4

Na subcategoria “Existência”, que se refere à existência de estágio de convivência, encontram-se 2 subcategorias secundárias. A primeira subcategoria secundária refere-se ao “Tempo passado com os pais adotivos”, através de visitas, passeios e até fins de semana passados em conjunto durante o processo de adoção. Esta subcategoria secundária agrupa verbalizações de 8 participantes (UC=16), tais como:

P.1: *“Sim, sim, lembro-me de os meus pais irem à instituição visitar-me e costumavam levar-me a passear.”*

P.3: *“Eles iam lá buscar-me e nós íamos passear pela cidade, conhecer sítios novos todos juntos.”*

A segunda subcategoria secundária “Ligação afetiva entre pais e filhos” engloba verbalizações de 4 participantes (UC=4), relacionadas com a construção de uma ligação afetiva significativa, entre pais adotivos e filho adotivo durante o estágio de convivência. Realçam-se as seguintes verbalizações:

P.1: *“Passado pouco tempo comecei a chamar a minha mãe de mãe e o meu pai de pai.”*

P.2: *“Eu comecei a vê-la como mãe e a chamá-la de mãe.”*

A subcategoria “Ausência”, aponta para a ausência de estágio de convivência e é constituída pelas verbalizações de apenas 1 participante, nomeadamente:

P.9: *“Acho que não passei por isso, porque a primeira vez que vi o meu pai foi numa visita rápida só para nos conhecermos e a segunda vez que nos vimos já foi no dia de ele me levar para casa.”*

Categoria 3: Acompanhamento Psicológico

A tabela 5 ilustra a categoria “Acompanhamento psicológico”, que integra as narrativas dos/das participantes relativas à presença ou ausência de apoio psicológico durante e após o processo de adoção, bem como ao papel desempenhado por esse acompanhamento ao longo do percurso adotivo. Esta categoria apresenta 2 subcategorias – “Existência” e “Ausência”.

Tabela 5. Categoria 3: Acompanhamento Psicológico

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Acompanhamento psicológico	Existência	Durante o processo	3	3
		Após a adoção	4	4
		Obrigatoriedade	1	1
		Necessidade	3	5
		Dispensabilidade	3	5
	Ausência		3	5

A subcategoria “Existência” representa a existência de acompanhamento psicológico em algum momento do processo de adoção ou numa fase posterior ao mesmo, bem como a perspectiva que os adotados têm sobre o mesmo. Esta subcategoria apresenta 5 subcategorias secundárias. A primeira subcategoria secundária - “Durante o processo”, compreende as verbalizações de 3 participantes (UC=3), que referiram ter usufruído de acompanhamento psicológico enquanto decorria o processo de adoção:

P.5: *“Houveram algumas psicólogas que acompanharam o processo e perguntaram-me se eu estava bem, o que eu achava da adoção e dos meus pais.”*

P.9: *“Desde que fui para a instituição tive acompanhamento e quando me disseram que ia ser adotado também.”*

A subcategoria secundária “Após a adoção”, alberga verbalizações de 4 participantes (UC=4), que foram acompanhadas psicologicamente após terem integrado a sua família adotiva. Podem-se realçar as seguintes:

P.6: *“Sim, mas só depois de já estar com os meus pais, depois da adoção.”*

P.7: *“Logo depois de ter sido adotada tive uma psicóloga.”*

A subcategoria secundária “Obrigatoriedade” emerge do discurso de 1 participante (UC=1), no que respeita à sua perspectiva sobre o carácter obrigatório do acompanhamento psicológico durante o processo de adoção, nomeadamente:

P.1: *“O processo de adoção implica que a criança vá ao psicólogo, obrigatoriamente. Não é chegar, adotar e acabou.”*

No que concerne à subcategoria secundária “Necessidade”, encontram-se verbalizações de 3 participantes (UC=5) sobre a importância e a essencialidade do acompanhamento psicológico, tais como:

P.7: *“A pessoa com quem falava mais era com a minha psicóloga, eu precisava bastante dela.”*

P.9: *“Eu acho que foi bom e necessário, porque era o lugar onde eu me sentia mais aberto para conversar e partilhar o que eu estava a pensar.”*

A última subcategoria secundária “Dispensabilidade”, foi desenvolvida a partir das verbalizações de 3 participantes (UC=5), que consideram não ter necessitado de acompanhamento psicológico durante o processo de adoção. Algumas dessas verbalizações são:

P.3: *“Eu dei-me bem com os meus pais e acho que por isso não foi preciso (acompanhamento psicológico).”*

P.4: *“Eu acho que não foi preciso (acompanhamento psicológico), correu tudo bem.”*

A subcategoria “Ausência”, que se refere à ausência de acompanhamento psicológico, inclui também as verbalizações de 3 participantes (UC=5). Algumas dessas verbalizações são:

P.2: *“Eu acho que não... não me lembro de ter psicólogo durante esse processo.”*

P.4: *“Durante o processo não, acho que nunca fui acompanhada por psicólogo.”*

Categoria 4: Sentimentos

Na tabela 6, podemos ver representada a categoria “Sentimentos”. Esta categoria apresenta 3 subcategorias – “Positivos”, “Negativos” e “Ambíguos”, que distinguem os sentimentos experienciados pelo adotado durante o processo de adoção.

Tabela 6. Categoria 4: Sentimentos

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Sentimentos	Positivos	Felicidade	8	27
		Gratidão	1	3
		Amor	2	3

	Novidade	2	3
	Satisfação de necessidades	6	14
	Medo e ansiedade	7	16
	Cansaço	1	1
Negativos	Estigma	1	1
	Vergonha	1	1
	Desconfiança	1	1
Ambíguos	Dívida	1	3

A subcategoria “Positivos” destaca as verbalizações de sentimentos positivos, agrupados em subcategorias secundárias, para que sejam mais facilmente distinguidos. A subcategoria secundária “felicidade” baseia-se nos discursos de 8 participantes (UC=27), que verbalizaram sentirem-se satisfeitos com o próprio processo de adoção, uma vez que representou um período feliz das suas vidas. Podem-se destacar as seguintes verbalizações:

P.5: *“Quando nos apercebemos que de facto aquelas pessoas, os nossos pais, estão lá porque gostam de nós e nos querem dar uma vida melhor, acaba por ser sempre um alívio e ficasse feliz.”*

P.2: *“Eu andava muito alegre quando eles (pais adotivos) começaram a ir ver-me.”*

A subcategoria secundária “gratidão” foi criada com base nas verbalizações de 1 participante (UC=3), que se considerou extremamente grata pelas ações da sua mãe adotiva:

P.8: *“Eu sentia-me muito agradecida por tudo o que ela (mãe adotiva) fazia por mim.”*

A subcategoria secundária “Amor” contou com as narrativas de 2 participantes (UC=3), relacionadas com os atos de amor, acolhimento e afeto demonstrados pelos pais adotivos durante o processo de adoção:

P.6: *“Eles (pais adotivos) acolheram-nos logo, basicamente desde as primeiras visitas.”*

P.8: *“Quando lá ia aos fins de semana ela dava-me banho, deitava-me na cama e dava-me beijinhos nos pés.”*

A subcategoria secundária “Novidade” destaca as verbalizações de 2 participantes (UC=3), que sentiram o próprio processo de adoção como uma fase para conhecer, experimentar e aproveitar uma realidade nova e diferente:

P.7: *“Divertia-me porque haviam coisas novas e diferentes.”*

P.8: *“Era uma realidade diferente que eu nunca tinha vivido.”*

No caso da subcategoria secundária “Satisfação das necessidades” foram tidas em consideração, as verbalizações de 6 participantes (UC=14) relacionadas com o esforço e disponibilidade dos pais adotivos para satisfazerem as necessidades do filho adotivo no que toca ao apoio, à confiança e à adaptação:

P.5: *“Eles fizeram tudo o que podiam para que eu me sentisse bem e me adaptasse o mais rápido possível.”*

P.6: *“Nós apoiámo-nos logo neles, porque eles iam ser os nossos pais.”*

Por outro lado, a subcategoria “Negativos” realça as verbalizações de sentimentos negativos, agrupados também em subcategorias secundárias, para que sejam mais facilmente diferenciados. A subcategoria secundária “Medo e ansiedade” foca-se nas narrativas de 7 participantes (UC=16), que mencionaram sentirem receio e sintomas de ansiedade ao longo do processo de adoção. Apontam-se as seguintes narrativas:

P.3: *“Quando me disseram que duas pessoas queriam adotar-me eu lembro-me que senti muita preocupação, tinha medo que eles me conhecessem e depois pensassem que não era aquela criança, que não era a mim que eles queriam.”*

P.5: *“Há sempre aquele nervosismo e ansiedade por ser um ambiente novo, por não sabermos como são as pessoas e esperarmos sempre o pior.”*

A subcategoria secundária “Cansaço” é composta pela narrativa de 1 participante (UC=1), relacionada com o desgaste físico e/ou emocional que o processo de adoção pode trazer tanto aos pais como aos filhos adotivos:

P.4: *“Eu antes não achava que fosse tão dispendioso, nem tão cansativo como foi na realidade.”*

A subcategoria secundária “Estigma” reúne o discurso de 1 participante, cujo processo de adoção foi demorado devido ao preconceito da sociedade no que respeita à adoção homoparental (UC=1):

P.9: *“O meu pai tem um companheiro e na altura foi quando o casamento gay estava a se tornar legal em Portugal e assim, mas mesmo assim ainda foi complicado para o meu pai me adotar e demorou bastante por causa disso.”*

A subcategoria secundária “Vergonha” representa o constrangimento sentido por 1 participante (UC=1) em relação aos seus pais adotivos, durante o processo de adoção:

P.7: *“Sentia-me um bocado envergonhada porque não os conhecia de lado nenhum (pais adotivos)”*.

A subcategoria secundária “Desconfiança” considera a narrativa de 1 participante referente à pouca abertura que apresentava inicialmente para com os seus pais adotivos (UC=1):

P.7: *“Não lhes dava confiança porque não sabia quem eles eram (pais adotivos).”*

Por fim, a subcategoria “Ambíguos” realça as verbalizações de um sentimento que pode ser interpretado tanto como positivo, como negativo. A subcategoria secundária “Dívida” remete para esse sentimento, uma vez que o sentimento de dívida está igualmente relacionado com o reconhecimento do esforço, amor e dedicação dos pais adotivos, como também com uma pressão para compensar o amor recebido com perfeição, sucesso ou obediência. Esta subcategoria secundária engloba o discurso de 1 participante (UC=3):

P.8: *“Eu lembro-me de quando era criança, pensar muitas vezes ‘Eu tenho que lhe dar algo em troca por ela ser tão incrível para mim e para ela nunca deixar de me querer’.”*

Tema B: Principais Desafios da Adoção

Tendo em consideração o objetivo principal do tema B, nomeadamente a identificação dos principais desafios da adoção, foram desenvolvidas 8 categorias – “Complexidade do Processo de Adoção”, “Aspetos técnicos, institucionais e legais”, “Dificuldades de adaptação ao novo ambiente”, “Lidar com os maus-tratos familiares”, “Lidar com a quantidade de mudanças”, “Falar sobre a adoção”, “Conviver com

sentimentos negativos em relação à família adotiva” e “Conviver com sentimentos negativos em relação aos membros da comunidade”.

Categoria 5: Complexidade do Processo de Adoção

A categoria “Complexidade do Processo de Adoção”, representada na tabela 7, emerge dos aspetos complexos que dificultam o processo de adoção e apresenta 3 subcategorias – “Elevados gastos financeiros”, “Tempo” e “Falta de esclarecimento sobre o processo”.

Tabela 7. Categoria 5: Complexidade do Processo de Adoção

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Complexidade do processo de adoção	Elevados gastos financeiros	1	2
	Tempo	7	24
	Falta de esclarecimento sobre o processo	2	7

A subcategoria “Elevados gastos financeiros” engloba as verbalizações de 1 participante (UC=2) relativamente ao carácter dispendioso da adoção, particularmente nos casos de adoção internacional:

P.4: *“Foi preciso muitos gastos, investir muito dinheiro para fazer uma adoção.”*

A subcategoria “Tempo”, foi desenvolvida com base nas verbalizações de 7 participantes, relativamente à demora dos seus próprios processos de adoção, tais como:

P.3: *“Lembro-me que foi um bocado longo, parecia que nunca mais acabava.”*

P.9: *“Eu fui a várias reuniões e assim, e demorou bastante até o meu pai de facto me levar para casa.”*

A subcategoria “Falta de esclarecimento sobre o processo”, considerou o discurso de 2 participantes relativamente à incompreensão do processo de adoção, durante o mesmo. Destacam-se as seguintes verbalizações:

P.1: *“Não tinha consciência do que ia acontecer, eu não compreendia totalmente que ia viver com eles.”*

P.7: *“Seria bom ter compreendido melhor as coisas, ter alguém que nos explicasse que íamos uns dias a casa deles e depois voltávamos, mas que um dia íamos de vez para casa deles.”*

Categoria 6: Aspectos técnicos, institucionais e legais

Na tabela 8 ilustra-se a categoria “Aspectos técnicos, institucionais e legais”, que engloba os aspectos técnicos, institucionais e legais, que os/as participantes gostariam de alterar, a fim de tornar o processo de adoção mais simples. Esta categoria encontra-se subdividida em 6 subcategorias – “Processo de seleção da criança adotada”, “Técnicos responsáveis pelo processo”, “Processo de avaliação da família adotiva”, “Impossibilidade de contacto com a família biológica”, “Inexistência de estágio de convivência” e “Inexistência/Interrupção do acompanhamento psicológico”.

Tabela 8. *Categoria 6: Aspectos técnicos, institucionais e legais*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Aspectos técnicos, institucionais e legais	Processo de seleção da criança adotada	1	4
	Técnicos responsáveis pelo processo	1	4
	Processo de avaliação da família adotiva	1	2
	Impossibilidade de contacto com a família biológica	1	2
	Inexistência de estágio de convivência	1	2
	Inexistência/Interrupção do acompanhamento psicológico	2	7

A subcategoria “Processo de seleção da criança adotada” contém as narrativas de 1 participante (UC=4), relativamente à sua insatisfação com este processo:

P.2: *“É como se tivesses um catálogo aberto e escolhesses uma criança a partir de lá. Isto porque os pais adotivos escolhem as idades, o género, a raça e as características que querem na criança. Eu mudaria isso.”*

A subcategoria “Técnicos responsáveis pelo processo” alberga também o discurso de 1 participante (UC=4), no que respeita ao seu desagrado com os técnicos que acompanharam o seu processo de adoção:

P.4: *“Provavelmente alteraria as pessoas que estavam a tratar do processo, porque para elas a adoção é uma forma de lucro, de ganharem dinheiro e elas, não sei porquê, mas parecia que faziam de tudo para atrasar o processo.”*

A subcategoria “Processo de avaliação da família adotiva” foi formulada a partir das verbalizações de 1 participante (UC=2) em relação ao seu descontentamento com o processo de avaliação da própria família adotiva:

P.1: *“Gostava que se calhar tivessem avaliado melhor a família em que me colocaram, avaliado se a família estava bem, se tinha ou não problemas.”*

A subcategoria “Impossibilidade de contacto com a família biológica” está relacionada com o impedimento de contactos com os membros da família biológica durante o processo de adoção e foi mencionada por 1 participante (UC=2):

P.7: *“Eu acho que gostava que tivessem deixado que eu continuasse a ter relação com o meu irmão mais velho. (...) Eu acho que se tivéssemos mantido o contacto com ele as coisas teriam corrido melhor, porque já o conhecíamos, gostávamos dele e eu talvez não ia sentir que a vida estava a mudar por completo.”*

A subcategoria “Inexistência de estágio de convivência” conta também com as verbalizações de 1 único participante (UC=2), que não experienciou estágio de convivência durante o processo de adoção:

P.9: *“Sim gostava (que tivesse existido um estágio de convivência), porque basicamente fui viver com ele de um dia para o outro e nesse aspeto foi estranho para mim.”*

A subcategoria “Inexistência/Interrupção do acompanhamento psicológico” inclui as perspetivas de 2 participantes, que gostariam de ter usufruído de acompanhamento psicológico durante ou após a adoção:

P.7: *“Se tivesse tido psicóloga antes, talvez fosse mais fácil para mim.”*

P.8: *“Acho que teria sido bom continuar com o acompanhamento (psicológico).”*

Categoria 7: Dificuldades de adaptação ao novo ambiente

A categoria “Dificuldades de adaptação ao novo ambiente”, apresentada na tabela 9, incorpora as principais dificuldades do adotado na adaptação ao novo ambiente contextual, funcional, familiar, escolar e comunitário. Esta categoria está organizada em 9 subcategorias – “Dificuldades na adaptação ao quarto”, “Dificuldades

na adaptação à escola”, “Dificuldades na adaptação à comunidade”, “Dificuldades na compreensão/adaptação dos papéis e rotinas familiares”, “Lidar com os maus-tratos familiares”, “Lidar com a quantidade de mudanças”, “Falar sobre a adoção”, “Conviver com sentimentos negativos em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada” e “Conviver com sentimentos negativos em relação aos membros da comunidade”.

Tabela 9. Categoria 7: Dificuldades de adaptação ao novo ambiente

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Dificuldades de adaptação ao novo ambiente	Dificuldades na adaptação ao quarto		3	6
	Dificuldades na adaptação à escola		5	17
	Dificuldades na adaptação à comunidade		2	2
	Dificuldades na compreensão/adaptação dos papéis familiares		4	13
		Abusos emocionais, físicos e/ou verbais	3	29
		Assunção precoce de grandes responsabilidades familiares/parentais	1	7
	Lidar com os maus-tratos familiares	Incompreensão de determinadas dificuldades do filho adotivo	1	2
		Ausência de intervenção dos pais nos conflitos familiares	1	5

	Utilização frequente de castigos	2	4
Lidar com a quantidade de mudanças	Sobrecarga de informações novas	4	14
	Dificuldade em aceitar a separação da instituição	2	8
	Comunicação fechada sobre a adoção	2	10
Falar sobre a adoção	Desejo de comunicar abertamente sobre a adoção	2	2
Conviver com sentimentos negativos em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada	Medo e Ansiedade	5	14
	Estranheza	3	7
	Tristeza	2	5
	Rejeição/Exclusão	5	45
Conviver com sentimentos negativos em relação aos membros da Comunidade	<i>Bullying</i>	4	23
	Receio	1	1

A subcategoria “Dificuldades na adaptação ao quarto” engloba verbalizações de 3 participantes (UC=6), que relataram terem sentido dificuldades na acomodação a um novo quarto, bem como à escuridão, que é atípica nas instituições de acolhimento:

P.2: *“A pior etapa foi mesmo adaptar-me a tantas mudanças seguidas, (...) ao quarto e a dormir no escuro.”*

P.3: *“Eu já estava habituada a dormir num sítio e começar a dormir noutra sítio foi difícil. E eu nessa altura tinha muito medo do escuro, então dormia de porta aberta e de luz acesa.”*

A subcategoria “Dificuldades na adaptação à escola” comporta o discurso de 5 participantes (UC=17) cuja adaptação à escola, ao sistema de ensino, à turma e aos professores foi conturbada. Destacam-se as seguintes verbalizações:

P.3: *“A minha adaptação na escola também não foi fácil. Depois de sair da instituição, a minha entrada no 7º ano foi complicada, mas depois consegui adaptar-me. Integrar-me na turma e fazer novos amigos foi difícil.”*

P.4: *“Talvez o mais difícil foi a adaptação à escola porque foi muito atribulada.”*

A subcategoria “Dificuldades na adaptação à comunidade”, contou com as verbalizações de 2 participantes (UC=2), que relatam entraves na integração à nova região de residência e/aos respetivos grupos sociais e comunitários, nomeadamente:

P.2: *“A pior etapa foi mesmo adaptar-me a tantas mudanças seguidas, à casa, à escola, aos escuteiros.”*

P.5: *“Foi (...) uma região nova que eu não conhecia, com pessoas que eu não conhecia e não sabia o que esperar.”*

A subcategoria “Dificuldades na compreensão/adaptação dos papéis familiares”, desenvolvida através das verbalizações de 4 participantes (UC=14), está relacionada com as dificuldades no enquadramento à própria família adotiva e às suas regras e rotinas. Realçam-se as seguintes verbalizações:

P.7: *“Também foi difícil adaptar-me aos meus pais, eu não os tratava por pai e mãe, tratava pelos nomes deles, por isso é que também me colocaram na psicóloga, porque aquilo era tudo muito estranho para mim, eram pessoas estranhas.”*

P.8: *“Talvez a única coisa, tenha sido mesmo a dificuldade em organizar a minha cabeça, perceber os papéis de casa pessoa.”*

A subcategoria “Lidar com os maus-tratos familiares” agrupa as verbalizações relacionadas com a experiência de maus-tratos familiares, que influenciaram negativamente a adaptação do adotado ao novo contexto. As respetivas verbalizações foram organizadas em 5 subcategorias secundárias: “Abusos emocionais, físicos e/ou verbais”, “Assunção precoce de grandes responsabilidades familiares/parentais”, “Incompreensão de determinadas dificuldades do filho adotivo”, “Ausência de intervenção dos pais nos conflitos familiares” e “Utilização frequente de castigos”.

A subcategoria secundária “Abusos emocionais, físicos e/ou verbais” diz respeito aos comportamentos agressivos apresentados por alguns pais adotivos e mencionados por 3 participantes (UC=29), no decorrer das entrevistas. Estes comportamentos incluem violência física, agressões verbais, bem como violência psicológica, por exemplo:

P.1: *“A minha mãe não sabia educar sem brigar e bater.”*

P.8: *“Porque depois de a minha mãe falecer eu achei que as coisas em casa iam melhorar, que o meu pai ia deixar de beber e começar a cuidar como deve de ser do meu irmão, mas não foi isso que aconteceu. As coisas pioraram bastante, se ele já me batia quando a minha mãe era viva, depois só ficou pior (...).”*

A subcategoria secundária “Assunção precoce de grandes responsabilidades familiares/ parentais” reúne as verbalizações de 1 participante (UC=7), relativamente à aquisição de responsabilidades desadequadas à infância/adolescência, consequência da inversão de papéis entre pais e filhos adotivos:

P.8: *“Eu é que passei a ser responsável por tudo o que cabia ao meu irmão, como cozinhar as refeições, tratar das roupas, ajudá-lo com as coisas da escola, tipo, garantir que ele fazia os trabalhos de casa e assim.”*

A subcategoria secundária “Incompreensão de determinadas dificuldades do filho adotivo” alberga as narrativas de 1 participante (UC=2) relacionadas com a impaciência e incompreensão demonstradas pelos seus pais adotivos perante algumas das suas dificuldades iniciais:

P.7: *“Os meus pais não tinham paciência, tipo eles compreendiam certas coisas tipo o facto de ter dificuldade em lhes chamar de pai e mãe, outras coisas não compreendiam e eu evitava falar com eles.”*

A subcategoria secundária “Ausência de intervenção dos pais nos conflitos familiares” foi desenvolvida com base no discurso de 1 participante (UC=5) relativamente à falta de mediação dos pais nas desavenças familiares:

P.1: *“O meu pai ficava no canto dele, não gritava e não batia, mas também não se metia, não ajudava. Por exemplo quando eu e o meu irmão brigávamos, ele ficava no quarto e só aparecia quando a porrada já tinha acabado.”*

A subcategoria secundária “Utilização frequente de castigos” alberga as perspetivas de 2 participantes (UC=4) relativamente ao carácter exagerado e/ou frequente dos castigos aplicados pelos pais adotivos:

P.1: *“Quando cheguei a casa fiquei de castigo e fui para a casa do meu irmão, porque como não nos dávamos bem, o castigo era ir para casa dele fazer ditados e copiar livros.”*

P.7: *“Eles também me davam muitos castigos... Quando eu fazia algo de errado era logo um castigo.”*

A subcategoria “Lidar com a quantidade de mudanças” é constituída pelas verbalizações dos participantes que mencionam as mudanças mais difíceis enfrentadas após a adoção. Esta subcategoria foi organizada em 2 subcategorias secundárias – “Sobrecarga de informações novas” e “Dificuldade em aceitar a separação da instituição”.

A subcategoria secundária “Sobrecarga de informações novas” foi criada com base nos pontos de vista de 4 participantes (UC=14) relativamente à quantidade de estímulos, mudanças e dados que tiveram que processar, após serem inseridas em novos ambientes familiares e sociais. Algumas das respetivas verbalizações foram:

P.4: *“Mudou tudo na minha vida. Tudo, tudo, tudo.”*

P.9: *“Eu não estava habituado a viver assim, estava a conhecer tantas pessoas novas, todos os dias conhecia um tio, um primo, uma avó, foi muita informação de uma vez só.”*

No que concerne à subcategoria secundária “Dificuldade em aceitar a separação da instituição” podemos destacar os discursos de 2 participantes (UC=8) sobre as memórias positivas associadas ao período em que viveram na instituição e sobre o facto da separação ter sido temporariamente sentida como uma perda da rotina, das pessoas e do conhecido. Destacam-se as seguintes verbalizações:

P.7: *“Nós tínhamos imensa gente à nossa volta, imensas crianças e de repente só há duas pessoas.”*

P.9: *“Foi mesmo o deixar para trás todas as pessoas da instituição, deixar a vida que eu tinha, porque eu era feliz lá.”*

A subcategoria “Falar sobre a adoção” encontra-se associada às dificuldades sentidas por alguns/algumas participantes no que toca ao diálogo sobre a própria adoção com a família adotiva. Esta subcategoria reparte-se em 2 subcategorias secundárias – “Comunicação fechada sobre a adoção” e “Desejo de comunicar abertamente sobre a adoção”.

A subcategoria secundária “Comunicação fechada sobre a adoção” inclui as verbalizações de 2 participantes (UC=10) relativamente ao estilo comunicacional restrito, evitativo ou silencioso apresentado pelos pais adotivos no que respeita à temática da adoção:

P.7: *“Nós não falávamos sobre isso. Houve uma vez que perguntei qualquer coisa e eles não reagiram muito bem, ficaram do tipo, 'Mas para quê que queres saber isso?'. ”*

P.9: *“Sinceramente, as coisas são um bocado tabu. Cada vez que eu perguntava alguma coisa sobre a adoção ou sobre mim ao meu pai, a reação dele era sempre ‘Então, mas porquê que queres saber? Não estás aqui? É isso que importa.’ ”*

Por sua vez, a subcategoria secundária “Desejo de comunicar abertamente sobre a adoção”, representa a intenção ou vontade de conversar de forma honesta, clara e respeitosa sobre a sua própria origem, história de vida e processo de adoção com a família adotiva. A respetiva subcategoria secundária apresenta verbalizações de 2 participantes (UC=2):

P.7: *“Eu gostava que eles falassem sobre isso sem problemas, porque dá-me a sensação que eles sabem coisas que não querem que nós saibamos.”*

P.9: *“Eu queria que ele fosse mais aberto comigo... Eu acho que se ele tivesse sido mais aberto comigo em relação às minhas dúvidas sobre a adoção, eu não teria tido aquele desejo de ir à procura da minha família biológica aos 18 anos”.*

A subcategoria “Conviver com sentimentos negativos em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada” está relacionada com o desenvolvimento de mágoas, ressentimentos ou outras dores emocionais durante a convivência com a família adotiva. A partir desta subcategoria, surgiram 4 subcategorias secundárias – “Medo e Ansiedade”, “Estranheza”, “Tristeza” e “Rejeição/Exclusão”.

A subcategoria secundária “Medo e Ansiedade” engloba as verbalizações de 5 participantes (UC=14), relativamente aos sentimentos de receio, nervosismo, ansiedade

e pressão sentidos numa fase posterior à adoção, quando já se encontravam integrados na família adotiva. Destacam-se as seguintes verbalizações:

P.3: *“Ao início sentia um bocado de receio, mas depois fui-me adaptando.”*

P.5: *“É uma espécie de pressão que sentimos, para que as pessoas gostem de nós, tendo em conta o nosso passado (...). Eu colocava essa pressão em mim próprio, mas com o tempo acabou por diminuir essa pressão.”*

A subcategoria secundária “Estranheza” foi elaborada a partir dos discursos de 3 participantes (UC=7) que mencionaram ter experienciado sentimentos de desencaixe, vergonha e desconfiança no período inicial de convivência com a família adotiva. São exemplos as seguintes verbalizações:

P.7: *“Nas primeiras semanas, eu acho que é tudo novo e estranho... é difícil adaptar.”*

P.8: *“Eu ao início sentia-me muito envergonhada para falar com eles (pais adotivos), porque não os conhecia e era muita gente nova.”*

A subcategoria secundária “Tristeza” teve em consideração as narrativas de 2 participantes (UC=5) em relação à angústia, tristeza ou negação sentidas em relação à família adotiva e/ou em relação à própria adoção. Algumas dessas narrativas foram:

P.7: *“Eu lembro-me que fiz uma grande birra porque não queria ir (viver com os pais adotivos). Quando lá cheguei fartei-me de chorar (...).”*

P.9: *“Nas duas primeiras semanas o meu pai enganava-se no meu nome, estava sempre a chamar-me de X. e o meu nome é P.9. Sei que isso me afetou um pouco na altura e deixou-me triste (...).”*

A subcategoria secundária “Rejeição/Exclusão” alberga as perspetivas de 5 participantes (UC=45) que relatam sentimentos de solidão, carência de afeto e suporte emocional, bem como rejeição e exclusão por parte de alguns membros da família adotiva. Destacam-se as perspetivas que aparecem de seguida:

P.1: *“Não me sentia acolhida pelos meus irmãos ... Sabes é que o meu irmão mais velho era muito agressivo e nós nunca nos demos bem desde que cheguei. E depois da minha adoção, pouco tempo depois, o meu pai foi trabalhar para Angola. A partir daí o meu irmão começou a achar que era ele que mandava na casa. Então era só guerra e entre mim e ele (...). O meu irmão perguntava várias vezes à minha mãe porque é que eles me adotaram.”*

P.2: *“Só tenho um primo que sempre teve inveja de mim e inveja do que eu tenho. Porque foi um primo que os meus pais cuidaram dele e tinham muito carinho por*

ele. Então quando os meus pais me trouxeram, ele sentiu-se um bocado atingido quando eu vim ocupar um lugar que era "dele" entre aspas. Porque no fundo nunca foi o lugar dele, ele não pertencia aos meus pais, ele pertencia à mãe e ao pai dele, por isso ele não tinha razão para me tratar mal e fazer o que fazia".

A subcategoria "Conviver com sentimentos negativos em relação aos membros da comunidade", à semelhança da subcategoria anterior, está relacionada com a vivência de experiências emocionais negativas, desta vez durante a convivência com os membros da comunidade. A partir desta subcategoria emergiram duas subcategorias secundárias – "Bullying" e "Receio".

A subcategoria secundária "Bullying" foi criada com base nas verbalizações de 4 participantes (UC=23) onde são mencionadas experiências de humilhação, intimidação e/ou agressão vivenciadas pelos/pelas participantes, tais como:

P.2: *"Eu passei por muito bullying por ser adotado, desde que fui viver com os meus pais e estava na escola primária, até ao 10º ano."*

P.6: *"Alguns colegas faziam comentários sobre ser adotada e gozavam com a situação."*

A subcategoria secundária "Receio" engloba o discurso de 1 participante (UC=1), relativamente ao sentimento de insegurança ou medo em relação à forma como determinadas pessoas reagiriam se soubessem que tinha sido adotada:

P.3: *"Eu sentia que algumas (pessoas) iam perceber e respeitar (a adoção) e outras se calhar não iam perceber e mais tarde vir a criticar ou a gozar."*

Tema C: Estratégias desenvolvidas para a adaptação familiar

O tema C pretende identificar estratégias, métodos e ações colocadas em prática pela família adotiva a fim de promover uma adaptação familiar saudável e positiva para todos os membros envolvidos. Desta forma, surgiram 2 categorias – "Adaptação do filho adotivo" e "Estratégias para a superação das dificuldades dos pais adotivos".

Categoria 8: Adaptação do filho adotivo

A tabela 10 apresenta a categoria "Adaptação do filho adotivo", que reúne uma série de ações, atitudes e práticas utilizadas pela família adotiva, com o intuito de auxiliar a integração emocional, afetiva e relacional do filho adotivo no novo núcleo familiar. Esta categoria fraciona-se em 5 subcategorias – "Preparação para a chegada do filho

adotivo”, “Comportamentos/attitudes da família adotiva após a chegada do filho”, “Respostas parentais positivas perante as dificuldades de adaptação do filho”, “Falar sobre a adoção” e “Integração na comunidade”.

Tabela 10. Categoria 8: Adaptação do filho adotivo

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Adaptação do filho adotivo	Preparação para a chegada do filho adotivo	Adaptação da casa ao filho adotivo	9	23
		Aquisição de roupas/brinquedos para o filho adotivo	7	14
		Apresentação da casa e dos membros da família	1	3
		Preservação dos laços sociais prévios à adoção	4	11
		Tempo passado em família	4	7
		Apresentação do filho adotivo à família alargada	2	2
	Comportamentos/attitudes da família adotiva após a chegada do filho	Transmissão de disciplina e educação	4	7
		Transmissão de saberes práticos e afetivos	1	6
		Utilização de termos de parentesco	1	2
		Auxílio na superação de medos	4	9
		Comunicação aberta e assertiva	8	32

	Compreensão das dificuldades na adaptação familiar	5	9
	Ausência de comportamentos violentos	3	4
	Presença e auxílio dos pais adotivos nos momentos mais difíceis	7	18
	Procura de apoio psicológico para o filho adotivo	4	5
	Comunicação aberta em relação à adoção	7	38
Falar sobre a adoção	Conhecimento da adoção por parte dos membros da família e do círculo social	2	2
Integração na comunidade	Incentivo dos pais para a integração do filho em grupos sociais/comunitários	6	9

A subcategoria “Preparação para a chegada do filho adotivo” direciona-se para as medidas tomadas pela família adotiva, numa fase prévia à chegada do filho adotivo, com a intenção de preparar da melhor forma essa mesma chegada. A respetiva subcategoria organiza-se ainda em 3 subcategorias secundárias – “Adaptação da casa ao filho adotivo”, “Aquisição de roupas/brinquedos para o filho adotivo”, “Apresentação da casa e dos membros da família”.

A subcategoria secundária “Adaptação da casa ao filho adotivo”, inclui verbalizações dos 9 participantes (UC=23) e está relacionada com a adaptação da casa à chegada de um novo elemento, particularmente na aquisição de uma casa com mais

espaço, na preparação de um quarto próprio para o filho adotivo e/ou na criação de espaços de lazer destinados ao mesmo. Destacam-se as verbalizações seguintes:

P.1: *“Eu senti que os meus pais se prepararam para a minha chegada. Por exemplo, quando eu cheguei eles tinham comprado um beliche para mim. Depois quando nos mudámos já tinha um quarto só para mim.”*

P.8: *“Isso foi mesmo muito importante para mim, ter o meu espaço dos brinquedos lá em casa, por exemplo na sala tinha um armário só para os meus brinquedos, na rua também havia outro armário para os brinquedos, ou seja, a casa tinha seções para mim, estava preparada para mim, não era como se eu fosse uma intrusa”.*

A subcategoria secundária “Aquisição de roupas/brinquedos para o filho adotivo” surgiu através das narrativas de 7 participantes (UC=14) relativamente ao empenho dos pais adotivos na obtenção de vestuário e brinquedos destinados exclusivamente ao filho adotivo. Algumas dessas narrativas são:

P.4: *“Porque a minha mãe começou a comprar roupas para 5 anos porque achou que eu vinha com 5 anos. Ou seja, eu quando cheguei tinha roupas no quarto para crianças de 5 anos, de 6, 7 e 8 anos (risos), porque ela todos os anos comprava roupas novas. Assim quando eu chegasse ela estava preparada.”*

P.5: *Eles compraram-nos logo bicicletas, trotinetes, tudo, tudo, tudo. (...) Quando eles nos decidiram escolher, foram para casa e trataram logo de tudo, quando chegámos deu para perceber que eles se tinham esforçado para que nos sentíssemos bem quando chegássemos.”*

A categoria “Apresentação da casa e dos membros da família” surgiu a partir do discurso de 1 participante (UC=3) cujos pais adotivos apresentaram os membros da família, bem como os espaços da sua casa, mesmo antes da chegada do novo elemento familiar:

P.3: *“Eu antes de chegar, a minha família mandou-me um livrinho com tudo. (...) Nesse livro tinha muita coisa, tinha a apresentação deles, dos meus pais e do meu irmão e dizia o que eles gostavam de fazer também. Também tinha a apresentação da casa e assim.”*

No que concerne à subcategoria “Comportamentos/atitude da família adotiva após a chegada do filho”, distinguem-se 6 subcategorias secundárias relacionadas com as ações apresentadas pela família adotiva, numa fase posterior chegada do filho

adotivo, que influenciaram positivamente a sua integração familiar – “Preservação dos laços sociais prévios à adoção”, “Tempo passado em família”, “Apresentação do filho adotivo à família alargada”, “Transmissão de disciplina e educação”, “Transmissão de saberes práticos e afetivos” e “Utilização de termos de parentesco”.

A subcategoria secundária “Preservação das memórias e laços sociais prévios à adoção” agrupa as verbalizações de 4 participantes (UC=11) que referem o apoio dos pais na manutenção de relações importantes que o filho já tinha antes de ser adotado, bem como na preservação das memórias felizes associadas a esses laços afetivos e relacionais. São exemplos as seguintes verbalizações:

P.1: *“Lembro-me que a minha mãe fazia questão de convidar as meninas da instituição para os meus aniversários.”*

P.3: *“Os meus pais guardaram fotos minhas com cada uma das pessoas da instituição. Fotos que eu tirei antes de vir para casa. Ainda tenho essa recordação”.*

A subcategoria secundária “Tempo passado em família” considerou as narrativas de 4 participantes (UC=7) relacionadas com o efeito benéfico dos momentos vividos em família na adaptação ao novo contexto familiar e social. Destacam-se algumas narrativas, nomeadamente:

P.2: *“Depois eles também começaram a viajar muito comigo, a levar-me a sítios novos, diferentes, ou seja, tentaram que aos poucos e poucos eu me fosse ambientando a eles e ao mundo.”*

P.5: *“Os meus pais gostavam de fazer umas brincadeiras, umas atividades mais viradas para mim, no sentido de 'isto também é um momento para ti, não é só para nos fazeres a vontade'.”*

A subcategoria secundária “Apresentação do filho adotivo à família alargada” inclui as verbalizações de 2 participantes (UC=2), que consideram a sua introdução à família extensa como uma estratégia dos pais adotivos para a sua rápida integração na família. Essas verbalizações são:

P.2: *“Os meus pais quiseram “mostrar-me” entre aspas, para que as pessoas (família alargada) me conhecessem e me aceitassem.”*

P.9: *“Ele também fez questão de me apresentar à família toda, o que apesar de ter sido uma confusão para a minha cabeça, mostra que ele me queria integrar o mais rápido possível, não é?”*

A subcategoria secundária “Transmissão de disciplina e educação” contém verbalizações de 4 participantes (UC=7) relacionadas com a necessidade e o impacto positivo do ensino de regras, valores e limites ao filho adotivo, tais como:

P.2: *“Os meus pais também ralhavam comigo, não é? É normal, também tinham de me mostrar disciplina e me dar educação. Eu quando vim na instituição não tinha nada disso, por isso tive de receber dos meus pais.”*

P.6: *“Agora claro, se fizéssemos alguma asneira eles davam-nos castigos, por exemplo, não podia ir para a rua brincar porque tinha feito alguma coisa, mas pronto foi assim que eu aprendi e não morri.”*

A subcategoria secundária “Transmissão de saberes práticos e afetivos” surgiu do discurso de 1 participante (UC=6) relativamente à receção e aprendizagem de conhecimentos, experiências e habilidades quotidianas, transmitidas pela sua família adotiva:

P.8: *“A minha avó, por exemplo, ensinou-me a coser, a dar pontos na roupa, ensinou-me a fazer uma cama, ensinou-me a cozinhar, a fazer bolos e a tirar com o dedo a massa da tigela.”*

À semelhança da subcategoria secundária anteriormente exemplificada, a subcategoria secundária “Utilização de termos de parentesco” foi também desenvolvida a partir das verbalizações de 1 único participante (UC=2). A mesma está associada à relevância da utilização de termos de parentesco na convivência diária entre a família adotiva e o filho adotivo, por exemplo:

P.8: *“Eu lembro-me que a minha avó quando tinha o almoço pronto ia à janela chamar-me 'Neta, o almoço está pronto' e eu depois ia chamar o meu avô 'Avô, a avó disse que o almoço está pronto.' e depois almoçávamos todos juntos como é suposto nas famílias. E eu lembro-me que isso de chamar pelos nomes era importante para mim.”*

De seguida, encontra-se a subcategoria “Respostas parentais positivas perante as dificuldades de adaptação do filho”, que se subdivide em 6 subcategorias secundárias, representativas de atitudes e comportamentos parentais adequados face aos desafios da adaptação do filho adotivo – “Auxílio na superação de medos”, “Comunicação aberta e assertiva”, “Compreensão das dificuldades na adaptação familiar”, “Ausência de comportamentos violentos”, “Presença e auxílio dos pais

adotivos nos momentos mais difíceis” e “Procura de apoio psicológico para o filho adotivo”.

A subcategoria secundária “Auxílio na superação de medos” foi estruturada com as verbalizações de 4 participantes (UC=9), que consideram o apoio e ajuda dos pais adotivos perante os seus medos e receios, como algo muito importante na sua integração ao novo ambiente familiar. Algumas dessas verbalizações são:

P.3: *“Hoje eu já durmo no escuro sem problema nenhum e isso é graças a eles (pais adotivos).”*

P.4: *“Em relação aos meus medos, a minha mãe também falava muito comigo e dizia que eu não me precisava de me preocupar com nada.”*

A subcategoria secundária “Comunicação aberta e assertiva” está diretamente vinculada à disponibilidade dos pais adotivos para escutar, esclarecer dúvidas, dialogar de forma assertiva e apoiar emocionalmente o filho adotivo. Esta subcategoria secundária tem por base discursos de 8 participantes (UC=32), tais como:

P.6: *“Eles (pais adotivos) sempre nos perguntaram se nos sentíamos à vontade, faziam questão de nos perguntar, de falar connosco e ouvir o que nós tínhamos a dizer.”*

P.9: *“Basicamente ele (pai adotivo) pedia para eu desabafar e dizia que eu podia falar com ele sobre qualquer assunto.”*

A subcategoria secundária “Compreensão das dificuldades na adaptação familiar” engloba verbalizações de 5 participantes (UC=9) relacionadas com a importância de os pais adotivos demonstrarem sensibilidade face às dificuldades do filho adotivo no processo de inserção familiar. Destacam-se algumas verbalizações, por exemplo:

P.5: *“A reação deles (pais adotivos) era boa... era a reação normal de uns pais que compreendiam que não era fácil para mim me adaptar a tanta coisa nova.”*

P.6: *“Eles (pais adotivos) compreendiam, por isso reagiam sempre bem perante essas coisas, simplesmente queriam ver-nos bem e felizes.”*

A subcategoria secundária “Ausência de comportamentos violentos” refere-se à capacidade dos pais adotivos para instruir e educar os seus filhos, sem recurso a comportamentos agressivos e violentos. Esta subcategoria secundária reúne verbalizações de 3 participantes (UC=4), incluindo as seguintes:

P.2: *“Acho que os meus pais souberam dar-me educação, porque sabiam enfrentar-me, também sabiam ouvir o meu lado e sabiam repreender quando tinham que o fazer, sem nunca me baterem.”*

P.5: *“Nunca tive assim nenhuma atitude mais violenta da parte deles, pelo menos não me lembro.”*

A subcategoria secundária “Presença e auxílio dos pais adotivos nos momentos mais difíceis”, representa as verbalizações de 7 participantes (UC=18) relacionadas com o apoio emocional e disponibilidade para ajudar oferecidos pelos pais adotivos nos momentos de maior fragilidade da vida do filho adotivo, especialmente durante o processo de adaptação à nova realidade familiar. Realçam-se as seguintes verbalizações:

P.6: *“Eles estavam sempre lá, acho que isso foi o mais importante. Se nós precisássemos de alguma coisa eles davam sempre apoio e faziam de tudo para nos ajudar.”*

P.9: *“Eu sei que ele (pai adotivo) estava lá para mim, para me ajudar no que fosse preciso.”*

Por fim, a subcategoria secundária “Procura de apoio psicológico para o filho adotivo” inclui as narrativas de 4 participantes (UC=5) cujos pais adotivos optaram por procurar apoio psicológico para os filhos, a fim de auxiliá-los na integração familiar, na elaboração de possíveis traumas e no seu desenvolvimento emocional e identitário. De seguida encontram-se exemplos dessas narrativas:

P.3: *“Esse foi um processo um pouco complicado para mim e um dos motivos para os meus pais terem procurado o apoio psicológico.”*

P.6: *“Eles também procuraram apoio psicológico para mim e para o meu irmão para que nós compreendêssemos melhor o que se estava a passar e assim.”*

Seguidamente encontra-se a subcategoria “Falar sobre a adoção” associada à importância de uma comunicação aberta, assertiva e sem *tabus* entre criança adotada e a respetiva família adotiva no que concerne à temática da adoção. Esta categoria apresenta 2 subcategorias secundárias – “Comunicação aberta em relação à adoção” e “Reconhecimento da adoção pelos membros da família e do círculo social”.

A subcategoria secundária “Comunicação aberta em relação à adoção”, agrupa as verbalizações de 7 participantes (UC=38) relativamente à valorização da abertura e transparência sobre a temática da adoção e, por sua vez, à disponibilidade parental para esclarecer dúvidas sobre o assunto.

P.2: *“Eu poderia falar com eles sobre qualquer coisa, que eles ouviam e ajudavam, incluindo sobre a adoção.”*

P.3: *“Se eu tivesse algum dúvida em relação à minha história e eles me soubessem responder, ou em relação à adoção eu podia perguntar sem problema.”*

A subcategoria secundária “Conhecimento da adoção por parte dos membros da família e do círculo social” tem em consideração o discurso de 2 participantes (UC=2) acerca da importância do conhecimento da adoção por parte da família alargada e do círculo social:

P.3: *“Na escola, as únicas pessoas que sabiam que eu era adotada eram só as minhas colegas, da minha turma, mas mesmo assim nem todas sabiam. (...) Eu gostava que as pessoas mais próximas soubessem que eram adotada.”*

P.5: *“A adoção é um facto conhecido tanto pela família, pelos amigos da família, tanto por amigos meus também e arredores ... e eu gosto que assim seja.”*

A última subcategoria “Integração na comunidade”, está relacionada com as estratégias utilizadas pela família adotiva, para que o filho se integrasse de forma saudável e adaptativa à nova região e comunidade. A partir desta subcategoria emergiu 1 subcategoria secundária – “Incentivo dos pais para a integração do filho em grupos sociais/comunitários”. A mesma agrupa as verbalizações de 6 participantes (UC=9) relativamente ao incentivo e apoio dos pais adotivos para que integrassem e participassem em atividades e grupos sociais, como por exemplo:

P.1: *“Os meus pais colocaram-me nos escuteiros para eu saber controlar-me mais e aprender a conviver com pessoas.”*

P.8: *“A minha mãe colocou-me no teatro, na dança, na natação, em tudo nos primeiros anos.”*

Categoria 9: Estratégias para a supera o das dificuldades dos pais adotivos

A tabela 11 ilustra a categoria “Estratégias para a supera o das dificuldades dos pais adotivos” e as suas respetivas 5 subcategorias - “Apoio mútuo entre os pais

adotivos”, “Apoio da família alargada”, “Apoio dos amigos dos pais adotivos”, “Apoio da equipa de adoção” e “Procura de acompanhamento psicológico para os pais adotivos”. Estas subcategorias representam as principais estratégias colocadas em prática pelos pais adotivos dos/das participantes, com o intuito deles próprios superarem os principais desafios associados ao processo de adoção.

Tabela 11. Categoria 9: Estratégias para a superação das dificuldades dos pais adotivos

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Estratégias para a superação das dificuldades dos pais adotivos	Apoio mútuo entre os pais adotivos	3	6
	Apoio da família alargada	9	19
	Apoio dos amigos dos pais adotivos	2	2
	Apoio da equipa de adoção	1	1
	Procura de acompanhamento psicológico para os pais adotivos	4	6

A subcategoria “Apoio mútuo entre os pais adotivos” foi criada a partir dos discursos de 3 participantes (UC=6) relacionados com a colaboração, suporte e ajuda recíproca entre os pais adotivos ou entre pai adotivo e respetivo companheiro. Destacam-se as verbalizações seguintes:

P.8: “O meu pai e a minha mãe também se apoiavam muito um ao outro e sinto que ultrapassavam os problemas juntos.”

P.9: “O companheiro do meu pai, também foi muito importante, eles falavam muito sobre mim e o meu pai tinha muito em consideração a opinião dele.”

A subcategoria “Apoio da família alargada” inclui verbalizações dos 9 participantes (UC=19) e representa o acolhimento, a validação e o apoio emocional prestado por familiares próximos aos pais adotivos. Algumas das verbalizações incluídas são:

P.1: “A minha mãe procurava sempre a ajuda da minha avó e das minhas tias também.”

P.4: “Ela (mãe adotiva) contou-me que de vez em quando ia falar com eles (tios) e perguntava-lhes o que deveria fazer em certas situações.”

A subcategoria “Apoio dos amigos dos pais adotivos” reúne as narrativas de 2 participantes (UC=2), cujos pais são adotivos procuraram a opinião e o suporte emocional dos amigos mais próximos perante os desafios enfrentados com a adoção. São exemplos as seguintes narrativas:

P.2: *“Também se apoiaram muito na minha família e nos amigos deles.”*

P.9: *“Também me lembro que haviam uns quatro amigos dele (pai adotivo) que iam muitas vezes lá a casa e eles combinavam muitas coisas aos fins de semana e assim e tenho a certeza que o meu pai falava com eles sobre mim e sobre ser pai e assim.”*

Apenas a narrativa de 1 (UC=1) participante levou à criação da subcategoria “Apoio da equipa de adoção”, relacionada com a usufruição dos acompanhamentos técnicos, emocionais e informativos prestados pelos técnicos especializados que atuaram no processo de adoção. A verbalização foi a seguinte:

P.3: *“Os meus pais também tinham o apoio e a ajuda da equipa de adoção.”*

A última subcategoria “Procura de acompanhamento psicológico para os pais adotivos”, agrupa as verbalizações de 4 participantes (UC=6). Os mesmos afirmam que os seus pais adotivos beneficiaram de acompanhamento psicológico durante e/ou após o processo de adoção, como por exemplo:

P.5: *“Durante aqueles três meses do processo e depois também, os meus pais também foram a um psicólogo com o objetivo de fazerem uma preparação psicológica mais aprofundada.”*

P.7: *“A minha mãe sei que procurou um psicólogo para ela também.”*

Tema D: Sentimento de pertença na família adotiva

O tema D procura esclarecer a importância do sentimento de pertença na família adotiva, bem como a forma como este se desenvolve e os fatores que influenciam esse desenvolvimento. Desta forma, foram criadas 4 categorias – “Perceções da integração familiar”, “Vivências no contexto familiar”, “Presença de apoio familiar” e “Ausência de apoio familiar”.

Categoria 10: Perceções da integração familiar

A categoria “Perceções da integração familiar”, representada na tabela 12, refere-se à forma como os/as participantes percebem a sua integração e inclusão na

família adotiva e à forma como identificam semelhanças ou diferenças em relação à mesma. Esta categoria agrupa duas subcategorias – “Integração afetiva” e “Comparação à família adotiva”.

Tabela 12. Categoria 10: Percepções da integração familiar

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Percepções da integração familiar	Integração afetiva	Positiva	8	53
		Negativa	3	12
		Temporária	2	2
	Comparação à família adotiva	Percepção de diferenças em relação à família adotiva	1	3
		Percepção de semelhanças em relação à família adotiva	2	6

A subcategoria “Integração afetiva” subdivide-se em 3 subcategorias secundárias – “Positiva”, “Negativa” e “Temporária” e encontra-se relacionada com a ligação emocional profunda que os/as participantes sentem em relação à sua família adotiva, bem como à sensação de fazer verdadeiramente parte desse grupo.

A subcategoria secundária “Positiva” engloba verbalizações de 8 participantes (UC=53) que referiram ter estabelecido laços fortes de amor, segurança e aceitação com os membros da família adotiva nuclear e/ou alargada, pelo que se sentem positivamente integrados e pertencentes à família. Destacam-se as verbalizações seguintes:

P.2: *“Comecei (...) a sentir que pertencia a uma família e que estava finalmente a receber amor. Algo que não sentia na instituição.”*

P.8: *“Eu sempre senti que pertencia porque a minha mãe deixava isso muito claro.”*

Por outro lado, a subcategoria secundária “Negativa” contou com as verbalizações de 3 participantes (UC=12) que mencionaram dificuldades na criação de

vínculos de amor, segurança e aceitação com a família adotiva nuclear e/ou alargada, pelo que não se sentem positivamente integrados e pertencentes à família. São exemplos as seguintes verbalizações:

P.1: *“Nunca me senti integrada e até hoje a minha mãe sabe disso.”*

P.8: *“Em relação à família da parte do meu pai adotivo... eles gostavam de mim antes do meu irmão nascer, mas quando a minha mãe teve o meu irmão, eles excluíram-me por completo. (...) Não sentia que pertencia à família da parte do meu pai adotivo.”*

A subcategoria secundária “Temporária” contém as verbalizações de 2 participantes (UC=2), que em algum momento de convivência com a família adotiva sentiram-se temporariamente integrados ou temporariamente excluídos da mesma, uma vez que esse sentimento se transformou positiva ou negativamente com o tempo. Algumas dessas verbalizações são:

P.4: *“Já senti sim (que não pertencia), foi durante a crise da adolescência, logo ao início da crise da adolescência (...) mas esse pensamento foi ultrapassado”.*

P.7: *“Eu acho que no início não sentia que pertencia e por isso é que estava mais afastada e não conversava. Com o tempo eu comecei a sentir que pertencia, mas foi por pouco tempo, porque eu nunca tive aquela relação de pai-filha, mãe-filha com os meus pais, é complicado.”*

A subcategoria “Comparação à família adotiva” está relacionada com a percepção de semelhanças e/ou diferenças físicas, comportamentais e emocionais entre a pessoa adotada e os membros da família que a acolheu. Esta subcategoria apresenta 2 subcategorias secundárias – “Percepção de diferenças em relação à família adotiva” e “Percepção de semelhanças em relação à família adotiva”.

A subcategoria secundária “Percepção de diferenças em relação à família adotiva” tem por base as verbalizações de 1 participante (UC=3), que identifica uma série de dessemelhanças em relação à família adotiva:

P.4: *“Eu pensei ‘eles são todos diferentes de mim, eu não nasci cá, não sou como eles, eles podem mandar-me embora’.”*

Contrariamente, a subcategoria secundária “Percepção de semelhanças em relação à família adotiva” foi estruturada através das verbalizações de 2 participantes (UC=6) que identificaram uma série de parecenças em relação à família adotiva:

P.6: “As pessoas costumam dizer que eu sou muito parecida ao meu pai (adotivo) e que tenho muito o feitio do meu pai (adotivo).”

P.8: “Quando o assunto surgia e nós contávamos a alguém que eu era adotada, nós adorávamos quando as pessoas diziam ‘meu Deus, ninguém diria, vocês são tão parecidas’... nós ficávamos derretidas.”

Categoria 11: Vivências no contexto familiar

De seguida, na tabela 13 encontra-se a categoria “Vivências no contexto familiar”, associada ao conjunto de experiências, interações e emoções que os/as participantes vivenciaram no seio da sua família adotiva. A presente categoria agrupa 2 subcategorias – “Momentos Positivos” e “Momentos negativos”.

Tabela 13. Categoria 11: Vivências no contexto familiar

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Vivências no contexto familiar	Momentos Positivos	Abundância de memórias positivas	8	24
		Sensação de cumprimento do próprio papel familiar	1	2
		Sentimento de confiança e orgulho demonstrado pela família adotiva	3	7
		Preservação das tradições familiares	1	2
		Realização de viagens e passeios em família	1	2
		Reuniões familiares/amigos	2	6
		Momentos de lazer em família	1	1
	Momentos negativos	Abundância de memórias negativas	1	1

Falta de empatia e acolhimento parental	1	3
Restrição da liberdade social imposta pelos pais adotivos	1	6
Ruptura da relação com a família adotiva	3	10

A subcategoria “Momentos positivos” refere-se aos sentimentos e vivências familiares dos/das participantes que contribuíram para o bem-estar emocional, para a segurança, para o afeto, para a valorização pessoal e, conseqüentemente para o desenvolvimento saudável dos mesmos. Esta subcategoria engloba 7 subcategorias secundárias – “Abundância de memórias positivas”, “Sensação de cumprimento do próprio papel familiar”, “Sentimento de confiança e orgulho demonstrado pela família adotiva”, “Preservação das tradições familiares”, “Realização de viagens e passeios em família”, “Reuniões familiares/amigos” e “Momentos de lazer em família”.

Primeiramente, a subcategoria secundária “Abundância de memórias positivas” tem por base as verbalizações de 8 participantes (UC=24), que afirmaram ter experienciado diversos momentos felizes com a família adotiva. Alguns exemplos dessas verbalizações são:

P.2: *“Foram tantos os momentos felizes e sentidos, mas não me consigo recordar de nada específico.”*

P.5: *“Acho que não há nada que sobressaia assim tanto, porque tenho muitas memórias boas.”*

A subcategoria secundária “Sensação de cumprimento do próprio papel familiar”, conecta-se com percepção que a pessoa tem de que está a cumprir aquilo que se espera dela dentro da família e que o seu lugar na família é claro, reconhecido e valorizado. A respetiva subcategoria secundária inclui as verbalizações de 1 participante (UC=2), nomeadamente:

P.6: *“Acho que faço bem o papel de irmã e filha e sinto que tenho um papel importante na família.”*

A subcategoria secundária “Sentimento de confiança e orgulho demonstrado pela família adotiva” conta com as narrativas de 3 participantes (UC=7) relativamente à forma como as respetivas famílias adotivas expressam abertamente que acreditam nos mesmos, valorizam as suas qualidades e se sentem orgulhosas pelas suas conquistas. São exemplos as seguintes narrativas:

P.1: *“Ela (mãe adotiva) tem orgulho em mim e diz-me isso algumas vezes.”*

P.5: *“O facto da minha família confiar em mim, no sentido de 'é preciso alguma coisa, sei que posso ligar ao P.5, contar com o P.5 para me desenrascar ou ajudar.”*

A subcategoria secundária “Preservação das tradições familiares” inclui as verbalizações de 1 participante (UC=2), que atualmente mantém as tradições familiares colocadas em prática desde que integrou a sua família adotiva:

P.8: *“Eu mantenho as tradições familiares de sempre, vou sempre a casa dos meus avós ao fim de semana e se eu não vou por algum motivo eles ligam-me e perguntam-me se está tudo bem.”*

A subcategoria secundária “Realização de viagens e passeios em família” foi criada a partir das verbalizações de 1 participante (UC=2) que descreve alguns dos passeios e viagens realizados em família, que marcaram positivamente a sua infância:

P.7: *“Os meus pais costumavam levar-nos à praia fluvial de Côja por uma semana no Verão e eu lembro-me de adorar estar lá com eles e com a minha irmã.”*

A subcategoria secundária “Reuniões familiares/amigos” foca-se nas narrativas de 2 participantes (UC=6) que detalham algumas reuniões, festas ou convívios com família e amigos, que constituem algumas das suas melhores memórias de infância. Algumas das narrativas são:

P.4: *“Foi quando eu me batizei. Foi uma coisa tão feliz, eu senti-me tão feliz. Foi logo no ano em que cheguei, dois meses depois, ainda tinha os 8 anos. Tinha a família toda reunida por mim. Era mesmo aquilo que eu queria... nem tenho palavras.”*

P.6: *“Eu nunca tinha tido uma festa de aniversário e os meus pais fizeram-me uma festa de anos com toda a gente, com os meus amigos novos, com toda a minha família e isso foi inesquecível.”*

Por último, a subcategoria secundária “Momentos de lazer em família” abrange o discurso de 1 participante (UC=1) relativamente ao impacto que um determinado momento de lazer em família teve na sua infância:

P.8: *“É engraçado que eu me lembro de uma noite de Natal, em que eu fui para o quarto dos meus pais e na altura a minha mãe tinha uma televisão minúscula, daquelas de caixa antiga e nós ficámos lá os três juntinhos a ver o filme do Ratatouille e essa foi uma das melhores noites da minha vida.”*

A subcategoria seguinte, “Momentos negativos”, refere-se às situações ou experiências que geraram dor emocional, conflito, insegurança ou instabilidade na criança/adolescente adotado. Esta subcategoria conta com 4 subcategorias secundárias – “Abundância de memórias negativas”, “Falta de empatia e acolhimento parental”, “Restrição da liberdade social imposta pelos pais adotivos” e “Ruptura da relação com a família adotiva”.

A subcategoria secundária “Abundância de memórias negativas” foca-se no discurso de 1 participante (UC=1), que afirma recordar-se de diversos momentos infelizes vividos com a respetiva família adotiva:

P.1: *“São mais os momentos maus que eu me lembro, do que propriamente os momentos bons.”*

A subcategoria secundária “Falta de empatia e acolhimento parental”, inclui as verbalizações de 1 participante (UC=3), que em momentos de maior fragilidade refere não ter sido devidamente acolhida e auxiliada pelos pais adotivos:

P.1: *“Ela só gritava 'porquê que faltaste à escola?', sem se importar com o facto de ter sido violada.”*

A subcategoria secundária “Restrição da liberdade social imposta pelos pais adotivos”, engloba as narrativas de 1 participante (UC=6). Esta subcategoria secundária está relacionada com as limitações parentais sentidas como excessivas, relativamente às interações e saídas sociais dos filhos adotivos. Está também conectada com as consequências dessas limitações, como por exemplo as fugas de casa. De seguida, encontra-se uma das verbalizações:

P.7: *“Ah e também me lembro de outra coisa, os meus pais prendiam-nos muito. Por exemplo, quando eu vivia lá, nem eu, nem a minha irmã podíamos sair com os amigos, ou ir dar uma volta.”*

No que concerne à subcategoria secundária “Ruptura da relação com a família adotiva”, encontram-se verbalizações de 3 participantes (UC=10), cuja relação com certos membros da família adotiva em algum momento se rompeu e atualmente os contactos entre ambos são praticamente inexistentes. Destacam-se algumas verbalizações:

P.1: *“Em relação aos meus irmãos (adotivos), eu não falo muito com eles, é raro.”*

P.7: *“Então eu sinto que praticamente já não sou filha deles, porque nós quase não falámos.”*

Categoria 12: Presença de Apoio Familiar

A categoria “Presença de Apoio Familiar”, ilustrada na tabela 14, está associada ao suporte, conforto e orientação oferecidos pelos membros da família adotiva à criança/adolescente adotado. A presente categoria reparte-se em 2 subcategorias – “Apoio afetivo” e “Apoio instrumental”.

Tabela 14. *Categoria 12: Presença de Apoio Familiar*

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Presença de apoio familiar	Apoio afetivo	Contínuo	8	19
		Aconselhamento familiar	5	11
		Vocacional	6	10
		Contacto com a família biológica	4	9
	Apoio instrumental	Financeiro	1	1

A subcategoria “apoio afetivo” conta com 4 subcategorias secundárias relacionadas com o sustento emocional prestado pela família adotiva – “Contínuo”, “Aconselhamento familiar”, “Vocacional” e “Contacto com a família biológica”.

A primeira subcategoria secundária, “Contínuo”, associa-se à existência de suporte emocional real, consistente e duradouro ao longo do tempo, demonstrado de maneira prática e afetiva. A mesma conta com verbalizações de 8 participantes (UC=19), tais como:

P.2: *“Eles (pais adotivos) sempre me apoiaram e continuam a fazê-lo.”*

P.6: *“Sim, eles apoiam-me muito nas minhas escolhas, nas minhas decisões, sempre foi assim.”*

A subcategoria secundária “Aconselhamento familiar” inclui as narrativas de 5 participantes (UC=11). Esta subcategoria secundária está relacionada com a capacidade e disponibilidade parental para orientar, aconselhar ou guiar os filhos adotivos, especialmente em momentos de dúvida, crise ou desenvolvimento pessoal. São exemplos as seguintes verbalizações:

P.2: *“Eles dão-me opiniões, dicas para resolver as minhas situações e os meus problemas do dia a dia.”*

P.8: *“Ela (mãe adotiva) por vezes dizia 'é melhor fazeres isto ou aquilo', porque ela sempre quis o melhor para mim, ela sempre quis o melhor para ela e para os dela, mas apesar disso ela apoiava as minhas decisões.”*

A subcategoria secundária “Vocacional” refere-se ao suporte oferecido pelos pais adotivos no que toca à trajetória académica e/ou profissional dos seus filhos. Nesta subcategoria secundária residem verbalizações de 6 participantes (UC=10), tais como:

P.3: *“Eu estou no 12º ano e quando acabar quero começar a trabalhar e eles apoiam essa decisão, por exemplo.”*

P.9: *“Como eu sempre gostei de cozinha e pastelaria, no secundário decidi ir para o Funchal, para casa dos meus avós e acabei por tirar o curso de cozinha na Escola de Hotelaria e Turismo... para mim foi mesmo muito importante o facto deles me terem apoiado.”*

A subcategoria secundária “Contacto com a família biológica” diz respeito ao apoio fornecido pela família adotiva, caso o filho deseje conhecer ou manter laços com algum(s) membro(s) da sua família biológica, procurando sempre o seu bem-estar emocional. A subcategoria secundária em questão alberga verbalizações de 4 participantes (UC=9), como por exemplo:

P.4: *“A minha mãe como viu que eu queria voltar, levou-me lá (sítio onde nasceu e onde se encontra a respetiva família biológica) de férias e a vontade passou-me logo. (...) Eram só saudades, saudades do sítio onde cresci, da minha cultura, dos meus irmãos que lá ficaram, mas era só isso mesmo.”*

P.5: “Quando me tornei maior de idade, a minha mãe veio logo falar comigo e disse-me que se eu quisesse entrar em contacto com a minha família biológica que não haveria problema nenhum e que ela me ajudava caso eu tivesse curiosidade.”

Numa outra vertente, a subcategoria “Apoio instrumental” está relacionada com o suporte prático e material oferecido pelos pais adotivos, de forma a atender às necessidades quotidianas do filho. Esta subcategoria apresenta 1 subcategoria secundária – “Financeiro”, que inclui as verbalizações de 1 participante (UC=1), relativamente à assistência financeira fornecida pelos pais adotivos:

P.1: “O meu pai sempre me apoiou a nível financeiro, até hoje.”

Categoria 13: Ausência de apoio familiar

Na tabela 15 encontra-se a categoria “Ausência de apoio familiar”, que se refere à inexistência de suporte emocional, financeiro, prático ou social por parte da família adotiva. A mesma reparte-se em 2 subcategorias – “Apoio afetivo” e “Desejo de receber mais apoio por parte dos pais”.

Tabela 15. Categoria 13: Ausência de apoio familiar

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Ausência de apoio familiar	Apoio afetivo	Ausência de apoio emocional e validação	2	10
		Inexistência de apoio relativamente ao contato com a família biológica	1	3
	Desejo de receber mais apoio por parte dos pais		1	2

A subcategoria “Apoio afetivo” contém 2 subcategorias secundárias associadas à negligência afetiva por parte da família adotiva – “Ausência de apoio emocional e validação” e “Inexistência de apoio relativamente ao contato com a família biológica”.

A subcategoria secundária “Ausência de apoio emocional e validação” inclui verbalizações de 2 participantes (UC=10) acerca da ausência de afeto e validação por

parte dos pais adotivos, acerca do sentimento de solidão e carência de atenção e da consequente autonomia na resolução de problemas. Destacam-se algumas verbalizações, tais como:

P.1: *“Eu acho que se em casa, a minha mãe me dissesse 'Hoje estás bonita. Gosto de te ver com esse roupa' ou outras coisas que aumentassem a minha autoestima, eu não teria necessidade de procurar essa atenção. Eu nunca tive esse apoio e reconhecimento.”*

P.7: *“Eu disse que queria ir embora da instituição e ir viver com o meu namorado e o meu pai disse que se eu fizesse isso para esquecer que tinha um pai. (...) Por isso não, tipo eles não me apoiam nas minhas decisões... nunca apoiaram.”*

A subcategoria secundária “Inexistência de apoio relativamente ao contato com a família biológica” está direcionada para a ausência de suporte, orientação ou incentivo da família adotiva, para que o filho adotivo mantenha ou desenvolva contato com seus familiares biológicos. A mesma conta com verbalizações de 1 participante (UC=3), como por exemplo:

P.9: *“Só houve uma situação que o meu pai não apoiou que foi quando aos 18 anos decidi procurar a minha família biológica.”*

A subcategoria “Desejo de receber mais apoio por parte dos pais” está conectada com a vontade dos filhos adotivos de receber mais suporte, apoio, amor ou compreensão por parte dos pais adotivos. Esta subcategoria foi baseada nas verbalizações de 1 participante (UC=2):

P.7: *“Eu acho que as coisas teriam corrido melhor se eles me dessem mais apoio e não fossem tão exagerados com as regras enquanto eu vivia com eles... eu gostava que tivesse sido assim.”*

Tema E: Benefícios da adoção

Embora o tema "Benefícios da adoção" não tenha sido previamente definido como um dos eixos de análise, ele surgiu de forma significativa ao longo das entrevistas realizadas. Os discursos dos/das participantes revelaram benefícios e percepções positivas em relação à adoção e, por esse motivo, optou-se por incluir este tema na análise final. O mesmo apresenta 5 categorias – “Impacto/ Importância do acompanhamento psicológico”, “Desenvolvimento pessoal e emocional”, “Relações

interpessoais e ambiente social”, “Estilo de vida” e “Sentimentos de bem-estar em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada”.

Categoria 14: Impacto/Importância do acompanhamento psicológico

A categoria “Impacto/Importância do acompanhamento psicológico”, apresentada na tabela 16, está relacionada com as vantagens que o acompanhamento psicológico poderá ter na vida das crianças/adolescentes que vivenciam processos de adoção. Esta categoria agrupa 2 subcategorias – “Impacto positivo” e “Consciência da importância do acompanhamento para outras crianças”.

Tabela 16. *Categoria 14: Impacto/Importância do acompanhamento psicológico*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Impacto/Importância do acompanhamento psicológico	Impacto positivo	6	38
	Consciência da importância do acompanhamento para outras crianças	2	2

A subcategoria “Impacto Positivo” reúne verbalizações de 6 participantes (UC=38) relacionadas com os benefícios emocionais, comportamentais, relacionais e/ou cognitivos, que o acompanhamento psicológico teve na vida dos/das participantes. Destacam-se as seguintes verbalizações:

P.1: *“Acho que o acompanhamento (psicológico) foi sempre útil, porque eles dão-te conselhos, ajudam-te a ver as coisas de outra forma e a lidar com as coisas que se passam em casa ... também ajudam na adaptação à família e assim.”*

P.6: *“Foi bom, eu acho que ajudou bastante a compreender o que se estava a passar na minha vida, ajudou-me a compreender todo o processo.”*

Por outro lado, a subcategoria “Consciência da importância do acompanhamento para outras crianças” alberga verbalizações de 2 participantes (UC=2), que consideram não ter necessitado de acompanhamento psicológico, todavia, reconhecem a importância do mesmo para outras crianças/adolescentes que experienciam processos de adoção:

P.2: *“Eu acho que não precisei de psicólogo, mas claro depende de cada caso, de cada criança.”*

P.4: *“Para outras crianças talvez seja preciso (acompanhamento psicológico).”*

Categoria 15: Desenvolvimento Pessoal e Emocional

Na tabela 17, está ilustrada a categoria “Desenvolvimento Pessoal e Emocional”, correspondente ao processo de crescimento interno e amadurecimento psicológico que alguns/algumas participantes vivenciaram com a adoção. Esta categoria apresenta 4 subcategorias – “Aumento da autonomia”, “Aumento da atenção direcionada a si”, “Aumento do sentimento de felicidade” e “Redução dos próprios comportamentos violentos”.

Tabela 17. *Categoria 15: Desenvolvimento Pessoal e Emocional*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Desenvolvimento pessoal e emocional	Aumento da privacidade e autonomia	3	4
	Aumento da atenção direcionada a si	3	5
	Aumento do sentimento de felicidade	1	3
	Redução dos próprios comportamentos violentos	1	1

A subcategoria “Aumento da privacidade e autonomia” tem por base a narrativa de 3 participantes (UC=4) relativamente ao aumento da tomada de decisões e realização de tarefas, de forma mais independente, privada e autónoma:

P.5: *“No sentido que posso fazer as coisas à minha maneira e não há problema nenhum em relação a isso.”*

P.6: *“Tínhamos muito mais privacidade.”*

A subcategoria “Aumento da atenção direcionada a si” refere-se à percepção de receber maior atenção por parte das pessoas que convivem consigo, após a adoção. A respetiva subcategoria inclui verbalizações de 3 participantes (UC=5), tais como:

P.3: *“Outra das coisas que também mudou um bocado, foi, digamos, o facto de ter mais atenção só para mim.”*

P.6: *“Ao início foi estranho, porque não estávamos habituados a ter muitas pessoas à nossa volta e a ter tanta atenção.”*

A subcategoria “Aumento do sentimento de felicidade” alberga o discurso de 1 participante (UC=3) que afirma que o seu nível de alegria e felicidade se intensificou após a adoção:

P.2: *“Comecei a sentir-me mais feliz, mais animado, mais alegre.”*

Por fim, a subcategoria “Redução dos próprios comportamentos violentos” refere-se à diminuição das ações e atitudes agressivas, tanto físicas como verbais, verificada com a adoção. Esta subcategoria tem por base a narrativa de 1 participante (UC=1), nomeadamente:

P.2: *“Comecei a ser menos violento, porque eu era muito violento antes de ser adotado.”*

Categoria 16: Relações Interpessoais e Ambiente Social

A categoria “Relações Interpessoais e Ambiente Social”, representada na tabela 18, refere-se às mudanças positivas que a adoção trouxe tanto na forma como os/as participantes se relacionavam com as pessoas ao seu redor quanto no contexto social em que essas relações ocorrem. A presente categoria reúne 3 subcategorias – “Melhoria na comunicação e interação com os outros”, “Mudança de região” e “Diminuição do número de coabitantes na mesma casa”.

Tabela 18. *Categoria 16: Relações Interpessoais e Ambiente Social*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Relações interpessoais e ambiente social	Melhoria na comunicação e interação com os outros	3	6
	Mudança de região	4	6
	Diminuição do número de coabitantes na mesma casa	1	2

A subcategoria “Melhoria na comunicação e interação com os outros” reúne verbalizações de 3 participantes (UC = 6) sobre a melhoria na forma como expressam as suas ideias, se comunicam verbalmente e se relacionam com outras pessoas, após a adoção. Alguns exemplos de verbalizações são:

P.2: *“Comecei a aprender a falar com as pessoas, algo que não sabia fazer.”*

P.4: *“Até mesmo a maneira de falar mudou para melhor.”*

A subcategoria “Mudança de região” inclui verbalizações de 4 participantes (UC=6), que consideraram a mudança de região, de comunidade e de escola, como uma das mais-valias da adoção. Realçam-se determinadas verbalizações, tais como:

P.7: *“Nós mudámos de região, a instituição era em Lisboa e nós fomos viver para Setúbal... isso até foi bom.”*

P.8: *“Comecei a ir para o colégio privado, algo que também era novo e sinceramente melhor, porque até então tinha andado em escola pública.”*

A última subcategoria, “Diminuição do número de coabitantes na mesma casa”, está associada à mudança considerada positiva da passagem de um espaço habitacional com muitas pessoas, para um espaço mais familiar, caseiro e com menos habitantes.

A última subcategoria, “Diminuição do número de coabitantes na mesma casa”, está associada a uma mudança considerada positiva por 1 participante (UC=2), nomeadamente: a transição de um espaço habitacional com muitas pessoas para um ambiente mais familiar, acolhedor e com menos habitantes.

P.6: *“Era uma casa só para nós os quatro, que depois passamos a cinco... não era uma casa para cinquenta pessoas.”*

Categoria 17: Estilo de vida

A tabela 19 ilustra a categoria “Estilo de vida”, associada ao aumento do bem-estar e à melhoria da qualidade de vida. A mesma reparte-se em 3 subcategorias – “Aquisição de um quarto/ objetos próprios” e “Alterações da rotina diária”.

Tabela 19. *Categoria 17: Estilo de vida*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Estilo de vida	Aquisição de um quarto/pertences próprios	5	12
	Alterações da rotina diária	3	6

A subcategoria “Aquisição de um quarto/pertences próprios”, inclui verbalizações de 5 participantes (UC=12), cujos pais adotivos lhes proporcionaram um quarto, roupas e brinquedos próprios, algo que desejavam, mas não possuíam no período prévio à adoção. São exemplos as verbalizações seguintes:

P.5: *“O facto de ter um espaço só meu, coisas só minhas.”*

P.9: *“Passei a ter um quarto meu, brinquedos meus.”*

A subcategoria “Alterações da rotina diária” refere-se às mudanças positivas, identificadas pelos/pelas participantes, nos seus hábitos e atividades quotidianas, incluindo ajustes nos horários, nas tarefas, na organização do dia e até na alimentação. Esta subcategoria engloba verbalizações de 3 participantes (UC=6), tais como:

P.3: *“Uma das coisas que mudou foi a rotina, ou seja, quando eu chegava da escola na instituição nós tínhamos que seguir uma rotina e seguir aqueles horários. Cá em casa eu chegava da escola e eu podia escolher se queria tomar banho primeiro ou se lanchava, variava um bocadinho a tarefa.”*

P.6: *“Mesmo as refeições, a comida, os horários, a rotina era tudo diferente.”*

Categoria 18: Sentimentos de bem-estar

A categoria “Sentimentos de bem-estar”, incorporada na tabela 20, reúne as emoções positivas que os/as participantes experimentaram nos primeiros tempos de convivência com a família adotiva e membros da nova comunidade. A respetiva categoria subdivide-se em 2 subcategorias – “Bem-estar em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada e “Bem-estar em relação aos membros da comunidade”.

Tabela 20. *Categoria 18: Sentimentos de bem-estar*

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
Sentimentos de bem-estar	Bem-estar em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada	Felicidade	5	11
		Novidade	5	12
		Amor	9	105
		Gratidão	3	6
		Confiança	8	21
		Renascimento	1	1

	Bem-estar em relação aos membros da comunidade	Compreensão	4	8
		Felicidade	4	10

A subcategoria “Bem-estar em relação à família adotiva nuclear e/ou alargada”, remete para os sentimentos positivos sentidos relativamente aos membros da família adotiva. A mesma organiza-se em 6 subcategorias secundárias – “Felicidade”, “Novidade”, “Amor”, “Gratidão”, “Confiança”, “Renascimento”.

A subcategoria secundária “Felicidade” inclui verbalizações de 5 participantes (UC=11) acerca da alegria e contentamento experienciados no contexto familiar após a adoção. Destacam-se as seguintes verbalizações:

P.3: *“Eu sei que me sentia alegre e feliz por ter conseguido mudar a minha vida.”*

P.4: *“Eu sentia-me muito feliz por já estar com a minha mãe.”*

A subcategoria secundária “Novidade” refere-se aos sentimentos dos/das participantes, que envolvem a experiência de algo novo, diferente e positivamente marcante. Nesta subcategoria secundária encontram-se verbalizações de 5 participantes (UC=12), como por exemplo:

P.6: *“Foi tudo muito bom, muito diferente.”*

P.8: *“Quando eu vivi com os meus pais adotivos o meu pai só tinha um daqueles carros que parecem uma mota e nós andávamos naquilo sem condições nenhuma, então andar de carro com a minha mãe (adotiva) era uma coisa totalmente ‘uau’ e nova para mim.”*

A subcategoria secundária “Amor” agrupa verbalizações dos/das 9 participantes (UC=105) que mencionam terem experimentado sentimentos de acolhimento, afeto, suporte e apego em relação à família adotiva. São exemplos as verbalizações seguintes:

P.7: *“Em relação ao resto da família, também sempre senti que era bem-vinda e que eles gostavam de nós.”*

P.8: *“Os meus avós maternos também me amam muito, sempre disseram abertamente.”*

A subcategoria secundária “Gratidão” refere-se ao sentimento de reconhecimento e apreço profundo em relação aos esforços, ações e atitudes da família adotiva. Esta subcategoria inclui verbalizações por 3 participantes (UC=6), tais como:

P.2: *“O que eu sou neste momento posso agradecer aos meus pais.”*

P.6: *“Eu sou muito grata por eles nos terem escolhido e por nós também os termos escolhido a eles, porque nós tivemos que nos adaptar a eles e eles a nós e, no fundo, foi uma escolha mútua.”*

A subcategoria secundária “Confiança” reúne as verbalizações de 8 participantes (UC=21) que expressam sentimentos de segurança, proximidade e igualdade no relacionamento com os membros da família adotiva. Considerando que este vínculo de confiança é construído a partir da percepção de atitudes consistentes de preocupação e compreensão por parte dos pais adotivos, foram incluídas verbalizações que remetem a essas atitudes. São exemplos as falas expostas em seguida:

P.2: *“Ela ao início acordava de duas em duas horas para verificar se eu estava a dormir, se estava a respirar e se estava tudo bem.”*

P.5: *“Não ter de me preocupar, nem de estar sempre a olhar por cima do ombro, basicamente, é uma sensação de alívio, porque te sentes seguro.”*

A subcategoria “Renascimento” tem por base o discurso de 1 participante (UC=1), cuja adoção fez surgir um sentimento de transformação e de reinício de vida:

P.6: *“Eu renasci com a adoção.”*

A subcategoria “Bem-estar em relação aos membros da comunidade” engloba as emoções positivas que os/as participantes vivenciaram em relação às pessoas da comunidade com quem conviveram após a adoção. Esta subcategoria reparte-se em 2 subcategorias secundárias – “Compreensão” e “Felicidade”.

A subcategoria secundária “Compreensão” reúne verbalizações de 4 participantes (UC = 8) relacionadas à aceitação, compreensão e respeito demonstrados pelos membros da comunidade em relação ao facto de serem filhos adotivos. São exemplos as verbalizações seguintes:

P.3: *“As que sabiam (da adoção) sempre aceitaram bem, não me criticavam nem nada disso.”*

P.5: *“No que toca aos meus amigos e aos colegas, eu nunca senti discriminação nem nada disso, por ser adotado.”*

A subcategoria secundária “Felicidade” compreende o sentimento de bem-estar em relação à integração e convivência com os diversos grupos sociais e comunitários após a adoção. Esta subcategoria secundária foi baseada nas verbalizações de 4 participantes (UC=10), tais como:

P.1: *“Sentia-me bem (nos escuteiros), era algo que eu gostava muito.”*

P.7: *“Eu quando fui adotada, os meus pais colocaram-me da natação e correu tudo bem, eu gostava bastante de nadar e conviver com outras crianças.”*

Tema F: Perspetiva em relação à adoção

À semelhança do tema E, o tema F “Perspetiva em relação à adoção”, surgiu a partir da análise dos discursos dos/das participantes, não tendo sido previamente definido como um dos eixos de análise. Ao longo das entrevistas, emergiram de forma consistente reflexões e considerações relacionadas com a perspetiva e opinião dos/das participantes em relação à adoção enquanto experiência vivida. Dado o seu relevo e frequência, optou-se por integrar este tema na análise final. Desta forma, destacam-se 3 categorias - “Recomeços e oportunidades”, “História de vida” e “Possibilidade de adotar no futuro”.

Categoria 19: Recomeços e oportunidades

Na tabela 21 encontra-se a categoria “Recomeços e oportunidades”, que reflete a visão da adoção como ponto de viragem e possibilidade de uma nova vida. A respetiva categoria destaca 2 subcategorias – “Filhos” e “Pais”.

Tabela 21. *Categoria 19: Recomeços e oportunidades*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Recomeços e oportunidades	Filhos	3	8
	Pais	1	1

A subcategoria “Filhos” tem em consideração as perspetivas de 3 participantes (UC=8), que consideram a adoção como uma oportunidade para os filhos adotivos recomeçarem uma nova vida e vivenciarem o verdadeiro amor de uma família. Realçam-se as seguintes verbalizações:

P.2: *“Tive uma oportunidade na vida que não correu bem, deram-me uma segunda oportunidade, estou a aproveitá-la ao máximo e estou a viver um dia de cada vez.”*

P.9: *“É basicamente ter uma oportunidade para ter uma família diferente, conhecer uma realidade diferente e ter um monte de oportunidades que não terias se continuasse com a tua família biológica ou na instituição.”*

Por outro lado, a subcategoria “Pais” é composta pela narrativa de 1 participante (UC=1), que também vê a adoção como uma oportunidade de parentalidade e constituição familiar para os pais adotivos:

P.4: *“A adoção dá uma nova oportunidade para aqueles que não conseguem ter uma filha biológica.”*

Categoria 20: História de vida

Na tabela 22, encontra-se representada a categoria “História de vida”, que aborda a forma como os/as participantes integram a adoção na sua narrativa pessoal. Nesta categoria encontram-se 4 subcategorias – “Aceitação e compreensão da própria adoção”, “Rejeição e incompreensão da própria adoção”, “Interesse em saber mais” e “Desinteresse em saber mais”.

Tabela 22. *Categoria 20: História de vida*

Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária	UR	UC
História de vida	Aceitação e compreensão da própria adoção	Desinteresse em retornar à instituição	6	17
		Desinteresse no contacto com a família biológica	5	18
		Compaixão pelas crianças institucionalizadas que não são adotadas	1	3
	Rejeição e incompreensão da própria adoção	Desejo de ter permanecido institucionalizado/a	2	4

Desejo de não viver com a família adotiva	2	9
Interesse no contacto com a família biológica	4	16
Interesse em saber mais	3	6
Desinteresse em saber mais	1	6

A subcategoria “Aceitação e compreensão da própria adoção” reúne 3 subcategorias secundárias relacionadas com o reconhecimento e integração da própria adoção na identidade pessoal e emocional dos/das participantes – “Desinteresse em retornar à instituição”, “Desinteresse no contacto com a família biológica” e “Compaixão pelas crianças institucionalizadas que não são adotadas”.

A subcategoria secundária “Desinteresse em retornar à instituição” alberga verbalizações de 6 participantes (UC=17) que, após integrarem a sua família adotiva, não manifestaram interesse em regressar a viver na respetiva instituição de acolhimento, demonstrando satisfação e autoaceitação da adoção. De seguida apontam-se algumas dessas verbalizações:

P.5: *“Não, nunca tive essa vontade de viver lá (na instituição) outra vez.”*

P.6: *“Não, nunca (quis voltar para a instituição), eu não troco esta vida por nada.”*

A subcategoria secundária “Desinteresse no contacto com a família biológica” refere-se à falta de vontade de manter contacto com a família biológica, à ausência de interesse em a reencontrar ou ainda à recusa em viver com a mesma. Cerca de 5 participantes (UC=21), verbalizaram esse desinteresse nas respetivas entrevistas:

P.5: *“No meu caso e tendo em conta a situação em que eu estava, em que eu vivi, não tenho, nem nunca tive esse interesse (em contactar a família biológica).”*

P.8: *“Mais depressa tinha vontade de ir viver sozinha, agora voltar para a minha família biológica nunca.”*

A subcategoria secundária “Compaixão pelas crianças institucionalizadas que não são adotadas” foi desenvolvida a partir do discurso de 1 participante (UC=3)

relacionado com a sensibilidade e empatia sentidas pelas crianças que permanecem em instituições de acolhimento sem serem adotadas:

P.6: “Tenho pena que ainda hajam tantas crianças em instituições e que não tenham a mesma sorte que eu tive.”

A subcategoria “Rejeição e incompreensão da própria adoção” está associada à não aceitação da adoção por parte dos/das participantes e/ou à dificuldade em compreender e processar adequadamente o significado da adoção nas suas vidas. Nesta subcategoria residem 3 subcategorias secundárias – “Desejo de ter permanecido institucionalizado/a”, “Desejo de não viver com a família adotiva” e “Interesse no contacto com a família biológica”.

A subcategoria secundária “Desejo de ter permanecido institucionalizado/a” refere-se ao sentimento expresso por alguns/algumas participantes de que, em comparação com a integração na família adotiva, a permanência na instituição ou retorno à mesma, teria sido uma opção preferível. A mesma agrupa verbalizações de 2 participantes (UC=4), como por exemplo:

P.1: “Há medida que fui crescendo dizia-lhe várias vezes ‘não sei porque me adotaste, preferia ter ficado na instituição’.”

P.7: “Eu acho que foi o melhor, eu sei que se voltasse para casa deles eu ia continuar a fugir, então eu preferi ir para a instituição novamente, para ter o meu tempo e ultrapassar isto.”

A subcategoria secundária “Desejo de não viver com a família adotiva” representa a vontade ou sentimento manifestado por 2 participantes (UC=9), de não permanecer no contexto familiar em que foi inserido após a adoção:

P.1: “Sim, eu tive vontade de sair (de casa), de não viver com os meus pais (adotivos).”

P.8: “O que eu pensava era ‘deixa-me acabar a Licenciatura para eu ir viver sozinha, estou farta disto... deixem-me em paz... quero paz e independência’.”

Finalmente, a subcategoria secundária “Interesse no contacto com a família biológica” refere-se ao desejo manifestado por alguns/algumas participantes de estabelecer, retomar ou aprofundar uma ligação com os seus familiares de origem, ou

ainda de viver com os mesmos. Nesta subcategoria secundária encontram-se verbalizações de 4 participantes (UC=16), como por exemplo:

P.1: *“Na altura só queria ir com a minha família biológica.”*

P.7: *“Sim, eu sempre quis voltar a falar com os meus irmãos (biológicos).”*

A subcategoria “Interesse em saber mais” refere-se ao desejo verbalizado por 3 participantes (UC = 6) de conhecer melhor a sua história de vida anterior à adoção. Destacam-se algumas verbalizações, tais como:

P.2: *“Gostava era de ler o livro da adoção que deve estar na segurança social ou na instituição, com a minha história de vida.”*

P.7: *“Gostava que eles (irmãos biológicos) me explicassem tudo o que aconteceu. Já me explicaram quando eu era mais nova, mas sinto que há coisas por dizer.”*

Contrariamente, a subcategoria “Desinteresse em saber mais” refere-se às atitudes expressas por participantes que não demonstram vontade de conhecer a sua história de vida anterior à adoção, ou que evitam intencionalmente esse contacto com o passado, por sentirem medo ou desconforto. Esta subcategoria tem em consideração o discurso de 1 participante (UC=6), nomeadamente:

P.6: *“Eu não sei o que é que me levou aquela instituição e sinceramente não sei se estou preparada para saber. Isso pode-me fazer mal e eu não quero.”*

Categoria 21: Possibilidade de adotar no futuro

A categoria “Possibilidade de adotar no futuro”, ilustrada na tabela 23, evidencia a existência ou inexistência de abertura, de alguns/algumas participantes, à ideia de futuramente também virem a adotar uma criança ou adolescente. Nesta categoria encontram-se 2 subcategorias – “Interesse” e “Desinteresse”.

Tabela 23. *Categoria 21: Possibilidade de adotar no futuro*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Possibilidade de adotar no futuro	Interesse	1	2
	Desinteresse	1	1

A subcategoria “Interesse” tem por base as falas de 1 participante (UC=2) que compravam a possibilidade de se tornar um pai adotivo no futuro:

P.2: *“É como digo à minha namorada... nós já conversamos sobre ter um filho no futuro e a possibilidade de adotarmos.”*

Por fim, a subcategoria “Desinteresse” incorpora o discurso de 1 participante (UC=1), cuja vontade e desejo de adotar futuramente é inexistente:

P.1: *“Eu nunca irei adotar, tenho isso muito claro em mim... eu sei que é complicado e não vale a pena.”*

Anexo D – Perspetiva Global das Entrevistas

Tabela 24. Tema A: Verbalizações e unidades de significado

Tema A: Experiência de adoção		
Questão 1 - O que é para ti ser um/a filho/a adotivo/a?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “para mim ser um filho adotivo é não poder escolher...”	- impossibilidade de escolha; - sentimento de pertença negativo;

	basicamente não tens voz própria”; - “não faz sentido ela ter-me adotado”; - “eu agora gosto muito da minha mãe, mas eu continuo a achar que não faz sentido ela ter-me adotado”; - “como a minha mãe já tinha dois filhos biológicos e as coisas já não corriam bem com eles, não fez sentido adotar uma outra criança”; - “e se tu não estás estável na tua vida, porquê adotar uma criança? Para mim não tem lógica”; - “ter de ser acompanhado por psicólogos e psicólogas por muito tempo”;	- necessidade de acompanhamento psicológico;
P.2	- “ser uma pessoa especial”; - “é ter uma segunda oportunidade na vida”; - “tiveste uma oportunidade que não pudeste aproveitar por diversos motivos e a vida encarregou-se de te dar uma segunda oportunidade para estares com uma família que te quer, melhorares e evoluíres enquanto ser humano, como pessoa”; - “é alguém que não teve sorte e eventualmente foi colocado no sítio certo”; - “nós (crianças adotadas) ainda tivemos menos do que ao que eles	- autovalorização; - recomeços e oportunidades para os filhos adotivos; - realização pessoal e acolhimento; - desvantagens em comparação com as crianças que crescem com a família biológica; - insatisfação com a infância;

	(crianças que crescem com a família biológica) tiveram”; - “eu não tive infância, não a vivi como deveria ter vivido e eles (crianças que crescem com a família biológica) tiveram”; - “acho que perdi a minha infância”;	
P.3	- “eu dizia que não sou adotada”; - “a única diferença é que um filho adotivo não nasceu dos seus pais, nasceu de outras pessoas”; - “é tudo igual”;	- sentimento de pertença positivo; - inexistência de laços sanguíneos; - igualdade aos filhos biológicos;
P.4	- “eu acho que é a mesma coisa”; - “é a mesma sensação de ser uma filha biológica”; - “para mim não há muitas diferenças entre um filho biológico e um filho adotivo”; - “a adoção dá uma nova oportunidade para aqueles que não conseguem ter uma filha biológica”; - “dá uma oportunidade às crianças que não podem estar com os pais biológicos ou não têm pais, de terem uma família”;	- igualdade aos filhos biológicos; - recomeços e oportunidades para os pais adotivos; - recomeços e oportunidades para os filhos adotivos;
P.5	- “eu diria que é uma experiência” - “acho que no início é uma experiência e custa um pouco a adaptar, porque é um ambiente novo, são pessoas novas, é uma espécie de pressão que sentimos, para que as pessoas gostem de	- percepção da adoção como uma experiência; - pressão sentida para agradar à família adotiva; - sentimento de pertença positivo; - medo de não ser suficiente;

	nós, tendo em conta o nosso passado”; - “eu colocava essa pressão em mim próprio”; - “com o passar do tempo não se vai notar diferença”; - eu pessoalmente tenho sempre aquela dúvida ‘será que estou a ser suficiente?’”;	
P.6	- nós dois somos filhos do coração e o meu outro irmão é da barriga; - “sou filha do coração, não vim de dentro dela, mas sou filha igual”; - “é igual, deste que seja bem tratada e que não me falte nada, como nunca faltou”; - “eu nunca senti diferenças na forma como fui tratada, em comparação com o meu irmão”;	- igualdade aos filhos biológicos;
P.7	- “nunca é a mesma coisa do que ser uma filha de sangue”; - “acho que os pais tratam de forma diferente e que nunca é a mesma coisa”; - “filha de sangue é uma coisa, agora filha adotiva não é o mesmo, foi adotada por isso nunca será vista realmente como filha”; - “nunca senti que os meus pais me tratassem mesmo como se fosse filha deles”;	- desigualdade aos filhos biológicos; - sentimento de pertença negativo; - inexistência de laços sanguíneos;
P.8	- “é o mesmo que ser uma filha normal, honestamente”; - “é como quando compras uma coisa nova que já querias há	- igualdade aos filhos biológicos; - sentimento de conquista;

	bastante tempo e tiveste que poupar e esperar bastante para a teres, e depois de a teres tens aquele sentimento de conquista”; - “para mim foi isso, um sentimento de conquista, porque eu queria mesmo muito ser filha daquela pessoa”;	
P.9	- “é basicamente ter uma oportunidade para ter uma família diferente, conhecer uma realidade diferente e ter um monte de oportunidades que não terias se continuasse com a tua família biológica ou na instituição”; - “é ter uma segunda chance basicamente”;	- recomeços e oportunidades para os filhos adotivos;
Questão 2 - Como descreverias o teu processo de adoção?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “foi uma coisa demorada”; - lembro-me que houve um dia em que me disseram ‘Esta é a tua mãe e o teu pai, vais para a casa deles’. Porque eu não tive uma opinião, era uma criança.	- demora do processo de adoção; - impossibilidade de escolha;
P.2	- “os meus pais adotivos quando vieram buscar-me, eu apeguei-me logo a eles”; - “vim assim de uma forma estranha viver para a vila porque dei-me logo bem com eles”; - “houve muitos altos e baixos no processo de adoção”;	- sentimento de apego sentido em relação os pais adotivos; - misto de situações positivas e negativas; - autoperceção negativa dos próprios comportamentos; - demora do processo de adoção;

	- “eu era um rapaz complicado, ou seja, os meus comportamentos em criança eram maus”; - “eu era um bocado complicado”; - “foi tudo muito demorado”; - “foi um processo muito longo”;	
P.3	- “foi um bocado longo”; - “lembro-me que foi um bocado longo, parecia que nunca mais acabava”;	- demora do processo de adoção;
P.4	- “muito complicado”; - “foi preciso muitos gastos, investir muito dinheiro para fazer uma adoção”; - “eu antes não achava que fosse tão dispendioso, nem tão cansativo como foi na realidade”; - “foi muito longo também”; - “o processo começou quando eu tinha 5 anos, aos 8 fui viver com a minha mãe, mas o processo só ficou mesmo 100% concluído quando eu tinha uns 12/13 anos”; - “passou-se um ano, depois passaram-se mais dois e eu nesse tempo estava cada vez mais ansiosa porque achava que nunca iria terminar”; - “quando tudo acabou, e eu tinha a certeza que estava tudo bem, eu fiquei mesmo feliz”;	- complexidade do processo de adoção; - gastos financeiros do processo de adoção; - cansaço gerado devido à demora do processo de adoção; - demora do processo de adoção; - ansiedade gerada devido à demora do processo de adoção; - felicidade advinda do término do processo de adoção;
P.5	- “há sempre aquele nervosismo e ansiedade por ser um ambiente novo, por não sabermos como são	- medo e ansiedade associados há adoção; - felicidade advinda da adaptação familiar;

	as pessoas e esperarmos sempre o pior”; - “quando nos apercebemos que de facto aquelas pessoas, os nossos pais, estão lá porque gostam de nós e nos querem dar uma vida melhor, acaba por ser sempre um alívio e ficasse feliz”; - “no meu caso até foi um processo relativamente rápido, mais ou menos de três meses, se não me engano, o que foi bom”;	- rapidez do processo de adoção;
P.6	- “sei que foi tudo muito rápido”; - “até porque os processos de adoção costumam demorar muito tempo, mas este foi muito rápido”; - “aquilo foi umas três ou quatro visitas e na quarta visita, por aí, eu e o meu irmão fomos avisados que tínhamos sido escolhidos”; - “lembro-me de chorar, porque pensava que nos iam fazer mal ou assim e eu não queria sair dali”; - “tive sorte porque passei por tudo ao lado do meu irmão, não estava sozinha”;	- rapidez do processo de adoção; - visitas regulares dos pais adotivos aos filhos adotivos; - medo e ansiedade associados à adoção; - impacto positivo da adoção de irmãos na experiência da jovem;
P.7	- eles (pais adotivos) trouxeram dois peluches para nós; - “a minha irmã reagiu melhor a isso, ela gostava de conhecer pessoas novas. Eu não, eu ficava longe deles e só observava”; - “não lhes dava confiança porque não sabia quem eles eram”;	- prendas oferecidas pelos pais adotivos; - dificuldade em confiar nos pais adotivos; - demora do processo de adoção; - falta de esclarecimento sobre o processo de adoção;

	- “demorou até irmos viver com eles”; - “eles passavam muito tempo no gabinete das técnicas a falar com elas e eu e a minha irmã ficávamos à porta sem perceber o que se estava a passar”;	
P.8	- “o processo de adoção demorou”; - “foi um período longo, mas também podia ter sido mais, porque não houve esforço dos meus pais biológicos para ficarem comigo”;	- demora do processo de adoção; - esforço reduzido dos pais biológicos para ficarem com a filha;
P.9	- “eu gostei muito de lá estar (na instituição), para mim eles eram todos meus irmãos, brincávamos todos juntos e gostávamos uns dos outros”; - “quando cheguei a essa instituição fui acompanhado por uma senhora, uma técnica que fazia um papel assim mais tipo mãe”; - “para mim era como se fossemos uma grande família”; - eu fui a várias reuniões e assim, e demorou bastante até o meu pai de facto me levar para casa”; - “eu lembro-me que ele foi lá uma vez e depois demorou vários meses até ir lá me buscar”; - o meu pai tem um companheiro (...) foi complicado para o meu pai	- sentimento positivo associado ao período de institucionalização; - pessoas da instituição sentidas como família; - demora do processo de adoção; - dificuldades na adoção devido ao estigma da adoção por pessoas homossexuais; - medo da adoção devido ao isolamento social vivido na instituição;

	me adotar e demorou bastante por causa disso”; - “tive medo, porque a partir do momento que tu entras numa instituição destas o único sítio onde tu vais e é sempre acompanhado por alguém da instituição ou da segurança social é para a escola ou para o médico”; - “aquilo é como se estivesses fechado do mundo, tipo a Coreia, o único sítio onde vais é mesmo à escola e ao hospital se for preciso”;	
Questão 3 - Passaste por um período de adaptação familiar (estágio de convivência), antes da adoção propriamente dita? Como foi para ti esse período?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “sim, sim, lembro-me de os meus pais irem à instituição visitar-me e costumavam levar-me a passear”; - “lembro-me que nós íamos passear por Lisboa e eu ficava muito feliz quando íamos passear”; - “lembro-me de ficar contente quando eles lá iam”; - “eu ficava feliz quando íamos passear”; - “não tinha consciência do que ia acontecer”; - “eu não compreendia totalmente que ia viver com eles”;	- visitas regulares dos pais adotivos aos filhos adotivos; - sentimento de felicidade associado às visitas dos pais adotivos; - inconsciência do processo de adoção associado ao estágio de convivência; - sentimento de felicidade associado aos passeios com os pais adotivos; - impacto positivo do estágio de convivência na vinculação entre filhos adotivos e pais adotivos;

	- “passado pouco tempo comecei a chamar a minha mãe de mãe e o meu pai de pai”;	
P.2	- lembro-me que estava na instituição e eles iam ver-me várias vezes”; - “quando vieram duas pessoas para estar comigo porque me queriam adotar foi estranho, porque ficamos na expectativa para saber como são essas pessoas;” - “eu andava muito alegre quando eles começaram a ir ver-me”;	- visitas regulares dos pais adotivos aos filhos adotivos; - expectativas e dúvidas em relação aos pais adotivos; - sentimento de felicidade associado às visitas dos pais adotivos;
P.3	- começou pela mãe e o pai irem à instituição visitar-me e conhecer-me; - comecei a passar tempo com eles, para ver se eu gostava ou se não gostava e se nos dávamos bem uns com os outros...; - “foi um período bom e feliz”; - “foi muito bom”; - “sentia-me um bocado envergonhada porque não os conhecia de lado nenhum”; - “eles iam lá buscar-me e nós íamos passear pela cidade, conhecer sítios novos todos juntos”; - “quando me disseram que duas pessoas queriam adotar-me eu lembro-me que senti muita preocupação”;	- visitas regulares dos pais adotivos aos filhos adotivos; - exploração inicial de afinidades e compatibilidade entre filhos adotivos e pais adotivos; - sentimentos positivos associados ao estágio de convivência; - vergonha sentida durante o estágio de convivência; - passeios realizados com os pais adotivos durante o estágio de convivência; - medo e ansiedade associados há adoção; - medo de não ser suficiente; - medo de não agradar a família adotiva;

	- “tinha medo que eles me conhecessem e depois pensassem que não era aquela criança, que não era a mim que eles queriam”;	
P.4	- “lembro-me que a minha mãe foi a São Tomé várias vezes de férias visitar-me e estar comigo”; - “ela ia pelo menos duas vezes por ano lá visitar-me”; - “esses momentos eram os momentos mais felizes que eu tinha lá”; - “aqueles momentos compensavam tudo o que eu estava a viver”; - ela quando lá ia, levava-me para o hotel com ela e nós aproveitávamos para passear, ir à praia, fazer muitas coisas as duas, por isso era muito feliz”; - “eu comecei a vê-la como mãe e a chamá-la de mãe”;	- visitas regulares dos pais adotivos aos filhos adotivos; - sentimento de felicidade associado às visitas dos pais adotivos; - passeios realizados com os pais adotivos durante o estágio de convivência; - impacto positivo do estágio de convivência na vinculação entre filhos adotivos e pais adotivos;
P.5	- eles foram lá e visitaram-me algumas vezes e depois disso é que vim viver com eles”; - “é um período de adaptação, por isso sentia aquele nervosismo inicial de não saber o que esperar”; - “tinha sempre aquele medo de ‘Se eles não gostarem de ou se cansarem de mim, o que é que eu vou fazer agora?’”;	- visitas regulares dos pais adotivos aos filhos adotivos; - medo e ansiedade associados há adoção; - medo de não ser suficiente; - medo de não agradar a família adotiva; - medo e ansiedade durante a adoção considerados de extrema carga emocional para a criança;

	- “é um peso grande para uma criança”;	
P.6	- “eu gostei muito dos meus pais, logo ao início, senti que eles eram mesmo muito especiais; - “eles acolheram-nos logo, basicamente desde as primeiras visitas; - nós apoiámo-nos logo neles porque eles iam ser os nossos pais;	- primeira impressão positiva em relação aos pais adotivos; - sentimento de acolhimento por parte dos pais adotivos; - sentimento de confiança e segurança em relação nos pais adotivos;
P.7	- “depois houve um dia em que os meus pais adotivos nos vieram visitar”; - “eles começaram a visitaram-nos várias vezes”; - “antes de irmos mesmo viver com eles fomos lá passar um fim de semana”; - “gostei bastante do fim de semana que passei com eles”; - “eu gostava de estar lá na casa deles”; - “nunca pensei que nos fossem tirar de lá, da instituição, pensei que era só uns dias e depois voltávamos para casa”; - “divertia-me porque haviam coisas novas e diferentes, não faltava nada, pronto”;	- visitas regulares dos pais adotivos aos filhos adotivos; - fins de semana passados com os pais adotivos antes da adoção; - sentimento de felicidade associado aos fins de semana com os pais adotivos; - inconsciência do processo de adoção associado ao estágio de convivência; - sentimento de bem-estar e satisfação das necessidades; - sentimento positivo de mudança e novidade;
P.8	- “houve um longo período em que eu ia passar os fins de semana à casa da minha família adotiva”;	- fins de semana passados com os pais adotivos antes da adoção; - sentimento de felicidade associado aos fins de semana com os pais adotivos;

	- “houve um dia em que a minha mãe foi me buscar para passar o fim de semana com ela”; - “foi a partir daí que comecei a ir os fins de semana para casa dela”; - “começar a ir para casa dela aos fins de semana foi incrível”; - “foi muito especial esse período”; - “era uma realidade diferente que eu nunca tinha vivido”; - “imagina, eu nunca tive isso e com ela eu tinha”; - “quando lá ia aos fins de semana ela dava-me banho, deitava-me na cama e dava-me beijinhos nos pés”; - “eram essas demonstrações de afeto e brincadeiras, por exemplo, ela também me dava beijinhos de pinguim sabes”; - “eu sentia-me muito agradecida por tudo o que ela fazia por mim”; - “eu nem sabia bem como lhe agradecer por isso, porque eu era uma criança, não é?”; - “na altura e mesmo depois de ser adotada, a minha forma de agradecer era sendo uma excelente aluna e uma filha perfeita”; - “eu lembro-me de quando era criança, pensar muitas vezes ‘Eu tenho que lhe dar algo em troca por ela ser tão incrível para mim e	- sentimento positivo de mudança e novidade; - sentimento de bem-estar e satisfação das necessidades; - demonstrações de afeto por parte dos pais adotivos; - sentimento de gratidão; - necessidade de oferecer algo em troca aos pais adotivos; - medo de não ser suficiente; - medo de não agradar a família adotiva;
--	---	---

	para ela nunca deixar de me querer”; - “foi um pouco difícil desmitificar a ideia de que eu tinha que dar algo à minha mãe, por tudo aquilo que ela fazia por mim”;	
P.9	- “acho que não passei por isso, porque a primeira vez que vi o meu pai foi numa visita rápida só para nos conhecermos e a segunda vez que nos vimos já foi no dia de ele me levar para casa”; - “sim gostava (que tivesse existido um estágio de convivência), porque basicamente fui viver com ele de um dia para o outro e nesse aspeto foi estranho para mim”;	- ausência do estágio de convivência; - desejo de ter experienciado o estágio de convivência; - sentimento de estranheza em relação à mudança e à novidade;
Questão 4 - Em algum momento do processo de adoção foste acompanhado por algum psicólogo? Se sim, qual a tua opinião relativa a esse acompanhamento?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “o processo de adoção implica que a criança vá ao psicólogo, obrigatoriamente ... não é chegar, adotar e acabou”; - “eu tive vários anos a ir à psicóloga”; - “sei que durante esse processo e depois do mesmo eu estive muito tempo em psicólogos, muitos anos mesmo”; - “quando temos reunião com os psicólogos só falamos aquilo que	- obrigatoriedade do acompanhamento psicológico; - acompanhamento psicológico prolongado; - seleção da informação partilhada durante o acompanhamento psicológico; - impacto positivo do acompanhamento psicológico; - aconselhamento obtido através do acompanhamento psicológico;

	se quer ... só contamos aquilo que nos poderá ajudar a ter aquilo que queremos”; - acho que o acompanhamento (psicológico) foi sempre útil, porque eles dão-te conselhos, ajudam-te a ver as coisas de outra forma e a lidar com as coisas que se passam em casa ... também ajudam na adaptação à família e assim”;	- importância do acompanhamento psicológico na reestruturação cognitiva; - apoio emocional obtido através do acompanhamento psicológico; - importância do acompanhamento psicológico na adaptação ao ambiente e à família;
P.2	- eu acho que não... não me lembro de ter psicólogo durante esse processo”; - “os meus pais basicamente tornaram-se os meus psicólogos quando eu vim para cá... sempre que tinha problemas, eu falava com eles e eles ajudavam”; - “eu acho que não precisei de psicólogo, mas claro depende de cada caso, de cada criança”;	- ausência de acompanhamento psicológico; - sentimento de confiança e segurança em relação aos pais adotivos; - abertura para desabafar com os pais adotivos; - dispensabilidade do acompanhamento psicológico; - consciência da necessidade de acompanhamento psicológico para algumas crianças adotadas;
P.3	- “que eu me lembre acho que não”; - “eu acho que não (teria beneficiado de acompanhamento psicológico), porque eu adaptei-me facilmente”; - “como eu me dei bem com os meus pais e acho que por isso não foi preciso (acompanhamento psicológico)”; - eu depois acabei por perceber que era a mim que os meus pais	- ausência de acompanhamento psicológico; - dispensabilidade do acompanhamento psicológico; - facilidade na adaptação ao novo ambiente e às pessoas; - percepção de ser o/a filho/a desejado/a pelos pais adotivos;

	queriam mesmo, por isso deixei de estar preocupada”;	
P.4	- “durante o processo não”; - “acho que nunca fui acompanhada por psicólogo”; - “só quando vim para a Madeira é que comecei a ter terapia da fala... agora psicólogo acho que não”; - “eu acho que não foi preciso (acompanhamento psicológico), correu tudo bem”; - houve algumas coisas mais difíceis, mas eu consegui superar tudo com a ajuda da minha mãe, por isso para mim não foi preciso”; - “para outras crianças talvez seja preciso (acompanhamento psicológico);	- ausência de acompanhamento psicológico; - dispensabilidade do acompanhamento psicológico; - sentimento de confiança e segurança em relação aos pais adotivos; - sentimento de bem-estar e satisfação das necessidades; - consciência da necessidade de acompanhamento psicológico para algumas crianças adotadas;
P.5	- “houveram algumas psicólogas que acompanharam o processo e perguntaram-me se eu estava bem, o que eu achava da adoção e dos meus pais”; - “depois de ter sido adotado ... também houve uma visita regular de uma psicóloga lá a casa, só para verificar a situação e ver se estava tudo bem... penso que ela era enviada pela segurança social.”; - “eu diria que ajudou na adaptação”; - “ter alguém que te ouve e te assegura que as coisas vão correr	- acompanhamento psicológico durante o processo de adoção; - acompanhamento psicológico após a adoção; - visitas e acompanhamento por parte da segurança social; - importância do acompanhamento psicológico na adaptação ao ambiente e à família; - importância da escuta ativa no acompanhamento psicológico; - apoio emocional obtido através do acompanhamento psicológico;

	bem, ao fim ao cabo, acaba por ajudar”; - “ela também não fazia perguntas muito profundas, era mais do género 'está tudo bem? como é que te estás a sentir?', mas era bom ter uma pessoa que te acompanha ao longo do processo”;	
P.6	- “sim, mas só depois de já estar com os meus pais, depois da adoção”; - “foi bom, eu acho que ajudou bastante a compreender o que se estava a passar na minha vida, ajudou-me a compreender todo o processo”; - “ajudou-me a perceber que o que estava para trás da adoção fazia parte da minha vida, mas já não interessava ... o que interessava era o que estava a viver naquele momento”; - “eu renasci com a adoção”;	- acompanhamento psicológico após a adoção; - impacto positivo do acompanhamento psicológico; - importância do acompanhamento psicológico na compreensão do processo de adoção; - importância do acompanhamento psicológico na reconciliação com o passado; - sentimento de renascimento após a adoção;
P.7	- “logo depois de ter sido adotada tive uma psicóloga”; - “acho que seria bom ter sido acompanhada também antes de ser adotada”; - “se tivesse tido psicóloga antes, talvez fosse mais fácil para mim”; - “seria bom ter compreendido melhor as coisas, ter alguém que nos explicasse que íamos uns dias a casa deles e depois voltávamos,	- acompanhamento psicológico após a adoção; - desejo de ter tido acompanhamento psicológico antes da adoção; - falta de esclarecimento sobre o processo de adoção; - importância da escuta ativa no acompanhamento psicológico; - impacto positivo do acompanhamento psicológico;

	mas que um dia íamos de vez para casa deles”; - “seria bom terem explicado o que ia acontecer e não ter sido uma surpresa”; - “era bom que houvesse alguém que nos ouvisse e tentasse perceber o nosso lado”; - “foi bom (ter acompanhamento psicológico após a adoção), ajudou-me a me adaptar a tudo, porque era tudo novo e diferente”; - “a pessoa com quem falava mais era com a minha psicóloga, eu precisava bastante dela”; - “eu contava-lhe tudo... ela é que me ouvia, aconselhava e mais me ajudou a ultrapassar tudo”;	- importância do acompanhamento psicológico na adaptação ao ambiente e à família; - abertura para desabafar com o psicólogo; - aconselhamento obtido através do acompanhamento psicológico; - importância da escuta ativa no acompanhamento psicológico;
P.8	- “foi muito, muito, muito útil”; - “ela era espetacular, ela ajudava-me imenso com a logística das famílias, porque eu vivi muitos anos com os meus pais biológicos e era uma confusão na minha cabeça”; - “fizemos mesmo muitas coisas para organizar a minha cabeça e talvez por isso a adoção para mim é uma coisa natural”; - “a psicóloga ajudou-me nisso, tipo a perceber os papéis de cada um dos adultos da minha vida e o meu papel também”; - “eu lembro-me perfeitamente de fazermos uma grelha dos super-	- acompanhamento psicológico durante o processo de adoção; - impacto positivo do acompanhamento psicológico; - importância do acompanhamento psicológico na adaptação ao ambiente e à família; - importância do acompanhamento psicológico na compreensão dos papéis familiares; - desejo de continuado a ter acompanhamento psicológico após a adoção;

	heróis, porque na altura a minha cabeça estava muito desarrumada”; - depois acho que teria sido bom continuar com o acompanhamento (psicológico); - “era muito bom que eu tivesse continuado (a ter acompanhamento psicológico)”; - “por isso, acho que sim, que deveria ter continuado com esse acompanhamento até eu achar que já não era preciso”;	
P.9	- “desde que fui para a instituição tive acompanhamento e quando me disseram que ia ser adotado também”; - “eu andei na psicóloga antes de ser adotado e depois, durante bastante tempo”; - “eu acho que foi bom e necessário, porque era o lugar onde eu me sentia mais aberto para conversar e partilhar o que eu estava a pensar”; - “foi o que me ajudou a integrar melhor em casa e a desenvolver uma relação de pai/filho com o meu pai”; - “quando entrei no gabinete do psicólogo da escola, o psicólogo disse logo, ‘Eu aqui vou ser um segundo pai para ti, quero que tu desabafes, quero que me contes tudo aquilo que quiseses contar,	- acompanhamento psicológico durante a adoção; - acompanhamento psicológico após a adoção; - necessidade de acompanhamento psicológico perlongado; - impacto positivo do acompanhamento psicológico; - abertura para desabafar com o psicólogo; - importância do acompanhamento psicológico na adaptação ao ambiente e à família; - importância do acompanhamento psicológico na criação de vínculos entre pais e filhos adotivos; - importância do acompanhamento psicológico na adaptação à escola;

	eu estou cá para ti. Quero que me expliques como te sentes em casa, na escola e me contes tudo o que estás a viver'. Ele até disse 'Eu sei tudo aquilo que tu passaste e no que depender de mim, estou aqui para facilitar a tua adaptação à escola, a tua adaptação aos teus novos pais, tudo'";	
Questão 5 - Quais foram as principais mudanças que ocorreram na tua vida, após a adoção?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- "eu sei que não foi um choque muito grande"; - "não sinto que tenha sido uma mudança muito radical";	- mudanças pouco impactantes após a adoção;
P.2	- "comecei a aprender a falar com as pessoas, algo que não sabia fazer"; - "comecei a ser menos violento, porque eu era muito violento antes de ser adotado"; - "comecei a sentir-me mais feliz, mais animado, mais alegre"; - "sentir que pertencia a uma família"; - "estava finalmente a receber amor";	- melhoria na comunicação; - redução da violência para com os outros; - aumento do sentimento de felicidade; - sentimento de pertença; - experiência de ser amado;
P.3	- "mudou muita coisa"; - "uma das coisas que mudou foi a rotina"; - "quando eu chegava da escola na instituição nós tínhamos que	- número elevado de mudanças após a adoção; - alterações na rotina diária; - aumento da autonomia; - aumento da atenção direcionada a si;

	seguir uma rotina e seguir aqueles horários”; - “cá em casa eu chegava da escola e eu podia escolher se queria tomar banho primeiro ou se lanchava, variava um bocadinho a tarefa”; - “aqui faço o que me apetecer primeiro, não há aqueles horários”; - “outra das coisas que também mudou um bocado, foi, digamos, o facto de ter mais atenção só para mim”; - “quando vim para casa, no início, eu senti que tinha mais atenção”;	
P.4	- “mudou tudo na minha vida ... tudo, tudo, tudo”; - “a maneira de viver”; - “a maneira de conviver com as pessoas”; - “a família que me acolheu, eles são mais acolhedores, mais atentos a mim, estão dispostos a me ajudar no que for preciso”; - “até mesmo a maneira de falar mudou para melhor”; - “a questão da comunicação também mudou”; - “eu falava sobretudo crioulo e quando fui viver com a minha mãe comecei a falar o português”;	- numerosas mudanças subsequentes à adoção; - mudanças no estilo de vida; - mudanças na convivência com as pessoas; - mudanças no acolhimento, atenção e apoio familiar; - disponibilidade dos pais adotivos para ajudar e apoiar o filho; - alteração da língua falada;
P.5	- “o facto de ter um espaço só meu”; - “coisas só minhas”;	- aquisição de um quarto próprio; - aquisição de objetos próprios; - sensação de segurança;

	- “não ter de me preocupar, nem de estar sempre a olhar por cima do ombro, basicamente, é uma sensação de alívio, porque te sentes seguro”; - “como eu fazia parte dos mais novos, os mais velhos achavam piada em implicar connosco, então pronto... era como se eu estivesse sozinho lá e tivesse de estar sempre atento a tudo”; - “chegar a casa foi um alívio”;	- sensação de tranquilidade;
P.6	- “ui tudo mudou”; - “a minha vida mudou toda”; - “era uma casa só para nós os quatro, que depois passamos a cinco... não era uma casa para cinquenta pessoas”; - “não era um quarto para três ou quatro crianças, era só para mim e para o meu irmão”; - “ao início foi estranho, porque não estávamos habituados a ter muitas pessoas à nossa volta e a ter tanta atenção”; - “tínhamos duas pessoas que se focavam só em nós”; - “tínhamos muito mais privacidade”; - “tínhamos também brinquedos nossos”; - “roupa nossa, que não era de toda a gente”; - “as refeições, a comida”; - “os horários, a rotina”;	- numerosas mudanças subsequentes à adoção; - diminuição do número de coabitantes na mesma casa; - aquisição de um quarto próprio; - aumento da atenção direcionada a si; - aumento da privacidade; - aquisição de brinquedos próprios; - aquisição de roupas próprias; - alteração da alimentação; - alterações na rotina diária; - mudança de escola; - mudança de região;

	- “mudei de escola”; - “vim de Portalegre para Campo Maior”;	
P.7	- “nós mudámos de região, a instituição era em Lisboa e nós fomos viver para Setúbal”; - “fomos viver para uma casa com menos pessoas, o que faz alguma confusão ao início”; - “tínhamos um quarto só para nós”; - “começámos a ter escola fora da instituição”; - “tivemos que nos adaptar à escola, às pessoas, aos colegas, era tudo novo”;	- mudança de região; - diminuição do número de coabitantes na mesma casa; - aquisição de um quarto próprio; - mudança de escola;
P.8	- “a minha mãe colocou-me no teatro, na dança, na natação, em tudo nos primeiros anos”; - “ela também me mudou de escola”; - “comecei a ir para o colégio privado, algo que também era novo e sinceramente melhor, porque até então tinha andado em escola pública”; - “a minha mãe fez questão de me oferecer roupas boas”; - “também tive um quarto lindo só para mim”;	- participação em atividades extracurriculares; - mudança de escola; - aquisição de roupas próprias; - aquisição de um quarto próprio;
P.9	- “mudou tudo basicamente”; - “passei a ter um quarto meu, brinquedos meus”; - “fui logo para um colégio”;	- numerosas mudanças subsequentes à adoção; - aquisição de um quarto próprio; - aquisição de brinquedos próprios;

	- “tive outro psicólogo, um psicólogo escolar”;	- mudança de escola; - mudança de psicólogo;
--	---	---

Tabela 25. Tema B: Verbalizações e unidades de significado

Tema B: Principais desafios da adoção		
Questão 6 - De todas as mudanças, quais foram as mais difíceis para ti?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “aprender a lidar com dois irmãos mais velhos”; - “ela (mãe adotiva) só sabia gritar e bater”; - “a reação dela foi bater-me”; - “foi aí se calhar que eu me comecei a aperceber que ela só sabia gritar e bater”; - “ela (mãe adotiva) não tem paciência, grita, bate, sei lá, é uma pessoa sem paciência”;	- dificuldades na adaptação aos irmãos adotivos; - comportamentos agressivos por parte dos pais adotivos; - comunicação agressiva por parte dos pais adotivos; - impaciência por parte dos pais adotivos;
P.2	- “a mais difícil foi adaptar-me ao meio em que vivo... um meio onde existem pessoas más, pessoas boas”; - “a pior etapa foi mesmo adaptar-me a tantas mudanças seguidas, à casa, à escola, aos escuteiros, ao quarto e a dormir no escuro...”;	- dificuldades na adaptação ao novo ambiente e às pessoas; - dificuldades na adaptação à escola; - dificuldades na adaptação à comunidade; - dificuldades na adaptação ao quarto; - medo do escuro;
P.3	- “eu já estava habituada a dormir num sítio e começar a dormir noutra sítio foi difícil”;	- dificuldades na adaptação ao quarto; - medo do escuro;

	- “eu nessa altura tinha muito medo do escuro, então dormia de porta aberta e de luz acesa”; - “a minha adaptação na escola também não foi fácil”; - “depois de sair da instituição, a minha entrada no 7º ano foi complicada”; - “integrar-me na turma e fazer novos amigos foi difícil”;	- dificuldades na adaptação à escola; - desafios na integração na turma;
P.4	- “talvez o mais difícil foi a adaptação à escola porque foi muito atribulada”; - “é que eu lá, não estava habituada à escola e aqui tive que começar a ir todos os dias e tive que conviver com os outros”; - “os professores sempre foram muito queridos, pronto os professores não eram o problema, os colegas é que não percebiam o porque de eu estar ali, falar diferente deles e assim... como eu era diferente eles gozavam um pouco”;	- dificuldades na adaptação à escola; - desafios na integração na turma/ <i>bullying</i> dos colegas de turma;
P.5	- “a adaptação escolar provavelmente foi o pior”; - “a forma de ensino lá em baixo é totalmente diferente da forma de ensino cá de cima”; - “uma região nova que eu não conhecia, com pessoas que eu não conhecia e não sabia o que esperar”;	- dificuldades na adaptação à escola; - dificuldades na adaptação ao sistema de ensino; - dificuldades de adaptação à nova região de residência;

P.6	- “acho que não foi nada difícil para mim, porque eu adaptei-me bem, estava feliz”; - “eu adaptei-me super bem a tudo”; - “talvez o que foi mais difícil foi ver o processo do meu irmão, porque como ele era mais velho teve um processo muito mais complicado e eu não compreendia porquê que ele estava assim ou porque ele reagia de certas maneiras”;	- facilidade na adaptação ao novo ambiente e às pessoas; - dificuldades em compreender/acompanhar o processo de adaptação do irmão;
P.7	- “a escola foi mesmo o mais difícil”; - “a adaptação à escola, aos colegas, aos professores, foi tudo muito difícil”; - “até a própria logística da escola, tipo perceber onde eram as salas, a cantina, isso tudo”; - “também foi difícil adaptar-me aos meus pais, eu não os tratava por pai e mãe, tratava pelos nomes deles, por isso é que também me colocaram na psicóloga, porque aquilo era tudo muito estranho para mim, eram pessoas estranhas”;	- dificuldades na adaptação à escola; - desafios na integração na turma; - desafios na adaptação aos professores; - dificuldades na adaptação aos pais adotivos; - dificuldade na adaptação ao chamar mãe e pai aos pais adotivos; - importância do acompanhamento psicológico na adaptação ao ambiente e à família;
P.8	- “a mais difícil não sei dizer... porque ao início estava tudo bem, eu gostava dos meus pais, da minha casa, da minha escola, das minhas notas, gostava disso tudo”;	- facilidade na adaptação ao novo ambiente e às pessoas; - dificuldade na compreensão dos papéis familiares;

	- “eu acho que não houve nada que eu não me adaptasse bem ou que tivesse sido difícil para mim”; - “aquilo era o que eu queria e eu não me recordo de ter dificuldade em me adaptar às mudanças”; - “talvez a única coisa tenha sido mesmo a dificuldade em organizar a minha cabeça, perceber os papéis de casa pessoa”;	
P.9	- “foi mesmo o deixar para trás todas as pessoas da instituição, deixar a vida que eu tinha, porque eu era feliz lá”; - “foi isso e o conhecer tantas pessoas de uma vez só”; - “estava a conhecer tantas pessoas novas, todos os dias conhecia um tio, um primo, uma avó”; - “foi muita informação de uma vez só”;	- dificuldade em aceitar a separação da instituição; - conhecer os membros da família alargada; - sobrecarga de informação;
Questão 7 - Se pudesses alterar alguma coisa no teu processo de adoção, o que alterarias?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “eu mudava logo o início de tudo, mudava o facto de ter sido adotada”; - “mais valia ter ficado sempre lá, porque fui viver com os meus pais e depois aos 16 voltei ... então de que é que vale ter ido sequer?”; - “gostava que se calhar tivessem avaliado melhor a família em que	- desejo de não ter sido adotada; - desejo por uma melhor avaliação da família adotiva;

	me colocaram, avaliado se a família estava bem, se tinha ou não problemas”;	
P.2	- “eu acho que no meu processo de adoção não mudava nada”; - “não querendo dizer mal, mas é o que sinto, é como se nós fossemos uns cãezinhos no canil... chegamos lá vemos os cãezinhos e escolhemos o que queremos... basicamente não deveria ser assim, mas é”; - “é como se tivesses um catálogo aberto e escolhesses uma criança a partir de lá... isto porque os pais adotivos escolhem as idades, o género, a raça e as características que querem na criança... eu mudaria isso”; - “que os pais não vissem a adoção como um catálogo onde escolhem a criança que vai mais de encontro com o que eles querem”; - “nós ali na instituição sentimo-nos como objetos por causa disso e quando tens determinadas características sabes que é mais difícil uma família querer-te”;	- satisfação com o processo de adoção; - alteração do processo de seleção da criança adotada;
P.3	- “eu não sei... eu sinceramente acho que não somos nós crianças adotadas que temos de dizer aquilo que tem de ser mudado”; - “se existem aquelas regras deve ser por algum motivo”;	- perceção de que as crianças adotadas não são responsáveis por definir mudanças no processo de adoção;

		- reconhecimento de que as regras no processo de adoção existem por uma razão;
P.4	- “provavelmente alteraria as pessoas que estavam a tratar do processo”; - “para elas a adoção é uma forma de lucro, de ganharem dinheiro e elas, não sei porquê, mas parecia que faziam de tudo para atrasar o processo”; - “tudo atrasava e eu achava que nunca ia ser adotada”; - “eu no fundo queria que tivesse sido mais rápido o processo”; - “mudaria as pessoas que foram responsáveis por atrasá-lo tanto”; - “o meu processo foi passando de pessoa em pessoa e atrasou tudo”;	- alteração dos técnicos responsáveis pelo processo; - alteração do tempo despendido no processo de adoção;
P.5	- “eu acho que não (alteraria o meu processo de adoção)”; - “no meu caso, foi relativamente rápido e olhando em retrospectiva acho que até correu bem”; - “não houve grandes <i>stresses</i>”; - “o próprio acompanhamento em si foi bom”; - “eu acho que mantinha as coisas como foram”;	- satisfação com o processo de adoção;
P.6	- “eu alteraria a idade do meu irmão, porque se ele tivesse sido adotado um pouquinho mais novo, ele teria se integrado mais	- alteração da idade de adoção do irmão; - satisfação com o processo de adoção;

	facilmente à nova família e não tinha sofrido tanto”; - “de resto acho que não alterava nada”; - “correu tudo bem”;	
P.7	- “gostava de ter tido uma psicóloga que tivesse explicado as coisas da adoção”; - “gostava que tivessem deixado que eu continuasse a ter relação com o meu irmão mais velho”; - “eu acho que se tivéssemos mantido o contacto com ele as coisas teriam corrido melhor, porque já o conhecíamos, gostávamos dele e eu talvez não ia sentir que a vida estava a mudar por completo”;	- desejo de ter sido mais bem informado sobre o processo de adoção; - desejo de ter mantido contacto com a família biológica;
P.8	- “eu acho que não alterava nada”; - “acho que o processo correu bem”; - “acho que o sistema funcionou”; - “se eu pudesse alterar algo, acho que gostaria que o processo de adoção tivesse acontecido mais cedo, ou que tivesse sido mais rápido, ao invés de ir passar tantos fins de semana com a minha mãe, já ficava lá de vez, sem precisar de voltar”; - “poderia ter sido adotada mais cedo talvez”;	- satisfação com o processo de adoção; - alteração do tempo despendido no processo de adoção;
P.9	- “gostava só que o meu pai tivesse passado mais tempo	- desejo de ter tido mais atenção por parte do pai adotivo;

	comigo... eu acho que o meu pai falhou um pouco nesse aspeto”; - “sinto que o que me faltou bastante da parte dele, foi que ele passasse mais tempo comigo, pelo menos ao início”; - “o meu pai é empresário e ele não passava muito tempo comigo porque tinha de estar sempre a trabalhar, sempre a responder a e-mails e assim”; - “em casa ele estava sempre à frente do computador”; - “em relação ao processo, acho que teria sido bom ter estado algumas vezes com o meu pai antes de ir viver com ele”;	- pouco tempo e atenção dedicados ao filho por parte do pai adotivo; - desejo de ter passado mais tempo com o pai adotivo antes da adoção;
Questão 8 - Como descreverias as primeiras semanas de convivência com a tua família adotiva, após a adoção?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “quando eu fui viver com os meus pais ... comíamos juntos e aos fins de semana íamos passear”; - “ao início correu tudo bem, nós até íamos de férias para o Algarve e assim”; - “o problema é que mesmo desde o início a minha mãe era muito ‘stressada’”;	- refeições realizadas em família; - passeios realizados em família; - perceção positiva das primeiras semanas de convivência familiar; - <i>stress</i> demonstrado pela mãe adotiva;
P.2	- “muita alegria e muita animação”; - “a sério, muita alegria mesmo”; - “principalmente a minha mãe, acho que ela se divertiu bastante”;	- sentimento de alegria e felicidade; - diversão demonstrada pela mãe adotiva;

	- “ela ao início acordava de duas em duas horas para verificar se eu estava a dormir, se estava a respirar e se estava tudo bem”; - “muitas memórias felizes dessa altura”;	- preocupação demonstrada pela mãe adotiva; - percepção positiva das primeiras semanas de convivência familiar;
P.3	- “fui viver com eles... e não sei se de mês a mês ou de ano a ano ia lá uma pessoa da segurança social ver se eu estava bem”; - “ao início sentia um bocado de receio, mas depois fui-me adaptando”; - “eu sei que me sentia alegre e feliz por ter conseguido mudar a minha vida”; - “quando cheguei a casa dos meus pais foi bom, foi realizar um sonho”;	- visitas e acompanhamento por parte da segurança social; - sentimento de medo e receio; - adaptação gradual ao novo ambiente e às pessoas; - sentimento de alegria e felicidade; - sentimento de conquista; - percepção positiva das primeiras semanas de convivência familiar;
P.4	- “foram muito boas”; - “eu gostei muito das primeiras semanas, foi o que mais me marcou”; - “eu sentia-me muito feliz por já estar com a minha mãe”; - “era tudo novo”; - “a minha adaptação demorou um pouco, porque eu não tinha muita confiança e era muita coisa nova, mas depois eu fui-me habituando”;	- percepção positiva das primeiras semanas de convivência familiar; - sentimento de alegria e felicidade; - sentimento de novidade; - demora na adaptação ao novo ambiente e às pessoas; - adaptação gradual ao novo ambiente e às pessoas;
P.5	- “no início é uma experiência e custa um pouco a adaptar”; - “é um ambiente novo, são pessoas novas”;	- dificuldades na adaptação ao novo ambiente e às pessoas; - sentimento de novidade; - pressão sentida para agradar a família adotiva;

	- “é uma espécie de pressão que sentimos para que as pessoas gostem de nós”; - “no início é sempre aquela sensação de ‘será que estou a fazer alguma coisa mal?’, ‘será que sou suficiente para os meus pais’”; - “quando eu vim para cá, a primeira coisa que eu fiz foi correr para o meu quarto e ficar no quarto um bom tempo”; - “estranhas, no mínimo, mas foram boas”; - “foi um conjunto de experiências novas e de sentimentos que já não sentia há muito tempo”; - “no sentido que agora posso ter experiências novas que não tinha oportunidade antes”; - “felicidade... não no sentido que era 100% infeliz no passado, mas no sentido que era uma felicidade mais natural, pronto”; - “no sentido que posso fazer as coisas à minha maneira e não há problema nenhum em relação a isso”; - “no sentido de que agora estou realmente com alguém que gosta de mim”;	- medo de errar; - medo de não ser suficiente; - medo de não agradar a família adotiva; - sentimento de estranheza; - percepção positiva das primeiras semanas de convivência familiar; - sentimento de alegria e felicidade; - aumento da autonomia; - sentimento de pertença positivo; - experiência de ser amado;
P.6	- “foi maravilhoso”; - “foi tudo muito bom”; - “era tudo muito diferente”;	- percepção positiva das primeiras semanas de convivência familiar; - sentimento de novidade; - passeios realizados em família;

	- “foi tudo muito bom, muito diferente”; - “eu lembro-me que o meu pai nos disse para escolhermos os lugares que queríamos na mesa, para lhes dizermos quais eram as nossas comidas preferidas, para eles fazerem só aquilo que nós gostávamos”; - “eles também nos levaram a passear, levaram-nos logo a um parque”;	- sentimento de acolhimento por parte dos pais adotivos; - demonstrações de afeto por parte dos pais adotivos;
P.7	- “fiz uma grande birra porque não queria ir”; - “quando lá cheguei fartei-me de chorar”; - “nós ao início não conseguíamos dormir de luz apagada, nem com a porta fechada”; - “nas primeiras semanas, eu acho que é tudo novo e estranho... é difícil adaptar”; - “nós tínhamos imensa gente à nossa volta, imensas crianças e de repente só há duas pessoas”; - “eu acho que conhecer tanta gente, num lugar novo não é nada fácil, mas depois acabamos por nos habituar”; - “eu não me sentia feliz, ficava só no meu canto, a ouvir e a observar, mas não falava”; - “eu não dava confiança, só queria estar no meu espaço”;	- recusa em ser adotada; - sentimento de tristeza e angústia; - medo do escuro; - dificuldades na adaptação ao quarto; - sentimento de novidade; - sentimento de estranheza; - diminuição do número de coabitantes na mesma casa; - dificuldades na adaptação ao novo ambiente e às pessoas; - adaptação gradual ao novo ambiente e às pessoas; - dificuldade em ter confiança na família adotiva; - afastamento da família adotiva;

P.8	- “ao início tens de passar basicamente por uma fase de teste, em que estás por exemplo na cozinha, a tua mãe dá-te alguma coisa e tu respondes ‘obrigada mãe’ e depois ficas assim a olhar para ela, para veres como ela reage”; - “as primeiras semanas foram muito boas”; - “nós íamos passear de carro e isso para mim era uma coisa maravilhosa”; - “quando eu vivia com os meus pais biológicos, o meu pai só tinha um daqueles carros que parecem uma mota e nós andávamos naquilo sem condições nenhuma, então andar de carro com a minha mãe era uma coisa totalmente ‘uau’ e nova para mim”; - “o meu tio também tinha um barco, por isso lembro-me que desde o início costumávamos ir passear com ele no barco”; - “íamos passear muito, algo que não fazia parte da minha antiga realidade”;	- adaptação ao chamar mãe e pai aos pais adotivos; - perceção positiva das primeiras semanas de convivência familiar; - passeios realizados em família; - sentimento de novidade;
P.9	- lembro-me que as senhoras da segurança nos fizeram imensas visitas”; - nas duas primeiras semanas o meu pai enganava-se no meu nome (...) sei que isso me afetou	- visitas e acompanhamento por parte da segurança social; - dificuldade do pai adotivo em memorizar o nome do filho adotivo; - dificuldades na adaptação ao novo ambiente e às pessoas;

	um pouco na altura e deixou-me triste”; - “nos primeiros dias a viver com o meu pai, chamava as freiras da instituição durante a noite, porque eu ainda não esta habituado àquilo”; - “quando eu fui adotado senti-me muito assustado e pensava muito no futuro”; - “olha brinquedos e assim nunca me faltaram”; - “foi tudo muito confuso e estranho”; - “praticamente todos os dias estávamos em casa e apareciam várias pessoas da família para me conhecer”; - “chegou a uma altura em que me fechei no quarto porque eu não aguentava mais... era muita gente... e isto foi só no continente, porque na Madeira tenho muita família”; - “até tive família a vir da Venezuela e do Brasil para me conhecerem”; - “nessa altura eu era muito novo e eu não estava preparado para tanta coisa e tanta gente”;	- medo em relação ao futuro; - aquisição de brinquedos próprios; - sentimento de estranheza; - sobrecarga de informação; - apresentação mútua aos familiares;
Questão 9 - Como é que te sentiste em relação à tua família adotiva nos primeiros momentos de convivência familiar, após a adoção?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado

P.1	- “não me sentia acolhida pelos meus irmãos”; - “é que o meu irmão mais velho era muito agressivo e nós nunca nos demos bem desde que cheguei”; - “era só guerra e entre mim e ele (irmão)”; - “o meu irmão perguntava várias vezes à minha mãe porque é que eles me adotaram”; - “a minha mãe não sabia educar sem brigar e bater”; - “o que falhou foi a relação, foi a falta de compreensão, amor, carinho, o saber ouvir, o estar lá para mim”;	- sentimento de rejeição por parte dos irmãos adotivos; - comportamentos agressivos por parte dos irmãos adotivos; - comportamentos agressivos por parte dos pais adotivos; - carência de vínculos afetivos e suporte emocional;
P.2	- “eles (pais adotivos) sempre me incluíram”; - “nunca senti que os meus pais me tratassem como filho adotivo”; - “trataram-me sempre como se fosse filho biológico deles, que é o mais importante”;	- sentimento de acolhimento por parte dos pais adotivos; - igualdade aos filhos biológicos;
P.3	- “os meus pais acolheram-me bem”; - “eu senti que a minha chegada era importante para mim e para eles (pais adotivos)”; - “em relação ao meu irmão eu acho que até foi fácil para ele ver-me a chegar, pelo menos ele tratou-me bem”;	- sentimento de acolhimento por parte dos pais adotivos; - sentimento de acolhimento por parte do irmão adotivo; - adaptação gradual ao irmão adotivo; - sentimento de novidade;

	- “quando eu cheguei levou alguns meses para nos adaptarmos um ao outro”; - “era tudo muito novo para mim”;	
P.4	- “eu não tinha muitas expectativas em relação à minha família”; - “estava finalmente com a minha mãe, por isso estava muito feliz e ela sempre foi muito acolhedora e querida comigo”;	- poucas expectativas em relação à família; - realização do desejo de estar com os pais adotivos; - sentimento de alegria e felicidade; - sentimento de acolhimento por parte dos pais adotivos;
P.5	- “eu ainda me sentia muito nervoso e com medo de que eles não gostassem de mim ou assim”; - “mas senti-me bem, senti-me feliz por já estar com os meus pais”; - “eles fizeram tudo o que podiam para que eu me sentisse bem e me adaptasse o mais rápido possível”;	- sentimento de nervosismo; - medo de não agradar a família adotiva; - sentimento de alegria e felicidade; - realização do desejo de estar com os pais adotivos; - sentimento de acolhimento por parte dos pais adotivos; - esforço dos pais adotivos para integrar o filho adotivo;
P.6	- “eu senti que os meus pais queriam mesmo ter filhos já há bastante tempo, porque eles acolheram-nos mesmo bem”; - “desde o início que nos acolheram muito bem”; - “eles faziam e fazem tudo para nos verem felizes”; - “eles desdobram-se imenso, para que nunca nos falte nada, para que tenhamos tudo aquilo	- sentimento de ser desejado pelos pais adotivos; - sentimento de acolhimento por parte dos pais adotivos; - esforço dos pais adotivos para integrar o filho adotivo; - satisfação das necessidades dos filhos adotivos; - sentimento de afeto e amor em relação aos pais adotivos; - sentimento de gratidão;

	que é necessário e para seguirmos os nossos sonhos”; - “eles foram e são extraordinários e eu digo-lhes isso muitas vezes”; - “eu sou muito grata por eles nos terem escolhido e por nós também os termos escolhido a eles, porque nós tivemos que nos adaptar a eles e eles a nós e, no fundo, foi uma escolha mútua”; - “os meus pais sempre foram muito compreensivos”; - “mesmo com o meu irmão mais novo, quando ele cresceu, eles tentaram lhe explicar as coisas para que nunca houvesse ali uma separação entre ele e nós e para que nunca houvesse uma diferença”; - “nós somos todos iguais e somos tratados dessa forma”;	- adaptação mútua entre pais e filhos adotivos; - sentimento de compreensão por parte dos pais adotivos; - igualdade aos filhos biológicos;
P.7	- “eu acho que eles se cansaram de mim, não tiveram a paciência que é suposto uns pais terem nestas situações”; - “eles deveriam ter tido mais paciência, pronto”; - “eu chorava muito e acho que eles não sabiam lidar com isso e não percebiam o quão difícil era para mim adaptar-me a tanta coisa nova”;	- sentimento de rejeição por parte dos pais adotivos; - impaciência por parte dos pais adotivos; - sentimento de tristeza e angústia; - incompreensão por parte dos pais adotivos; - dificuldades na adaptação ao novo ambiente e às pessoas;
P.8	- “eu sentia-me bem, sentia que eles me amavam, diziam-me e também mostravam isso”;	- sentimento de amor por parte dos pais adotivos;

	- “a minha mãe oferecia-me sempre roupa boa e isso para mim dizia muito, era como se ela quisesse mesmo que eu saísse da minha antiga vida e me integrasse ali naquela família nova, naquele contexto novo”; - “ela também comprava vitaminas e coisas desse género para eu tomar porque eu era muito pequena e ela achava que eu estava desnutrida”; - “senti sempre muito amor e preocupação”; - “ela desde o início sempre foi muito mãe galinha, porque como ela era assistente social e lidava com muitos casos como o meu, ela tinha muito medo que eu fosse por maus caminhos”; - “lembro-me também que ela tinha muito medo que eu um dia quisesse deixá-la e ir com os meus pais biológicos, isso mostra o quanto ela me amava”; - “também se calhar é uma pressão que não se coloca numa criança, mas eu via aquilo como um grande amor que ela tinha por mim”;	- demonstrações de afeto por parte dos pais adotivos; - esforço dos pais adotivos para integrar o filho adotivo; - sentimento de ser desejado pelos pais adotivos; - preocupação demonstrada pelos pais adotivos; - pressão colocada nos filhos adotivos;
P.9	- “tipo eu senti que o meu pai queria mesmo ter um filho e que gostava de mim”; - “continuo a achar que ele falhou um pouco na parte de me dar mais	- sentimento de ser desejado pelos pais adotivos; - sentimento de amor por parte dos pais adotivos;

	atenção e passar mais tempo comigo”; - “ele focou-se muito no trabalho”; - “quando nós íamos de férias à Madeira, por exemplo, a primeira coisa que ele fazia quando chegávamos à casa dos meus avós, era enfiar-se num quarto com o computador e só saía de lá horas depois”; - “passava o dia fora porque ele não passava muito tempo comigo”; - “o que eu notei foi que ele se focou muito na parte de me apresentar a toda a família, para que eu conhecesse toda a gente e toda a gente me conhecesse”; - “em casa não tinha nada para fazer, nem ninguém com quem conversar”; - “eu já sabia que o meu pai ia estar à frente do computador”; - “era muito focado no trabalho e não passava quase tempo nenhum comigo”;	- esforço dos pais adotivos para integrar o filho adotivo; - apresentação mútua aos familiares; - pouco tempo e atenção dedicados ao filho por parte do pai adotivo;
Questão 10 - Como é que te sentiste em relação aos restantes membros da tua família nos primeiros momentos de convivência familiar, após a adoção?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “eles tratavam-me bem”; - “enquanto vivi com a minha família adotiva eu sentia-me acolhida por eles”;	- sentimento de acolhimento por parte família alargada;

P.2	- “eles aceitaram-me bem”; - “os meus pais antes de me irem buscar, eles tiveram uma conversa com a minha avó e o meu avó e explicaram que estavam interessados em adotar e toda a gente aceitou”; - “os meus tios e tias também sempre me aceitaram”; - “quando cá cheguei dei-me bem com eles todos também e senti-me acolhido”; - “só tenho um primo que sempre teve inveja de mim e inveja do que eu tenho”; - “quando os meus pais me trouxeram, ele sentiu-se um bocado atingido quando eu vim ocupar um lugar que era ‘dele’ entre aspas”; - “até hoje ele sente inveja de mim”; - “ele não tinha razão para me tratar mal e fazer o que fazia”;	- aceitação por parte da família alargada; - sentimento de acolhimento por parte família alargada; - inveja sentida por um membro da família; - maus-tratos por parte de um membro da família;
P.3	- “eu ao início sentia-me muito envergonhada para falar com eles, porque não os conhecia e era muita gente nova”; - “com o tempo perdi a vergonha e as coisas correram bem” - “eles também sempre me trataram bem”; - “nunca me fizeram sentir de parte”;	- vergonha sentida na convivência com a família alargada; - adaptação gradual ao novo ambiente e às pessoas; - sentimento de acolhimento por parte família alargada;

P.4	- “toda a gente me acolheu bastante bem”; - “eu fiquei espantada com tanta gente”; - “não estava à espera que tivesse tanta gente à minha espera”; - “foi muito bom”; - “eu acho que não poderia ter sido melhor”; - “nunca ninguém me fez sentir mal”;	- sentimento de acolhimento por parte família alargada; - sentimento de surpresa perante a quantidade de membros da família alargada; - convivência positiva com a família alargada; - inexistência de situações de maus-tratos com a família alargada;
P.5	- “foi bom”; - “lembro-me que há sempre aquela ansiedade de ‘agora vou conhecer mais pessoas novas...o que é que eu vou fazer?’”; - “toda a minha família tentou integrar-me e integraram-me bem”; - “eles tentaram sempre apoiar-me”; - “fizeram o que podiam para que me sentisse bem”; - “os meus tios e primos sempre foram muito apoiantes dos meus pais e da minha chegada”; - “nunca houveram comentários negativos da parte deles em relação a mim”;	- convivência positiva com a família alargada; - ansiedade ao conhecer a família alargada; - sentimento de acolhimento por parte família alargada; - sentimento de apoio por parte da família alargada; - inexistência de situações de maus-tratos com a família alargada;
P.6	- “eu senti-me muito bem”; - “os meus avós e os meus tios, logo no dia em que nós chegámos fizeram uma festa na nossa garagem e foi tudo muito natural”;	- convivência positiva com a família alargada; - sentimento de acolhimento por parte família alargada;

	- “eu lembro-me que eles fizeram uma festa, os meus primos da Bélgica vieram de propósito para nos conhecer”; - “fomos muito bem recebidos por todos”; - “eles deram-nos muitos brinquedos e muita roupa”;	
P.7	- “houve uma bisavó que quis logo que nós fossemos passar um fim de semana com ela”; - “foi muito bom esse fim de semana, nunca mais me esqueço”; - “em relação ao resto da família, também sempre senti que era bem-vinda e que eles gostavam de nós”;	- convivência positiva com a família alargada; - sentimento de acolhimento por parte família alargada; - experiência de ser amado;
P.8	- “eu senti que eles sempre fizeram de tudo para que eu me sentisse bem”; - “a minha relação com o meu tio, irmão da minha mãe, só foi crescendo ao longo dos anos”; - “ele para mim é como se fosse um pai”; - “eu partilhava muita coisa com ele”; - “os meus avós maternos também me amam muito, sempre disseram abertamente”; - “damo-nos muito bem e ela trata-me como trata os outros netos”; - “em relação à família da parte do meu pai adotivo... eles gostavam	- sentimento de acolhimento por parte família alargada; - relação de grande proximidade com um tio; - demonstrações de afeto por parte da família alargada; - igualdade aos restantes netos biológicos; - experiência de ser amado; - exclusão por parte da família alargada;

	de mim antes do meu irmão nascer, mas quando a minha mãe teve o meu irmão, eles excluíram-me por completo”;	
P.9	- “correu tudo bem”; - “eles receberam-me muito bem”; - “sempre foram cinco estrelas”; - “eu sinceramente sentia-me muito melhor e mais feliz a brincar com os meus primos ou em casa dos meus tios, do que propriamente em casa”;	- sentimento de acolhimento por parte família alargada; - convivência positiva com a família alargada;
Questão 11 - Como é que te sentiste em relação aos membros da comunidade durante o primeiro ano da tua adoção?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “os meus pais colocaram-me nos escuteiros para eu saber controlar-me mais e aprender a conviver com pessoas”; - “eu fazia hip-hop e natação...tinha sempre alguma atividade”; - “a minha mãe fazia questão de nos integrar nessas coisas e sempre disse que era bom fazer essas atividades”; - “lá (escuteiros) eu perdi o medo de muita coisa”; - “um dos medos que eu trazia da instituição era o medo do escuro e depois perdi esse medo nos escuteiros a acampar”; - “sentia-me bem, era algo que eu gostava muito”;	- incentivo dos pais para a integração do filho em grupos sociais/comunitários; - integração em grupos sociais/comunitários após a adoção; - superação de medos através do convívio com grupos sociais/comunitários; - sentimento positivo associado ao convívio com grupos sociais/comunitários;

P.2	- “eu passei por muito <i>bullying</i> por ser adotado”; - “desde o 3º ano até ao 10º ano sofri de muito <i>bullying</i> mesmo”; - “não propriamente em relação à minha família, porque sempre senti que pertencia, mas em relação ao meio onde vivia”; - “sentia-me diferente por causa do <i>bullying</i>”; - “eu acho que as crianças adotadas sofrem de <i>bullying</i>, porque as outras crianças acham que nós por sermos adotados temos mais do que eles têm”; - “há muitos miúdos que pensam dessa forma e por isso gozam, rebaixam as crianças adotadas”; - “começava a fazer aquelas perguntas a mim próprio ‘porque é que estou a sofrer de <i>bullying</i>?’ ‘Só por ser adotado, tenho de estar a levar com isto?’”; - “acho que sofrer de <i>bullying</i> e não compreender o porquê, teve um impacto muito grande em mim”; - “eu acho que nós, miúdos adotados, e não só, miúdos com outros problemas, sofremos muitas mais dificuldades na comunidade do que os restantes, porque sofremos de <i>bullying</i> e somos postos de parte”;	- <i>bullying</i> e discriminação por parte dos pares; - sensação de exclusão e falta de pertencimento social; - incompreensão do <i>bullying</i> experienciado; - incompreensão da adoção por parte dos pares;
-----	---	--

	- “somos vistos de forma diferente pelos outros miúdos”;	
P.3	- “na escola, as únicas pessoas que sabiam que eu era adotada eram só as minhas colegas, da minha turma, mas mesmo assim nem todas sabiam”; - “as que sabiam sempre aceitaram bem, não me criticavam nem nada disso”; - “eu gostava que as pessoas mais próximas soubessem que eram adotada”; - “com algumas pessoas eu sentia que podia partilhar esta parte da minha vida, mas com outras não”; - “eu sentia que algumas iam perceber e respeitar e outras se calhar não iam perceber e mais tarde vir a criticar ou a gozar”;	- seleção das pessoas a quem partilhava a sua história de adoção; - importância do reconhecimento da adoção pelo círculo social; - compreensão e aceitação da adoção por parte dos pares; - receio de ser julgada por ser adotada;
P.4	“comecei a ter atletismo, dança, canto”; - “eu andei em tudo e sempre me senti bem, todos me trataram bem”; - “foi só na escola que as coisas foram um pouco mais complicadas, por causa do <i>bullying</i>, o resto correu bem”;	- integração de grupos sociais/comunitários após a adoção; - sentimento positivo associado ao convívio com grupos sociais/comunitários; - <i>bullying</i> e discriminação por parte dos pares;
P.5	- “eu nunca cheguei a ir para escuteiros nem nada, gosto mais de estar em casa (risos), se bem que a minha mãe tentou, mas na	- incentivo dos pais para a integração do filho em grupos sociais/comunitários;

	altura não estava assim muito interessado”; - “no que toca aos meus amigos e aos colegas, eu nunca senti discriminação nem nada disso, por ser adotado”; - “nunca sofri de <i>bullying</i>, nem ninguém me pôs de parte por ser adotado”;	- compreensão e aceitação da adoção por parte dos pares;
P.6	- “alguns colegas faziam comentários sobre ser adotada e gozavam com a situação”; - “eu acho que eles (colegas) tentavam afetar-nos com isso (<i>bullying</i>)”; - “eu ignorava e seguia a minha vida, mas como o meu irmão se lembra de mais coisas do passado, aquilo afetava-o mais”; - “eu não sou ‘a adotada’ eu sou ‘a P.6, eu tenho um nome’, por isso eles gozarem só me afetava por afetar o meu irmão”; - “eu sempre disse que me chamarem de adotada não me afetava, porque para mim é só um nome”;	- <i>bullying</i> e discriminação por parte dos pares; - autoaceitação da adoção; - impacto emocional do <i>bullying</i> no irmão;
P.7	- “eu quando fui adotada, os meus pais colocaram-me da natação e correu tudo bem, eu gostava bastante de nadar e conviver com outras crianças”; - “em relação à escola, apesar de eu ter tido dificuldades na adaptação, não me lembro de	- incentivo dos pais para a integração do filho em grupos sociais/comunitários; - integração de grupos sociais/comunitários após a adoção;

	terem gozado comigo ou assim por ser adotada”; - “os meus colegas que sabiam não diziam nada em relação a isso”;	- sentimento positivo associado ao convívio com grupos sociais/comunitários; - compreensão e aceitação da adoção por parte dos pares;
P.8	- “eu sentia-me bem, como te disse a minha mãe colocou-me em várias atividades ao mesmo tempo”; - “eu tinha o meu tempo todo ocupado, incluindo o Sábado de manhã”; - “em relação aos colegas e assim senti-me bem, correu tudo bem”; - “não me lembro de me tratarem mal ou dizerem algo sobre ser adotada”;	- incentivo dos pais para a integração do filho em grupos sociais/comunitários; - integração de grupos sociais/comunitários após a adoção; - compreensão e aceitação da adoção por parte dos pares;
P.9	- “eu era basicamente ‘o adotado’ em todo o lado”; - “nos escuteiros correu tudo bem, sempre me trataram bem, mas na escola as coisas sempre foram diferentes”; - “havia sempre miúdos que me batiam, gozavam e assim”; - “eu vestia coisas de marca e eles não tinham essas condições, então descarregavam em mim e gozavam por eu ser adotado”; - “eu na altura que sofria de <i>bullying</i> estava sempre muito em baixo, chegava da escola, enfiava-me no quarto e trancava a porta”;	- <i>bullying</i> e discriminação por parte dos pares; - sentimento positivo associado ao convívio com grupos sociais/comunitários; - incompreensão da adoção por parte dos pares; - impacto emocional do <i>bullying</i>; - integração de grupos sociais/comunitários após a adoção;

	- “às vezes eu vinha com marcas ou assim da porrada que levava e eu não queria mostrar a ninguém, por isso trancava-me”; - “eu comecei a ter aulas de defesa pessoal e a fazer desporto e isso também ajudou bastante”;	
--	--	--

Tabela 26. Tema C: Verbalizações e unidades de significado

Tema C: Estratégias de adaptação familiar		
Questão 12 - De que forma a tua família adotiva se preparou para a tua chegada?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “eu senti que os meus pais se prepararam para a minha chegada”; - “quando eu cheguei eles tinham comprado um beliche para mim”; - “depois quando nos mudámos já tinha um quarto só para mim”; - “quando nos mudámos e eu tive o meu próprio quarto”; - “eu tinha um quarto só para mim”; - “eu sinto é que eles não prepararam bem os meus irmãos e não resolveram os problemas que já tinham em casa, antes de decidirem adotar”;	- perceção de preparação e planeamento familiar; - preparação de um quarto próprio para o filho adotivo; - perceção de falta de preparação familiar e desafios não resolvidos antes da adoção;
P.2	- “quando cheguei eles já tinham um quarto preparado para mim, uma cama, roupas em cima da cama”;	- preparação de um quarto próprio para o filho adotivo; - preparação e aquisição de roupas próprias para o filho adotivo;

	- “estava tudo preparadinho para que eu chegasse”; - “os meus pais trataram disso tudo”;	- percepção de preparação e planejamento familiar;
P.3	- “eu antes de chegar, a minha família mandou-me um livrinho com tudo”; - “no livro eles mostravam-me a casa e havia uma parte onde mostravam onde ia ser o meu quarto”; - “nesse livro tinha muita coisa, tinha a apresentação deles, dos meus pais e do meu irmão e dizia o que eles gostavam de fazer também”;	- apresentação da casa e dos membros da família; - preparação de um quarto próprio para o filho adotivo;
P.4	- “quando eu cheguei a casa tinha tudo pronto para mim, o meu quarto, roupas...”; - “porque a minha mãe começou a comprar roupas para 5 anos porque achou que eu vinha com 5 anos”; - “eu quando cheguei tinha roupas no quarto para crianças de 5 anos, de 6, 7 e 8 anos (risos), porque ela todos os anos comprava roupas novas”; - “assim quando eu chegasse ela estava preparada”;	- percepção de preparação e planejamento familiar; - preparação de um quarto próprio para o filho adotivo; - preparação e aquisição de roupas próprias para o filho adotivo;
P.5	- “sei que eles prepararam a casa, prepararam um quarto para mim e compraram roupas e brinquedos”;	- percepção de preparação e planejamento familiar; - preparação de um quarto próprio para o filho adotivo;

	- “eu nunca pensei muito como é que o processo foi para o lado dos meus pais, não vou mentir”; - “nunca me lembrei de perguntar aos meus pais como é que foi da parte dele sinceramente”; - “como eles próprios se prepararam não sei”;	- preparação e aquisição de roupas próprias para o filho adotivo; - preparação e aquisição de brinquedos próprios para o filho adotivo; - desconhecimento sobre a experiência e preparação dos pais adotivos no processo de adoção;
P.6	- “naquela casa da altura só tínhamos dois quartos, era um quarto deles e um quarto para mim e para o meu irmão”; - “eles arranjaram o quarto de uma forma neutra, com cores que dessem para os dois, para que nós não pensássemos ‘ah eles só pensaram no rapaz, ou só pensaram na rapariga’”; - “eles compraram-nos logo bicicletas, trotinetes, tudo, tudo, tudo”; - “tudo aquilo que nunca tínhamos tido, passámos a ter, sobretudo amor”; - “quando eles nos decidiram escolher, foram para casa e trataram logo de tudo”; - “quando chegámos deu para perceber que eles se tinham esforçado para que nos sentíssemos bem quando chegássemos”;	- preparação de um quarto próprio para o filho adotivo; - preparação e aquisição de brinquedos próprios para o filho adotivo; - sentimento de bem-estar e satisfação das necessidades; - perceção de preparação e planeamento familiar;

P.7	- “eu lembro-me das camas... quando nós chegámos não estava nada montado e nós ajudámos a montar, a aspirar o quarto, a pôr tudo como nós queríamos e isso foi bom”; - “lembro-me de nós estarmos lá a cantar e a dançar enquanto arrumávamos as nossas coisas no quarto”; - “os nossos pais também compraram roupas e brinquedos para nós”; - “estava lá tudo no nosso novo quarto”;	- preparação de um quarto próprio para o filho adotivo; - preparação e aquisição de roupas próprias para o filho adotivo; - preparação e aquisição de brinquedos próprios para o filho adotivo;
P.8	- “depois de ser adotada, fui mesmo para um quarto só meu, com a minha cama, a minha cómoda, os meus brinquedos e um armário para os guardar”; - “ela (mãe) decorou o quarto todo com coisas da <i>hello kitty</i>, ela queria que eu me sentisse mesmo uma princesa”; - “e isso foi mesmo muito importante para mim, ter o meu espaço dos brinquedos lá em casa”; - “na sala tinha um armário só para os meus brinquedos”; - “na rua também havia outro armário para os brinquedos”; - “a casa tinha seções para mim, estava preparada para mim, não	- preparação de um quarto próprio para o filho adotivo; - preparação e aquisição de brinquedos próprios para o filho adotivo; - preparação e adaptação da casa ao filho adotivo; - perceção de preparação e planeamento familiar;

	era como se eu fosse uma intrusa”; - “eu era parte da casa, tal como os meus pais eram”; - “sempre houve essa preparação e esse cuidado”;	
P.9	- “ele (pai) comprou um monte de brinquedos”; - “encheu-me o quarto de brinquedos, roupas e sapatos novos”;	- preparação e aquisição de brinquedos próprios para o filho adotivo; - preparação e aquisição de roupas próprias para o filho adotivo; - preparação de um quarto próprio para o filho adotivo;
Questão 13 - És capaz de mencionar alguns comportamentos/attitudes da tua família para que te sentisses integrado no seio familiar?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “a minha mãe fazia questão de convidar as meninas da instituição para os meus aniversários”; - “eu não senti que a adoção me fez perder o contacto com as pessoas que eu conhecia lá da instituição”; - “ia sempre de férias com eles”; - “os meus pais fizeram o que podiam para me sentir parte da família”;	- preservação dos laços sociais prévios à adoção; - apoio dos pais adotivos na preservação dos laços sociais prévios à adoção; - realização de viagens e passeios em família; - perceção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo;
P.2	- os meus pais quiseram ‘mostrar-me’, para que as pessoas me conhecessem e me aceitassem; - “eles também começaram a viajar muito comigo, a levar-me a sítios novos, diferentes”;	- apresentação do filho adotivo à família alargada; - realização de viagens e passeios em família; - perceção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo;

	- “tentaram que aos poucos e poucos eu me fosse ambientando a eles e ao mundo”; - “também tinham de me mostrar disciplina e me dar educação”; - “eu quando vim na instituição não tinha nada disso (disciplina e educação), por isso tive de receber dos meus pais”; - “o que eu sou neste momento posso agradecer aos meus pais”; - “foi a educação que eles me deram que me fizeram ser como eu sou agora”; - “eu agradeço isso a eles”; - “a verdade é que o que eu sou devo-lhes a eles”;	- transmissão de disciplina e educação; - reconhecimento da influência parental na formação da identidade atual; - sentimento de gratidão para com os pais adotivos;
P.3	- “eu lembro-me que eles me perguntavam várias vezes se eu estava bem”; - “ouviam-me sempre que eu precisava”; - “basicamente eles faziam de tudo para que me sentisse bem”; - “os meus pais guardaram fotos minhas com cada uma das pessoas da instituição”; - “a mãe também tem fotos minhas em acampamentos e a fazer outras atividades lá na instituição”;	- preocupação dos pais com o bem-estar e adaptação do filho adotivo; - comunicação aberta e assertiva por parte dos pais adotivos; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo; - percepção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo; - preservação de memórias prévias à adoção;
P.4	- “a minha família tentou sempre me fazer sentir integrada”; - “fizeram sempre muita coisa, é difícil escolher”; - “posso dizer que me ouviam”;	- percepção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo;

	- “tentavam adaptar-se a mim também, não era só a eu a eles”;	- percepção de esforço parental na adaptação ao filho adotivo;
P.5	- “todos os sábados ou domingos costumávamos ir a um parque, fazer uma caminhada”; - “os meus pais gostavam de fazer umas brincadeiras, umas atividades mais viradas para mim, no sentido de ‘isto também é um momento para ti, não é só para nos fazeres a vontade’”; - “os meus pais também tentaram apoiar-me, fazer com que me integrasse bem”; - “eles também se queriam adaptar a mim enquanto criança, enquanto filho”;	- realização de viagens e passeios em família; - percepção de esforço parental na adaptação ao filho adotivo; - realização de atividades lúdicas focadas no filho adotivo; - percepção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo;
P.6	- “eles sempre nos perguntaram se nos sentíamos à vontade, faziam questão de nos perguntar, de falar connosco e ouvir o que nós tínhamos a dizer”; - “eles perguntavam se estavam a ser muito rígidos com as regras, se havia alguma coisa que nós gostássemos de mudar e se nos estávamos a entender todos”; - “eles sempre nos deram liberdade para darmos a nossa opinião, para arranjarmos um equilíbrio que fosse bom para eles e para nós”;	- comunicação aberta e assertiva por parte dos pais adotivos; - preocupação dos pais com o bem-estar e adaptação do filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo; - percepção de esforço parental na adaptação ao filho adotivo;

P.7	- “ele (pai) chegava ao pé de nós e perguntava como é que nós nos estávamos a sentir, como é que a escola tinha corrido”; - “nós quando estávamos a comer, o meu pai fazia sempre questão de perguntar essas coisas e eu adorava dizer o que tinha feito na escola, o que tinha aprendido... adorava”;	- preocupação dos pais com o bem-estar e adaptação do filho adotivo; - comunicação aberta e assertiva por parte dos pais adotivos; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo;
P.8	- “a minha avó, por exemplo, ensinou-me a coser, a dar pontos na roupa, ensinou-me a fazer uma cama, ensinou-me a cozinhar, a fazer bolos e a tirar com o dedo a massa da tigela”; - “a minha família, a minha mãe, a minha avó, o meu tio, basicamente ensinaram-me a fazer tudo, a minha educação e o meu conhecimento de hoje veio deles”; - “Eu lembro-me que a minha avó quando tinha o almoço pronto ia à janela chamar-me ‘neta, o almoço está pronto’ e eu depois ia chamar o meu avô ‘avô, a avó disse que o almoço está pronto’ e depois almoçávamos todos juntos como é suposto nas famílias”; - “eu lembro-me que isso de chamar pelos nomes era importante para mim”;	- transmissão de saberes práticos e afetivos; - transmissão de disciplina e educação; - utilização de termos de parentesco; - refeições realizadas em família;
P.9	- “fez questão de me apresentar à família toda”;	- apresentação do filho adotivo à família alargada;

	- “ele (pai adotivo) falava comigo e perguntava como é que me sentia, tanto a nível pessoal, como escolar”; - “basicamente ele (pai adotivo) pedia para eu desabafar e dizia que eu podia falar com ele sobre qualquer assunto”;	- abertura para diálogo familiar e apoio emocional;
Questão 14 - Ao longo do primeiro ano de adoção, como descreverias a atitude/comportamento dos teus pais perante as tuas dificuldades, receios, inseguranças?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “lembro-me também de uma situação pouco tempo depois de viver com os meus pais, em que um menino na escola me tocou na vagina...e nesse noite, a minha mãe estava a dar-me banho e eu disse-lhe o que ele tinha feito ... a reação dela foi bater-me;” - “sempre houve gritos”; - “a minha mãe não ouvia, simplesmente gritava perante qualquer situação dessas”; - “o meu pai ficava no canto dele, não gritava e não batia, mas também não se metia, não ajudava”; - “quando eu e o meu irmão brigávamos, ele (pai) ficava no quarto e só aparecia quando a porrada já tinha acabado”; - “o meu pai sempre foi daqueles que não faz nada em casa”;	- comportamentos agressivos por parte dos pais adotivos; - comunicação agressiva por parte dos pais adotivos; - indisponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo; - ausência de intervenção do pai nos conflitos familiares;

	- “(o meu pai) só estava lá para sustentar a família, para pagar a renda e assim, mas não faz nada, não intervém em nada”;	
P.2	- “eles reagiam bem, tentavam ao máximo possível esclarecer as minhas dúvidas”; - “ajudaram-me sempre a enfrentar os meus medos... sempre, sempre, sempre”; - “se eu tinha alguma pergunta eles respondiam, nunca me esconderam nada”; - “eles estiveram sempre disponíveis para me ajudar com tudo”; - “eu poderia falar com eles sobre qualquer coisa, que eles ouviam e ajudavam, incluindo sobre a adoção”;	- esclarecimento das dúvidas do filho adotivo; - apoio dos pais adotivos na superação de medos; - comunicação aberta e assertiva por parte dos pais adotivos; - disponibilidade dos pais adotivos ajudar e apoiar o filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo; - abertura para falar sobre a adoção;
P.3	- “eles compreendiam”; - “eles sabiam que eu já estava habituada a uma coisa e que não é fácil a adaptação”; - “hoje eu já durmo no escuro sem problema nenhum e isso é graças a eles”; - “quando eu tinha algum problema eles estavam lá sempre lá para mim, para me ouvir e ajudar”;	- compreensão das dificuldades na adaptação familiar do filho adotivo; - apoio dos pais adotivos na superação de medos; - disponibilidade dos pais adotivos ajudar e apoiar o filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo;
P.4	- “ela ajudou-me sempre”; - “como a adoção era algo que ela queria muito, independentemente das minhas dificuldades ela	- disponibilidade dos pais adotivos ajudar e apoiar o filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo;

	estava sempre lá para mim, para me ajudar”; - “nós tínhamos o costume de irmos no carro a falar sobre o dia e ela ouvia como tinha sido o meu dia”; - “ela costumava vir a falar e eu repetia o que ela dizia, para treinar a linguagem”; - “eu lembro-me que como não falava bem o português, fazia muitos gestos e a minha mãe conseguia perceber mais ou menos aquilo que eu queria dizer”; - “ela também fazia muitos gestos para eu perceber o que ela queria dizer”; - “em relação aos meus medos, a minha mãe também falava muito comigo e dizia que eu não me precisava de me preocupar com nada”; - “como o processo demorou muito a ser concluído, ela dizia-me que já estava tudo terminado para eu não me preocupar”; - “ela sempre dizia ‘vai correr tudo bem, não te preocupes, ninguém te vai tirar de mim”;	- apoio dos pais adotivos na superação de medos;
P.5	- “a reação deles era boa... era a reação normal de uns pais que compreendiam que não era fácil para mim me adaptar a tanta coisa nova”;	- compreensão das dificuldades na adaptação familiar do filho adotivo; - ausência de comportamentos violentos;

	- “nunca tive assim nenhuma atitude mais violenta da parte deles, pelo menos não me lembro”; - “a atitude deles era sempre mais baseada na calma, no tentarem falar comigo, me escutarem e ajudarem”;	- comunicação aberta e assertiva por parte dos pais adotivos; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos ajudar e apoiar o filho adotivo;
P.6	- “eles estavam sempre lá, acho que isso foi o mais importante”; - “se nós precisássemos de alguma coisa eles davam sempre apoio e faziam de tudo para nos ajudar”; - “eles compreendiam, por isso reagiam sempre bem perante essas coisas, simplesmente queriam ver-nos bem e felizes”; - “agora claro, se fizéssemos alguma asneira eles davam-nos castigos, por exemplo, não podia ir para a rua brincar porque tinha feito alguma coisa, mas pronto foi assim que eu aprendi e não morri”; - “eles sempre foram muito justos, primeiro falavam connosco, explicavam-nos o porque estarmos a ficar de castigo e nunca foram violentos connosco”;	- presença dos pais adotivos nos momentos mais difíceis; - disponibilidade dos pais adotivos ajudar e apoiar o filho adotivo; - compreensão das dificuldades do filho adotivo; - transmissão de disciplina e educação; - comunicação aberta e assertiva por parte dos pais adotivos; - ausência de comportamentos violentos;
P.7	- “eu acho que eu nunca me senti à vontade para sequer falar com eles sobre essas coisas, ou fazer-lhes questões”; - “eu tentava sempre ultrapassar as coisas sozinha ou descobrir as	- inibição na comunicação com os pais adotivos; - autonomia na resolução de problemas; - impaciência por parte dos pais adotivos;

	coisas sozinha, sem falar com eles”; - “os meus pais não tinham paciência, tipo eles compreendiam certas coisas tipo o facto de ter dificuldade em lhes chamar de pai e mãe, outras coisas não compreendiam e eu evitava falar com eles”; - “eles também me davam muitos castigos”; - “quando eu fazia algo de errado era logo um castigo”;	- compreensão das dificuldades na adaptação familiar do filho adotivo; - incompreensão de determinadas dificuldades do filho adotivo; - utilização frequente de castigos;
P.8	- “se eu não fazia a letra bonita ela (mãe adotiva) mandava-me apagar e fazer de novo”; - “ela (mãe adotiva) ensinava-me a falar muito bem”; - “ela (mãe adotiva) gostava que eu utilizasse expressões do género, ‘no entanto’, ‘contudo”; - “ela (mãe adotiva) gostava que eu falasse bem e fosse educada”; - “ela (mãe adotiva) queria que eu andasse em muitas atividades e que andasse numa escola privada porque a educação lá é melhor”; - “ela (mãe adotiva) também esperava que eu desse o meu melhor nessas coisas todas”; - “ela (mãe adotiva) era muito exigente, como as mães costumam ser, mas talvez um bocadinho de mais, o que também não era muito bom talvez”;	- exigência na educação do filho adotivo; - compreensão das dificuldades do filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos ajudar e apoiar o filho adotivo;

	- “ela (mãe adotiva) era exigente, mas também compreendia as minhas dificuldades”; - “sempre fui burra para matemática e ela (mãe adotiva) sempre compreendeu isso”; - “quando eu chegava a casa com um teste negativo a matemática ela (mãe adotiva) dizia ‘pronto, já se sabe que tens mais dificuldade nisso’”; - “ela (mãe adotiva) compreendia, desde que visse que eu me estava a esforçar e que estava a dar o meu melhor”; - “ela (mãe adotiva) estava sempre lá para me ouvir quando eu precisava de falar e mesmo sendo exigente, ajudava-me sempre a sempre a melhorar e a resolver os meus problemas”;	
P.9	“ele (pai adotivo) preocupava-se”; - “ele sempre fez questão que eu andasse no psicólogo”; - “quando aconteciam os problemas na escola ele (pai adotivo) ligava para lá”; - “eu sei que ele (pai adotivo) estava lá para mim, para me ajudar no que fosse preciso”; - “eu também não partilhava muito porque nós não passávamos muito tempo juntos”; - “eu sempre preferi desabafar com a minha prima”;	- preocupação dos pais com o bem-estar e adaptação do filho adotivo; - procura de apoio psicológico para o filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos ajudar e apoiar o filho adotivo; - inibição na comunicação com os pais adotivos; - preferência por apoio emocional de pares em detrimento dos pais adotivos;

	- “a minha prima é que esteve sempre presente para essas coisas”; - “era com ela (prima) que falava mais e com os meus amigos mais próximos”;	
Questão 15 - Como é que a tua família adotiva procurou superar as dificuldades adjacentes ao primeiro ano após a adoção?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “a minha mãe procurava sempre a ajuda da minha avó e das minhas tias também”;	- apoio da família alargada;
P.2	- “eles (pais adotivos) sempre resolveram bem os problemas com a ajuda um do outro”; - “também se apoiaram muito na minha família e nos amigos deles”;	- apoio mútuo entre os pais adotivos; - apoio da família alargada; - apoio dos amigos dos pais adotivos;
P.3	- “os meus pais tiveram muito apoio da restante família, apesar de eles não terem experiência com adoção, tinham experiência como pais”; - “os meus pais também tinham o apoio e a ajuda da equipa de adoção”; - “o apoio de uma psicóloga que já tinha trabalhado com equipas de adoção”;	- apoio da família alargada; - apoio da equipa de adoção; - procura de acompanhamento psicológico para os pais adotivos;
P.4	- “a minha mãe pedia ajuda aos meus tios”; - “ela contou-me que de vez em quando ia falar com eles (tios) e perguntava-lhes o que deveria fazer em certas situações”;	- apoio da família alargada;

P.5	- “os meus pais, mais a minha mãe, sempre se apoiaram um bocado nos meus avós”; - “os meus pais também sempre puderam contar com os meus tios, porque também têm a experiência de serem pais dos meus primos”; - “eu lembro-me perfeitamente de ver os meus pais a conversar com os meus tios e com os meus avós, até mesmo com os meus primos, para lhes dizerem como é que as coisas estavam a correr, para perguntar a opinião deles em relação a mim e também para eles perceberem se eu me estava a dar bem com a restante família”; - “durante aqueles três meses do processo e depois também, os meus pais também foram a um psicólogo com o objetivo de fazerem uma preparação psicológica mais aprofundada”;	- apoio da família alargada; - procura de acompanhamento psicológico para os pais adotivos;
P.6	- “eu acho que eles sempre se apoiaram muito na família, sobretudo nos meus avós”; - “eles também procuraram apoio psicológico para mim e para o meu irmão para que nós compreendêssemos melhor o que se estava a passar e assim”; - “acho que eles nunca foram ao psicólogo, porque não foi preciso, mas pelo menos nós fomos”;	- apoio da família alargada; - procura de acompanhamento psicológico para os filhos adotivos;

P.7	- “a minha mãe sei que procurou um psicólogo para ela também”; - “além de me colocarem no psicólogo, ela também começou a ir”; - “os meus pais também falavam muito com a minha avó e com os meus tios, que tinham um filho pequenino”;	- procura de acompanhamento psicológico para os pais adotivos; - procura de acompanhamento psicológico para os filhos adotivos; - apoio da família alargada;
P.8	- “os meus avós e o meu tio sempre a apoiaram bastante e ajudaram-na no que podiam”; - “o meu pai e a minha mãe também se apoiavam muito um ao outro e sinto que ultrapassavam os problemas juntos”;	- apoio da família alargada; - apoio mútuo entre os pais adotivos;
P.9	- “eu sei que o meu pai buscou muito apoio aos irmãos dele e à mãe, ou seja, os meus tios e avó”; - “o companheiro do meu pai, também foi muito importante, eles falavam muito sobre mim e o meu pai tinha muito em consideração a opinião dele”; - “também me lembro que haviam uns quatro amigos dele que iam muitas vezes lá a casa e eles combinavam muitas coisas aos fins de semana e assim e tenho a certeza que o meu pai falava com eles sobre mim e sobre ser pai e assim”; - “eu sei que o meu pai falava com uma amiga, tipo tinha consultas com ela porque ela era psicóloga”;	- apoio da família alargada; - apoio do companheiro amoroso; - apoio dos amigos dos pais adotivos; - procura de acompanhamento psicológico para os pais adotivos;

	- “eu sei que ele também falava muito com ela (psicóloga);	
Questão 16 - Como é que na tua família se fala sobre a tua história de adoção?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “nós nunca falámos muito sobre a adoção”; - “eles falavam sobre a adoção se eu tivesse alguma dúvida, mas não era algo que falássemos muito”; - “eu é que questionava muito a minha mãe sobre o porquê de ela me ter adotado”; - “eu perguntava-lhe muitas vezes isso”;	- escassez de diálogo sobre a adoção; - esclarecimento de dúvidas em relação à adoção; - necessidade de compreensão dos motivos subjacentes à adoção;
P.2	- “sempre tentaram esclarecer as minhas dúvidas em relação a isso (adoção)”; - “eles sempre me explicaram o que era a adoção”; - “sempre me explicaram que eu era um menino adotado”; - “nunca me esconderam isso (adoção) ou fizeram disso <i>tabu</i>”; - “desde que eu vim para cá sempre me disseram isso e sempre me explicaram como deveria responder quando as pessoas dissessem que eu era uma pessoa adotada”;	- esclarecimento de dúvidas em relação à adoção; - comunicação aberta em relação à adoção;
P.3	- “desde sempre que falamos abertamente sobre isso”; - “se eu tivesse algum dúvida em relação à minha história e eles me soubessem responder, ou em	- comunicação aberta em relação à adoção; - esclarecimento de dúvidas em relação à adoção;

	relação à adoção eu podia perguntar sem problema”; - “eu sei que podia perguntar aos dois, mas costumava fazê-lo mais com a minha mãe”;	
P.4	- “não é <i>tabu</i>, não propriamente, porque nós sempre falamos sobre isso”; - “não é uma conversa <i>tabu</i>”; - “com a minha mãe ou com os meus avós e tios, se o assunto surgir nós falamos”; - “não é algo que falemos muito, acho que não é relevante, sinceramente”; - “durante o processo falávamos mais sobre o assunto, agora que já está tudo completo não falamos muito”; - “eu sei que se lhes perguntar algo eles vão responder”; - “eu acho que não há problema para a minha mãe, ela responde sem problema”;	- comunicação aberta em relação à adoção; - escassez de diálogo sobre a adoção; - falta de necessidade de discutir a temática da adoção; - esclarecimento de dúvidas em relação à adoção;
P.5	- “não há <i>tabus</i> nenhuns em relação ao assunto”; - “não é propriamente um segredo de estado que ninguém pode mencionar”; - “nunca houve propriamente uma regra que não se pudesse falar sobre o assunto”; - “a adoção é um facto conhecido tanto pela família, pelos amigos da	- comunicação aberta em relação à adoção; - esclarecimento de dúvidas em relação à adoção; - apoio da família adotiva relativamente ao possível contato com a família biológica; - reconhecimento da adoção pelos membros da família e do círculo social;

	família, tanto por amigos meus também e arredores”; - “os meus pais sempre foram muito abertos, no sentido de 'se tiveres alguma dúvida podes sempre vir falar connosco”; - “quando me tornei maior de idade, a minha mãe veio logo falar comigo e disse-me que se eu quisesse entrar em contacto com a minha família biológica que não haveria problema nenhum e que ela me ajudava caso eu tivesse curiosidade”; - “também os meus tios e avós comentaram o assunto e disseram-me que era normal (querer conhecer a família biológica), que não haveria problema nenhum e que se eu quisesse falar sobre isso com eles também o poderia fazer”;	
P.6	- “nós falamos todos abertamente uns com os outros”; - “por exemplo, está a dar uma entrevista na televisão sobre adoção, nós falamos normalmente, como se tivéssemos a falar sobre outro assunto qualquer”; - “não tocamos muito no assunto, porque não temos necessidade disso”; - “os meus pais sempre nos perguntaram se nós temos	- comunicação aberta em relação à adoção; - falta de necessidade de discutir a temática da adoção; - apoio da família adotiva relativamente ao possível contato com a família biológica;

	curiosidade em conhecer a nossa família biológica ou entrar em contacto com eles”; - “eles próprios é que nos perguntam isso, porque nós temos esse direito, e eles nunca iriam ficar chateados se o quiséssemos fazer”;	
P.7	- “nós não falávamos sobre isso”; - “houve uma vez que perguntei qualquer coisa e eles não reagiram muito bem, ficaram do tipo, ‘mas para quê que queres saber isso?’”; - “eu gostava que eles falassem sobre isso sem problemas”; - “dá-me a sensação que eles sabem coisas que não querem que nós saibamos”; - “é chato, porque é uma coisa que é quase <i>tabu</i>”; - “não se pode falar”;	- comunicação fechada sobre a adoção; - falta de esclarecimento de dúvidas em relação à adoção; - desejo de comunicar abertamente sobre a adoção; - percepção de ocultação de informações sobre a adoção;
P.8	- “nós sempre falámos abertamente sobre isso (adoção)”; - “ela nunca disse que não se poderia falar sobre isso” - “eu preferia falar com ela sobre a adoção ou perguntar algo sobre isso, do que falar com ela sobre namorados”; - “houve uma vez em que eu tive que apresentar uma história sobre amor para Religião e Moral e eu disse há minha mãe que ia apresentar a nossa história,	- comunicação aberta em relação à adoção; - valorização da abertura e transparência relativamente à adoção; - percepção de semelhanças em relação à família adotiva;

	porque para mim é uma história de amor”; - “ela sempre me deixou muito à vontade para partilhar a minha história e explicar às pessoas que eu era adotada”; - “quando o assunto surgia e nós contávamos a alguém que eu era adotada, nós adorávamos quando as pessoas diziam ‘meu Deus, ninguém diria, vocês são tão parecidas’... nós ficávamos derretidas”; - “para mim, ser tratada com esta naturalidade em relação à adoção sempre foi muito importante”;	
P.9	- “sinceramente, as coisas são um bocado <i>tabu</i>”; - “cada vez que eu perguntava alguma coisa sobre a adoção ou sobre mim ao meu pai, a reação dele era sempre ‘então, mas porquê que queres saber? não estás aqui? é isso que importa’”; - “eu queria que ele fosse mais aberto comigo... eu acho que se ele tivesse sido mais aberto comigo em relação às minhas dúvidas sobre a adoção, eu não teria tido aquele desejo de ir à procura da minha família biológica aos 18 anos”; - “para mim isso sempre foi uma meta (conhecer a família	- comunicação fechada sobre a adoção; - falta de esclarecimento de dúvidas em relação à adoção; - desejo de comunicar abertamente sobre a adoção; - desejo de entrar em contacto com a família biológica;

	biológica), para poder esclarecer todas as minhas dúvidas”;	
--	---	--

Tabela 27. Tema D: Verbalizações e unidades de significado

Tema D: Sentimento de pertença na família adotiva;		
Questão 17 - Alguma vez sentiste que eras diferente e/ou que não pertencias à tua família adotiva? Como? Porquê?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “sim, eu nunca gostei”; - “nunca me senti integrada e até hoje a minha mãe sabe disso”; - “não me dava bem com os meus irmãos, não nos adaptávamos uns aos outros”; - “com a minha mãe era só gritos” - “o meu pai só existia e fingia que não via os problemas”; - “não me fazia sentido ter sido adotada”;	- sentimento de pertença negativo; - dificuldades na adaptação aos irmãos adotivos; - comunicação agressiva por parte dos pais adotivos; - ausência de intervenção do pai adotivo nos conflitos familiares; - dificuldade em compreender e aceitar a própria adoção;
P.2	- “não propriamente em relação à minha família, porque sempre senti que pertencia, mas em relação ao meio onde vivia”; - “em relação aos meus pais não tenho nada a dizer, eles tentaram-se adaptar a mim e mesmo em relação ao <i>bullying</i> eles tentaram ajudar-me em relação a isso”;	- sentimento de pertença positivo; - perceção de esforço parental na adaptação ao filho adotivo; - disponibilidade dos pais adotivos ajudar e apoiar o filho;
P.3	- “não, nunca”; - “que eu me lembre não”; - “eles (família adotiva) sempre me fizeram sentir em casa”;	- sentimento de pertença positivo; - perceção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo;

P.4	- “já senti sim, foi durante a crise da adolescência, logo ao início da crise da adolescência”; - “eu pensei ‘eles são todos diferentes de mim, eu não nasci cá, não sou como eles, eles podem mandar-me embora’, mas esse pensamento foi ultrapassado”; - “que eu me lembre, a minha família nunca me fez sentir que não era bem-vinda ou que não me queriam”; - “sempre fizeram questão de me fazer sentir acolhida”;	- sentimento temporário de não pertencimento à família adotiva; - percepção de diferença em relação à família adotiva; - medo de rejeição da família adotiva; - percepção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo;
P.5	- “eu acho que não”; - “por isso não, acho que nunca senti isso”; - “eles sempre fizeram questão de me integrar, de partilhar comigo as coisas e de me levar a conhecer coisas novas sempre que possível”; - “os meus pais sempre me perguntaram o que eu achava de ter uma irmã ou um irmão, ou seja, eles quiseram saber a minha opinião antes de avançarem”; - “até tenho uma relação aceitável com a minha irmã, nunca tivemos grandes <i>stresses</i>.” - “quando é preciso alguma coisa, que remédio tenho, a não ser ajudar a miúda (irmã);	- sentimento de pertença positivo; - percepção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo; - comunicação aberta e assertiva por parte dos pais adotivos; - realização de viagens e passeios em família; - valorização da opinião do filho adotivo; - relação saudável com a irmã;

P.6	- “não, até porque as pessoas costumam dizer que eu sou muito parecida ao meu pai e que tenho muito o feitio do meu pai”; - “até porque ela também me achou parecida ao meu irmão mais novo, o que foi engraçado”; - “por isso não, nunca senti que era diferente deles e é engraçado que mesmo não sendo filha de sangue sou parecida a eles”; - “eles também (pais), em momento algum me fizeram sentir que não pertencia à família, pelo contrário”;	- sentimento de pertença positivo; - percepção de semelhanças em relação à família adotiva; - inexistência de laços sanguíneos; - percepção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo;
P.7	- “eu acho que no início não sentia que pertencia e por isso é que estava mais afastada e não conversava”; - “com o tempo eu comecei a sentir que pertencia, mas foi por pouco tempo”; - “eu nunca tive aquela relação de pai-filha, mãe-filha com os meus pais”; - “aí voltei a sentir que não pertencia àquela família, até hoje”;	- sentimento de pertença negativo; - dificuldade na vinculação com os pais adotivos; - sentimento temporário de pertencimento à família adotiva;
P.8	- “eu sempre senti que pertencia porque a minha mãe deixava isso muito claro”; - “não sentia que pertencia à família da parte do meu pai adotivo”; - “houve uma situação com a família do meu pai adotivo em que	- sentimento de pertença positivo; - sentimento de pertença positivo em relação à família alargada materna; - sentimento de pertença negativo em relação à família alargada paterna;

	a minha mãe começou a discutir com a sogra dela, a minha avó paterna e disse-lhe que se a minha avó não me aceitasse como neta, que ela não voltava a entrar lá e nunca mais entrou”; - “eles diziam coisas como 'tu não és filha, tu não és neta, não és ninguém', coisas do género”; - “a minha mãe sempre me defendeu e apoiou, tanto que deixou de lá aparecer”; - “em relação ao meu pai, eu sinto que ele também não amava verdadeiramente”; - “além de toda a violência que ele (pai) teve para comigo, algo que nunca fez ao filho dele, o meu irmão, quando eu comecei a crescer ele deixou de me dar aquele carinho que dava ao início”; - “a minha educação era a cargo da minha mãe, ele (pai) não se importava com nada, não queria saber”; - “houve uma vez que ele admitiu, não a mim, mas a outras pessoas, que não me conseguia amar da mesma forma que ama o meu irmão”;	- defesa da filha adotiva diante da rejeição por parte da família alargada; - rejeição da filha adotiva por parte da família alargada; - disponibilidade da mãe adotiva para ajudar e apoiar a filha adotiva; - rejeição da filha adotiva por parte do pai adotivo; - comportamentos agressivos por parte do pai adotivo;
P.9	- “não, nunca”; - “às vezes sentia-me um bocado sozinho, porque o meu pai dava-me pouca atenção”;	- sentimento de pertença positivo; - sentimento de solidão;

	- “sempre senti que fazia parte”;	- pouco tempo e atenção dedicados ao filho por parte do pai adotivo;
Questão 18 - Como te sentes enquanto membro da tua família adotiva?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “hoje eu já me sinto melhor e dou-me melhor com a minha mãe, porque tenho a minha vida, mas antes sentia que não podia contar com ninguém”; - “hoje já sinto que posso contar comigo mesma e a minha mãe já não me carrega às costas”; - “agora sou independente”; - “se eu ainda estivesse a viver com ela (mãe adotiva) ou a viver na instituição a nossa relação ia continuar má, mas como estou onde estou as coisas estão melhores entre nós”; - “ela (mãe adotiva) tem orgulho em mim e diz-me isso algumas vezes”; - “ela (mãe adotiva) não sabe metade das coisas que eu passei”;	- melhoria na relação com a mãe adotiva; - conquista de autonomia e independência; - orgulho da filha demonstrado pela mãe adotiva; - experiências de vida desconhecidas pela mãe adotiva;
P.2	- “sinto-me bem, realizado, feliz”; - “sinto-me completamente integrado na minha família”; - “neste momento também trabalho e sou mais independente, por isso sinto-me bem”; - “tive uma oportunidade na vida que não correu bem, deram-me uma segunda oportunidade, estou	- sentimento de bem-estar e realização pessoal; - sentimento de pertença positivo; - conquista de autonomia e independência; - recomeços e oportunidades para os filhos adotivos;

	a aproveitá-la ao máximo e estou a viver um dia de cada vez”;	
P.3	- “eu sinto que desde que me adotaram que faço parte da família”; - “há uma frase que a minha mãe costuma dizer ‘desde que eu nasci’, ela diz que eu faço parte da família desde que nasci”; - “isso mostra como eles sempre me viram como filha e me fizeram sentir integrada”;	- sentimento de pertença positivo; - perceção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo;
P.4	- “eu sinto que parece que eu nasci cá, com eles”; - “eu sinto que a outra P.4, a P.4. que cresceu noutro país, que viveu em várias casas, já não existe”; - “eu não tenho irmãos adotivos, mas por exemplo, em relação aos meus primos eu acho que não há diferença”; - “toda a minha família faz questão de dizer ‘vocês são todos iguais’”; - “sempre me incluíram em tudo e me fizeram sentir uma deles”;	- sentimento de pertença positivo; - igualdade aos filhos biológicos; - sentimento de pertença positivo em relação à família alargada;
P.5	- “eu acho que é como se nunca não tivesse estado cá”; - “agora é como se nunca não fosse parte da família”; - “é como se eu não soubesse a diferença entre quando estive cá e quando não estive”; - “o facto da minha família confiar em mim, no sentido de ‘é preciso	- sentimento de pertença positivo; - sentimento de confiança demonstrado pela família adotiva;

	alguma coisa, sei que posso ligar ao P.5, contar com o P.5 para me desenrascar ou ajudar”; - “eu acho que isso mostra de facto o quão integrado em já estou na família”; - “acho que nunca houve assim esse problema de ‘ele é adotado, se calhar não lhe vou pedir isto, porque é uma coisa mais interna”; - “acho que nunca houve esse problema”;	
P.6	- “eu sinto-me mesmo muito importante e pertencente”; - “sinto que tenho um papel importante na família”; - “por exemplo, o meu irmão mais novo, quando faz porcarias, é a mim que me liga e não há minha mãe”; - “ele (irmão) pede-me ajuda para resolver os problemas dele, por isso, eu sinto que sou uma base para ele e espero continuar a ser sempre”; - “a minha mãe também diz que eu ajudo muito os meus irmão na escola, nos estudos”; - “acho que faço bem o papel de irmã e filha”;	- sentimento de pertença positivo; - sentimento de confiança demonstrado pela família adotiva; - cumprimento do próprio papel familiar;
P.7	- “então eu sinto que praticamente já não sou filha deles, porque nós quase não falámos”; - “eu na altura fiquei triste, mas agora já aceitei que é assim que	- sentimento de pertença negativo; - aceitação da ruptura nos laços familiares;

	eles querem e eu também sou teimosa, por isso se eles não me ligam, não vou ser eu a ligar”; - “para o meu pai dizer ‘esquece que sou teu pai’, também não deve gostar assim tanto de mim”;	- rejeição da filha adotiva por parte do pai adotivo;
P.8	- “sinto-me muito pertencente”; - “infelizmente, a minha mãe faleceu de cancro antes da pandemia e desde então as coisas com o meu pai só pioraram, mas continuo a me sentir parte da família”; - “os meus avós e os meus tios maternos preocupam-se muito comigo e eu sinto que essa preocupação demonstra amor”; - “sempre que eles (avós e tios maternos) falam da minha mãe, eles dizem ‘a tua mãe’ e isso é muito importante para mim”; - “eu mantenho as tradições familiares de sempre, vou sempre a casa dos meus avós ao fim de semana e se eu não vou por algum motivo eles ligam-me e perguntam-me se está tudo bem”; - “eles querem estar sempre presentes na minha vida”; - “apesar de tudo o que aconteceu, eles (tios e avós maternos) continuam a fazer-me sentir incluída”;	- sentimento de pertença positivo; - sentimento de pertença positivo em relação à família alargada; - preservação das tradições familiares; - apoio da família alargada;
P.9	- “sinto-me bem e integrado”;	- sentimento de pertença positivo;

	- “apesar de ter vivido um ano em casa da minha mãe biológica, porque vivi com ela quando fiz 18 anos, antes de ir para a tropa, eu nunca me deixei de sentir parte da minha família adotiva” - “pelo contrário, sinto que como eu e a minha mãe nunca construímos uma relação mãe-filho e as coisas não correram bem, eu também comecei a dar mais valor e a ser mais grato pela minha família adotiva... quem tomou conta de mim”;	- sentimento de gratidão para com os pais adotivos;
Questão 19 - Consegues recordar um dos momentos em que sentiste que fazias verdadeiramente parte da tua família adotiva? Ou Consegues descrever uma situação onde tenhas sentido que não fazias verdadeiramente parte da tua família adotiva?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “eu lembro-me de ir ao Algarve com eles e de me sentir bem e feliz”; - “são mais os momentos maus que eu me lembro, do que propriamente os momentos bons”; - “eu acho que se em casa, a minha mãe me dissesse ‘hoje estás bonita’, ‘gosto de te ver com esse roupa’, ou outras coisas que aumentassem a minha autoestima, eu não teria necessidade de procurar essa atenção”; - “eu nunca tive esse apoio e reconhecimento”;	- sentimento de felicidade associado aos passeios com os pais adotivos; - predominância das memórias negativas sobre as positivas; - ausência de afeto e validação por parte dos pais adotivos; - sentimento de solidão e carência de atenção; - comunicação agressiva por parte dos pais adotivos; - utilização frequente de castigos; - comportamentos agressivos por parte dos pais adotivos;

	- “eu vivia numa casa onde só existia gritos, discussões e desprezo”; - “quando cheguei a casa fiquei de castigo e fui para a casa do meu irmão, porque como não nos dávamos bem, o castigo era ir para casa dele fazer ditados e copiar livros”; - “eu vi que a minha mãe já tinha uma cadeira preparada para mim, eu sentei-me, ela perguntou-me porquê que eu andava a faltar às aulas e começou a bater-me”; - “deu-me imensas chapadas na cara, eu comecei a gritar, depois o meu pai agarrou-me e eu dei-lhe uma chapada”; - “ela só gritava ‘porquê que faltaste à escola?’, sem se importar com o facto de ter sido violada”; - “eu decidi não lhe contar nada da segunda violação, ela só soube da primeira”; - “vão-te contar que a tua filha foi violada, e tu vais-lhe bater porque ela faltou à escola?”; - “a minha mãe sempre me culpou, ela sempre teve o pensamento de que quando uma mulher passa por uma violação, a culpa é sempre dela e nunca do homem”;	- falta de empatia e acolhimento parental diante de uma experiência traumática; - inibição na comunicação com os pais adotivos;
P.2	- “é difícil de responder porque eu sempre me senti integrado”;	- sentimento de pertença positivo;

	- “foram tantos os momentos felizes e sentidos, mas não me consigo recordar de nada específico”; - “desde que vim viver com os meus pais, senti que era ali o meu lugar”; - “eu nunca senti que não pertencia ali”;	- abundância de memórias positivas;
P.3	- “esse foi um processo um pouco complicado para mim e um dos motivos para os meus pais terem procurado o apoio psicológico”; - “como vivi vários anos com uma família de acolhimento e pouco tempo em instituição, acabei por ter maiores dificuldades em sentir-me parte da família”; - “havia o desejo, a segurança e confiança, mas a vinculação definitiva demorou um pouco”;	- procura de apoio psicológico para o filho adotivo; - dificuldades na adaptação ao novo ambiente e às pessoas; - sentimento de bem-estar e satisfação das necessidades;
P.4	- “foi quando eu me batizei”; - “foi uma coisa tão feliz, eu senti-me tão feliz”; - “tinha a família toda reunida por mim”; - “era mesmo aquilo que eu queria... nem tenho palavras”; - “também me ofereceram um vestido lindo e toda a minha família me fez sentir linda”;	- evento comemorativo dedicado ao filho adotivo; - sentimento de felicidade e bem-estar; - reunião familiar; - validação e reconhecimento afetivo por parte da família adotiva;
P.5	- “acho que não há nada que sobressaia assim tanto, porque tenho muitas memórias boas”;	- abundância de memórias positivas;

	- “acho que só o facto de ter pessoas em que posso mesmo confiar e o facto de a minha família sempre me tentar integrar nas coisas, só por si, já diz muito acho eu”; - “de certeza houveram várias situações, que me foram passando um bocado ao lado, mas que me fizeram sentir isso”;	- sentimento de confiança e segurança em relação nos pais adotivos; - perceção de esforço parental na integração familiar do filho adotivo;
P.6	- “eu nunca tinha tido uma festa de aniversário e os meus pais fizeram-me uma festa de anos com toda a gente, com os meus amigos novos, com toda a minha família e isso foi inesquecível”; - “eu nunca tinha tido uma festa de anos e foi muito especial para mim”; - “quando estou em Portalegre e vou para casa aos fins de semana, eu sinto um alívio”; - “é mesmo um alívio chegar e sentir que estou em casa com a minha família”; - “até hoje nunca senti que não fazia parte da família”;	- evento comemorativo dedicado ao filho adotivo; - sentimento de felicidade e bem-estar; - reunião familiar; - reunião dos amigos; - sentimento de pertença positivo;

P.7	- “sim, os meus pais costumavam levar-nos à praia fluvial de Côja por uma semana no Verão e eu lembro-me de adorar estar lá com eles e com a minha irmã”; - “aquilo era muito divertido, tinha pranchas para nós saltarmos e era muito bom sairmos do ambiente que estávamos sempre e ir para um lugar diferente”; - “eu lembro-me que houve uma vez que levámos aquelas meninas da instituição connosco”; - “foi muito bom”; - “houve uma vez em que fomos tirar uma foto e eu fiz uma careta e eles começaram a reclamar comigo, mas tipo de uma forma exagerada”; - ““tu não estás com os teus amigos, não é para fazeres essas caras””; - “também me lembro de outra coisa, os meus pais prendiam-nos muito”; - “quando eu vivia lá, nem eu, nem a minha irmã podíamos sair com os amigos, ou ir dar uma volta”; - “os meus pais ou não nos deixavam ir ou tinham que vir atrás”;	- realização de viagens e passeios em família; - sentimento de felicidade associado aos passeios com os pais adotivos; - preservação dos laços sociais prévios à adoção; - apoio dos pais adotivos na preservação dos laços sociais prévios à adoção; - comunicação agressiva por parte dos pais adotivos; - restrição da liberdade social imposta pelos pais adotivos;
P.8	- “tem aquela situação do beijinho que a minha mãe me deu, aquela situação que te falei”;	- demonstrações de afeto por parte dos pais adotivos; - apoio dos pais adotivos na superação de medos;

	- “quando eu era pequenina tinha medo do vento e da chuva à noite e eles deixavam-me ir para o quarto deles, o que me fazia sentir mesmo bem”; - “é engraçado que eu me lembro de uma noite de Natal, em que eu fui para o quarto dos meus pais e na altura a minha mãe tinha uma televisão minúscula, daquelas de caixa antiga e nós ficámos lá os três juntinhos a ver o filme do <i>Ratatouille</i> e essa foi uma das melhores noites da minha vida”; - “eu estava tão feliz, estava tudo bem, a família ainda não tinha problemas, o meu pai ainda não bebia nessa altura, e estávamos lá os três como uma família unida e feliz”; - “eu lembro-me que amei esse filme, até hoje vejo esse filme imensas vezes e sinto-me sempre bem”;	- sentimento de felicidade e bem-estar; - momentos de lazer em família;
P.9	- “sim houveram muitos momentos”; - “como eu sempre gostei de cozinha e pastelaria, no secundário decidi ir para o Funchal, para casa dos meus avós e acabei por tirar o curso de cozinha na Escola de Hotelaria e Turismo... para mim foi mesmo muito importante o facto deles me terem apoiado”;	- abundância de memórias positivas; - apoio familiar relativamente à escolha vocacional;

	- “só me demonstraram que se importavam com a minha opinião e com o meu futuro”;	
Questão 20 - Sentes que a tua família adotiva te apoia? De que forma?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “o meu pai sempre me apoiou a nível financeiro, até hoje”; - “a nível emocional, a minha mãe hoje em dia apoia-me”; - “em relação aos meus irmãos, eu não falo muito com eles, é raro”; - “o que já passou já passou e não vale a pena ficar presa ao passado”; - “só espero que um dia mais tarde quando tiver filhos não ser como os meus pais foram comigo”;	- apoio financeiro; - apoio emocional na atualidade; - raridade de contato com os irmãos; - superação das experiências traumáticas do passado; - intenção de criar os próprios filhos de forma diferente dos pais adotivos;
P.2	- “sim, se eu tenho algum problema posso sempre falar com eles”; - “eles dão-me opiniões, dicas para resolver as minhas situações e os meus problemas do dia a dia”; - “por isso sim, eles sempre me apoiaram e continuam a fazê-lo”; - “os meus pais sempre foram compreensivos”; - “acho que tentaram perceber o meu lado e as minhas questões”; - “a nível profissional também me apoiam, dão-me a opinião deles, mas sabem respeitar as minhas decisões”;	- abertura para desabafar com os pais adotivos; - aconselhamento por parte dos pais adotivos; - apoio emocional contínuo por parte dos pais adotivos; - compreensão das dificuldades dos filhos adotivos; - apoio familiar relativamente à escolha vocacional; - desejo que os filhos adotivos tenham/alcançem o melhor; - capacidade parental para interagir com crianças/adolescentes; - capacidade parental para estabelecer limites;

	- “eles só quiseram sempre o melhor para mim”; - “os meus pais não são muito jovens, mas sabem lidar com crianças e jovens”; - “o meu pai foi professor de educação física e está à frente de um clube desportivo, por isso está habituado a adolescentes e assim”; - “a minha mãe trabalha numa escola e já trabalhou numa creche”; - “os pais contam muito nesse processo e eu tive sorte porque os meus sabiam lidar com crianças e por isso sabiam lidar comigo”; - “acho que os meus pais souberam dar-me educação, porque sabiam enfrentar-me, também sabiam ouvir o meu lado e sabiam repreender quando tinham que o fazer, sem nunca me baterem”; - “davam castigos, mas bater nunca”; - “não é por sermos filhos adotivos que temos de ser tratados de forma diferente”; - “é igual, a única diferença é que não somos de sangue”;	- disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo; - inexistência de comportamentos agressivos por parte dos pais adotivos; - igualdade aos filhos biológicos; - inexistência de laços sanguíneos;
P.3	- “sim, eles apoiam em tudo”; - “eu estou no 12º ano e quando acabar quero começar a trabalhar	- apoio emocional contínuo por parte dos pais adotivos; - apoio familiar relativamente à escolha vocacional;

	e eles apoiam essa decisão, por exemplo”; - “porque é aquilo que eu quero e eles querem ver-me feliz”; - “eu sinto-me bem por eles me apoiarem assim”;	- desejo que os filhos adotivos sejam felizes; - sentimento de felicidade e bem-estar;
P.4	- “sim, mas não sei bem como explicar”; - “não há muita diferença”; - “se eu quero aquilo, a minha família ouve e aceita”; - “por exemplo, quando eu vim para o curso que eu queria no Secundário, a minha mãe perguntou-me várias vezes ‘é mesmo isto que tu queres?’”; - “a minha mãe perguntou-me várias vezes, mesmo depois das aulas começarem, se eu ainda queria mudar de curso, mas eu disse que aquilo era mesmo o que eu queria e ela disse ‘então tens todo o meu apoio, espero que corra bem’”; - “ela está sempre lá para me apoiar”;	- apoio emocional contínuo por parte dos pais adotivos; - igualdade aos filhos biológicos; - disponibilidade dos pais adotivos para escutar o filho adotivo; - apoio familiar relativamente à escolha vocacional;
P.5	- “sim eles apoiam”; - “por exemplo, quando vim para o curso, o meu pai queria que eu fosse diretamente para uma licenciatura e não para um TeSP, porque segundo ele eu podia aproveitar estes dois anos para ganhar experiência de trabalho e	- apoio emocional contínuo por parte dos pais adotivos; - aconselhamento por parte dos pais adotivos; - apoio familiar relativamente à escolha vocacional;

	depois então tirar uma Licenciatura”; - “ele diz que este tempo podia ser aproveitado para ter vários trabalhos, por exemplo, e perceber o que é que gosto mais”; - “mas sim, a minha família sempre me apoiou e incentivou a seguir aquilo que eu queria”; - “eles no fundo, dizem aquilo que acham, mas aceitam o que eu escolho para a minha vida”;	
P.6	- “sim, eles apoiam-me muito nas minhas escolhas, nas minhas decisões, sempre foi assim”; - “por exemplo, no secundário, eu disse à minha mãe que queria seguir turismo, porque eu andava assim muito perdida, não sabia bem aquilo que eu queria ainda e a minha mãe foi uma das pessoas que me disse ‘P.6 vai para saúde, saúde tem mais saída, acho que vais gostar mais’, e é verdade eu vim para saúde, estou a seguir o ramo de higiene oral e pronto”; - “eles apoiam muito, dão a opinião deles, mas apoiam se eu manter a minha decisão”; - “eu quis tirar um curso de árbitro e eles disseram, ‘se é isso que tu gostas, então vai em frente e tamos cá para ti.’”; - “eu fui e passei e eles sempre me apoiaram”;	- apoio emocional contínuo por parte dos pais adotivos; - aconselhamento por parte dos pais adotivos; - apoio familiar relativamente à escolha vocacional;

P.7	- “eu hoje em dia quase que não falo com eles, só falo com a minha irmã”; - “a minha mãe de vez em quando manda-me mensagem para saber se está tudo bem, mas não passa disso”; - “o meu pai não fala comigo desde que decidi sair da instituição”; - “eu disse que queria ir embora da instituição e ir viver com o meu namorado e o meu pai disse que se eu fizesse isso para esquecer que tinha um pai”; - “então desde que eu saí, ele nunca me disse mais nada”; - “a minha mãe embora não concorde, ainda me manda mensagens, agora ele não”; - “por isso não, tipo eles não me apoiam nas minhas decisões... nunca apoiaram”; - “eu acho que as coisas teriam corrido melhor se eles me dessem mais apoio e não fossem tão exagerados com as regras enquanto eu vivia com eles... eu gostava que tivesse sido assim”;	- distanciamento e quebra na comunicação com os pais adotivos; - contactos esporádicos com a mãe adotiva; - inexistência de contacto com o pai adotivo; - rompimento dos laços parentais; - ausência de apoio emocional por parte dos pais adotivos; - desejo de ter recebido mais apoio por parte dos pais adotivos; - desejo de menos rigidez nas regras familiares;
P.8	- “eu sinto que eles se sentem obrigados a apoiar-me, porque já sabem que se eu quero uma coisa eu vou lutar por ela, independentemente da opinião deles”;	- apoio familiar percebido como obrigação; - apoio da família alargada; - apoio emocional contínuo por parte dos pais adotivos; - aconselhamento por parte dos pais adotivos;

	- “sim, de uma forma geral eles (família alargada) apoiam”; - “o meu tio por exemplo, apoia sempre e diz ‘se tu queres, bola para a frente’”; - “a minha avó já diz ‘tu sabes que eu quero o melhor para ti e se achas que isso é bom para ti, então vai em frente’”; - “eu sinto que eles agora me apoiam”; - “eu vivi 8 meses na Bélgica e sinto que desde que vim de lá, a minha família deixou de me ver como uma criança e mais como uma adulta, por isso agora eles apoiam mais nas coisas que eu quero fazer, porque sabem que eu sou capaz de me desenrascar”; - “a minha mãe quando era viva apoiava-me em tudo”; - “ela por vezes dizia ‘é melhor fazeres isto ou aquilo’, porque ela sempre quis o melhor para mim, ela sempre quis o melhor para ela e para os dela, mas apesar disso ela apoiava as minhas decisões”; - “ela dava-me aqueles conselhos de mãe”;	
P.9	- “sim eles apoiam”; - “só houve uma situação que o meu pai não apoiou que foi quando aos 18 anos decidi procurar a minha família biológica”;	- apoio emocional contínuo por parte dos pais adotivos; - desejo de entrar em contacto com a família biológica;

	- “o meu pai não achou muita piada e não compreendeu o porquê da minha decisão”; - “então nós chegámos a discutir sobre o assunto e ele ficou chateado comigo uns tempos”; - “de resto, quando decidi estudar na Madeira, mais tarde imigrar e assim, ele sempre apoiou”;	- inexistência de apoio da família adotiva relativamente ao possível contato com a família biológica; - apoio familiar relativamente à escolha vocacional;
Questão 21 - Após a adoção, houve algum momento onde sentisses vontade de voltar para a instituição? Porquê? Quais foram os motivos? Ou Após a adoção, houve algum momento onde sentisses vontade de procurar/conhecer/viver com os teus pais/família biológica? Porquê? Quais foram os motivos?		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
P.1	- “há medida que fui crescendo dizia-lhe várias vezes ‘não sei porque me adotaste, preferia ter ficado na instituição’”; - “na altura só queria ir com a minha família biológica”; - “sim, eu tive vontade de sair, de não viver com os meus pais”; - “era só gritos e violência lá em casa”; - “preferia ter estado sempre na instituição ou ir viver com a minha família biológica”; - “houve uma altura em que até fui morar com a minha avó biológica e a minha irmã biológica, porque nós vivíamos perto delas e a minha mãe pediu-lhes para ficarem comigo uns tempos”;	- dificuldade em compreender e aceitar a própria adoção; - desejo de ter permanecido na instituição; - desejo de viver com a família biológica; - desejo de não viver com a família adotiva; - comunicação agressiva por parte dos pais adotivos; - comportamentos agressivos por parte dos pais adotivos; - reintegração na família de origem; - abandono por parte da família adotiva; - recolocação na instituição; - melhoria na relação com a mãe adotiva;

	- “a minha irmã contou-me que na altura, falou com a minha mãe adotiva, para eu voltar para casa dela, mas a minha mãe não apareceu, por isso, ela teve que pedir ajuda à assistente social”; - “assim, fui colocada na instituição com 16 anos e aos 18 anos fui expulsa porque bati numa miúda”; - “desde que eu fui para a instituição aos 16, nunca mais vivi com a minha mãe”; - “falamos quase todos os dias e as coisas estão melhores entre nós, mas só porque não moramos juntas”; - “eu nunca irei adotar, tenho isso muito claro em mim... eu sei que é complicado e não vale a pena”;	- desinteresse em adotar uma criança futuramente;
P.2	- “não, nunca tive vontade de voltar para lá (instituição)”; - “eu era feliz onde estava”; - “não, nunca tive vontade (de procurar a família biológica)”; - “gostava era de ler o livro da adoção que deve estar na segurança social ou na instituição, com a minha história de vida”; - “agora conhecer os meus pais biológicos, nunca na vida”; - “porquê que eu vou querer conhecer as pessoas que me trataram mal?”;	- desinteresse em retornar à instituição; - sentimento de felicidade e bem-estar; - desinteresse em procurar/conhecer a família biológica; - desejo de saber mais sobre a sua história de vida; - interesse em adotar uma criança;

	- “acho que não há necessidade disso”; - “eu não tenho necessidade disso”; - “o que mais desejo é apagar essas pessoas”; - “tenho vivido muito bem como tenho vivido e não preciso de ter essas pessoas ao pé de mim ou de saber o nome delas”; - “acho que isso é um aspeto que eu nem quero saber”; - “é como digo à minha namorada... nós já conversamos sobre ter um filho no futuro e a possibilidade de adotarmos”; - “já existem tantas crianças para serem adotadas, porquê trazer mais um filho ao mundo?”;	
P.3	- “não, nunca (teve vontade de voltar à instituição); - “mas era apenas conhecer, não era viver com eles”; - “era só para conhecer mais sobre a minha história e assim”; - “eu disse isso com os meus pais e eles reagiram bem, normal”; - “não me fizeram sentir mal por querer saber mais sobre mim”;	- desinteresse em retornar à instituição; - desinteresse em viver com a família biológica; - desejo de saber mais sobre a sua história de vida; - apoio da família adotiva relativamente ao possível contato com a família biológica;
P.4	- “sim já houve um momento, sim, mas foi só vontade mesmo, depois a vontade foi embora”; - “foi naquela altura do início da adolescência que te falei (risos), mas a minha mãe como viu que eu	- desejo esporádico de viver com a família biológica; - apoio da família adotiva relativamente ao possível contato com a família biológica;

	queria voltar, levou-me lá de férias e a vontade passou-me logo”; - “eu cheguei lá e pensei ‘não quero’”; - “eram só saudades”; - “saudades do sítio onde cresci, da minha cultura, dos meus irmãos que lá ficaram, mas era só isso mesmo”; - “quando eu voltei isso tudo passou e nunca mais tive vontade”; - “o meu lugar é aqui”;	- saudades da família biológica e do local onde cresceu; - sentimento de pertença positivo;
P.5	- “não, nunca tive essa vontade de viver lá outra vez”; - “eu estava bem onde estava”; - “só que lá na instituição onde eu estava, na escola mais especificamente, tinha lá um professor que eu gostava muito e mantenho o contacto com ele ainda hoje”; - “quando vou de férias, faço questão de passar pelo Alentejo e vou lá visitá-lo”; - “fora isso, nunca fiz grande questão de ir visitar e muito menos de viver”; - “os meus pais também nunca fizeram aquele jogo de ‘agora estás cá, já não vamos pensar sobre o assunto ou visitar essas pessoas’”; - “eles apoiavam e deixavam claro que podíamos ir lá visitar”;	- desinteresse em retornar à instituição; - sentimento de pertença positivo; - preservação dos laços sociais prévios à adoção; - apoio dos pais adotivos na preservação dos laços sociais prévios à adoção; - desinteresse em procurar/conhecer a família biológica;

	- “eu, pessoalmente não tenho esse interesse (conhecer a família biológica)”; - “no meu caso e tendo em conta a situação em que eu estava, em que eu vivi, não tenho, nem nunca tive esse interesse”;	
P.6	- “não, nunca (quis voltar para a instituição), eu não troco esta vida por nada”; - “eu acho que tive muita sorte”; - “tenho pena das pessoas que estão nas instituições e depois têm que sair, não têm uma família, não têm nada”; - “por isso tenho pena dessas pessoas”; - “tenho pena que ainda hajam tantas crianças em instituições e que não tenham a mesma sorte que eu tive”; - “eu não tenho interesse nenhum nisso (conhecer a família biológica)”; - “nunca tive e eles apoiam-me na mesma”; - “eles (pais adotivos) apoiam-me quer eu queira ou não os procurar (família biológica)”; - “não, nunca tive vontade (conhecer a família biológica), nem tenho”; - “acho que não há necessidade de ir remexer nas coisas do passado”;	- desinteresse em retornar à instituição; - sentimento de gratidão; - compaixão pelas crianças institucionalizadas que não são adotadas; - desinteresse em procurar/conhecer a família biológica; - apoio da família adotiva relativamente ao possível contato com a família biológica; - sentimento de felicidade e bem-estar; - sentimento de pertença positivo; - receio de conhecer a sua história de vida;

	- “acho que se estão no passado é para ficarem lá”; - “agora eu estou feliz, estou bem”; - “eu não sei o que é que me levou aquela instituição e sinceramente não sei se estou preparada para saber”; - “isso pode-me fazer mal e eu não quero”; - “eu também sou de ideias fixas e há anos que digo que não quero saber e não quero mesmo”; - “eu estou bem resolvida, sou feliz como sou”; - “a minha vida é isto, a minha casa é esta, os meus pais são estes”; - “não me importo com nada do que está para trás”;	
P.7	- “eu aos 16 anos comecei a fugir de casa, porque aconteceu uma coisa com o padrasto da minha mãe e eu não queria estar em casa”; - “eu disse que preferia ir para uma instituição, porque eu tinha medo do que a minha família me fosse dizer”; - “eu acho que foi o melhor, eu sei que se voltasse para casa deles eu ia continuar a fugir, então eu preferi ir para a instituição novamente, para ter o meu tempo e ultrapassar isto”;	- fugas da casa da família adotiva; - desejo de ser recolocada na instituição; - recolocação na instituição; - desconfiança em relação aos filhos adotivos; - carência de apoio emocional; - desejo de entrar em contacto com a família biológica; - desejo de saber mais sobre a sua história de vida;

	- “aconteceu uma coisa grave com o padrasto da minha mãe e eu contei aos meus pais, ao início eles apoiaram-me, mas depois falaram com ele, ele desmentiu tudo e os meus pais deixaram de acreditar em mim”; - “foi isso que me fez começar a fugir e acabar por voltar à instituição”; - “sim, eu sempre quis voltar a falar com os meus irmãos”; - “gostava que eles me explicassem tudo o que aconteceu”; - “já me explicaram quando eu era mais nova, mas sinto que há coisas por dizer”; - “queria que eles me falassem também dos meus pais biológicos, saber se eles estão vivos ou mortos”;	
P.8	- “não, não, não, nunca (quis voltar à instituição)”; - “fui muito maltratada pelas outras crianças, no tempo em que lá estive, porque elas tinham inveja da minha relação com a minha mãe, que na altura não era minha mãe ainda”; - “eu lembro-me do tempo em que lá estive e arrepio-me”; - “por isso não, eu nunca quis voltar”;	- desinteresse em retornar à instituição; - experiências de <i>bullying</i> na instituição; - memórias negativas em relação ao período vivido na instituição; - desinteresse em viver com a família biológica; - desejo de não viver com a família adotiva; - negligência por parte do pai adotivo;

- “não nunca (quis voltar a viver com a família biológica)”; - “mais depressa tinha vontade de ir viver sozinha e sair de casa, agora voltar para a minha família biológica nunca”; - “o que eu pensava era ‘deixa-me acabar a Licenciatura para eu ir viver sozinha, estou farta disto... deixem-me em paz... quero paz e independência”; - “porque depois de a minha mãe falecer eu achei que as coisas em casa iam melhorar, que o meu pai ia deixar de beber e começar a cuidar como deve de ser do meu irmão, mas não foi isso que aconteceu”; - “as coisas pioraram bastante, se ele já me batia quando a minha mãe era viva, depois só ficou pior”; - “eu é que passei a ser responsável por tudo o que cabia ao meu irmão, como cozinhar as refeições, tratar das roupas, ajudá-lo com as coisas da escola, tipo, garantir que ele fazia os trabalhos de casa e assim”; - “o meu pai só piorava as coisas, por exemplo se o meu irmão quisesse comer porcarias, o meu pai ainda brigava comigo para não insistir que ele comesse a comida que eu tinha feito”;	- adição ao álcool por parte do pai adotivo; - comportamentos agressivos por parte do pai adotivo; - assunção precoce de grandes responsabilidades familiares/parentais; - sentimento de solidão; - experiências de abuso e maus-tratos parentais;
--	--

	- “se eu insistia para ele fazer os T.P.C. e ele não queria, o meu pai dizia ‘deixa-o em paz’”; - “eu sentia-me muito sozinha, muito sobrecarregada e como uma empregada basicamente”; - “eu já fui muito maltratada pelo meu pai”;	
P.9	- “isso sim, especialmente no início porque eu estava habituado à instituição, às pessoas de lá, aos miúdos, a tudo”; - “era o mesmo que pegassem em ti e te levassem para outro país, longe de tudo, e te apresentassem um monte de pessoas novas de uma vez só”; - “foi demasiado de uma vez só”; - “tu ainda estás numa fase de adaptação ao teu pai, à pessoa que te foi buscar e de repente tens de colocar dezenas de nomes novos na tua cabeça e perceber o grau de parentesco de toda a gente”; - “por isso sim, no início eu quis voltar para aquilo que eu já conhecia, para o que me trazia paz”;	- desejo de ser recolocado na instituição; - nostalgia em relação à instituição e aos vínculos afetivos lá estabelecidos; - dificuldades na adaptação ao novo ambiente e às pessoas; - sobrecarga de informação;